

A'

SUA Magestade Imperial

O Senhor

D. PEDRO I.

A Principal Honra, que os sabios da antiguidade tributarão aos Fundadores dos Imperios, teve por motivo a consideração de estabelecerem a Moralidade Nacional como a Solida Base do Edificio Politico. O immortal Lyrico amigo de Augusto bem o advertio, que as mais sãs Leis do Imperio Romano se constituirão vãs sem bons costumes do Povo. Sendo objecto de geral censura a decadencia da Moral Publica, pelo contagio da infidelidade, propagado nas Revoluções de ambos os Hemispherios, he digno do GRANDE CHARACTER de VOSSA Magestade Imperial o Dar Patrocinio aos estudos das doutrinas que podem contribuir a formar Cidadãos de Heroico Espirito Publico, e ao mesmo tempo excitar virtuosa emulação nos Engenheiros Brasileiros, para com seus escriptos e exemplos darem credito ao Imperio do Brasil em tão importante repartição dos conhecimentos humanos. Eis, Senhor, a razão porque me animei a supplicar a VOSSA Magestade Imperial a Mercê de Permittir-me que dedique ao Seu NOME esta synopse litteraria de huma Sciencia, que deve fazer mui essencial parte da INSTRUÇÃO PUBLICA.

José da Silva Lisboa.

d

CONSTITUIÇÃO MORAL,
E
DEVERES DO CIDADÃO.
COM EXPOSIÇÃO
DA
MORAL PUBLICA
CONFORME O ESPIRITO
DA CONSTITUIÇÃO DO IMPERIO.

PARTE I.

P O R

JOSÉ DA SILVA LISBOA.

*Nemo illic vitia ridet, nec corrumpere et corrumpi
saeculum vocatur: plus que ibi boni mores va-
lent, quam alibi bonae leges.*

Facit. de Morib. Germ. Cap. XIX.



RIO DE JANEIRO.
NA TYPOGRAPHIA NACIONAL. 1824.

V
140
0385
emd
1824

DOAQAQ

CONSTITUIÇÃO MORAL

DEVERES DO CIDADÃO

COM EXPOSITIVO

DA

MORAL PÚBLICA

CONFORME O ESPÍRITO

DA CONSTITUIÇÃO DO IMPÉRIO

MANUSC. N.º

108

JOSE DA SILVA LISBOA

Impressão e distribuição em conformidade com o art. 171 da Constituição do Império de 1824. Rio de Janeiro, 1824.

RIO DE JANEIRO

DA TIPOGRAPHIA NACIONAL 1824

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado
sob número 9567
do ano de 1946

DOAÇÃO

INTRODUÇÃO.

Constituição Política, e Direitos do Homem, tem sido, desde a Revolução d'America, objectos da mais porfiada e perigosa discussão no Velho e Novo Mundo; mas não se tem com igual empenho examinado as verdadeiras bases da *Constituição Moral, e Deveres do Cidadão*, cuja recta intelligencia, e exacta observancia não menos importão ao Bem Geral, e ainda mais influem na felicidade dos Povos, e duração dos Estados, em qualquer fórma de Governo.

Na Constituição do Imperio do Brasil, Tit. 8.º Artigo 179 §. 9. se declara, que “ninguém pôde ser perseguido por motivo de Religião, huma vez que respeite a do Estado, e não offenda a *Moral Publica*. „ No Tit. 1.º Artigo 5 se expressa que “a Religião Catholica, Apostolica e Romana, continuará a ser a Religião do Imperio. „ Não ha duvida qual ella seja, por constar do Cathecismo que a Igreja nos ensina: mas em que consiste a *Moral Publica*, a Constituição o não expressa, talvez por subentendida no sentido Nacional, e até o presente não ha uniformidade de opinião entre Moralistas severos, ou relaxados. Convem pois sobre esta materia de summa importancia fixar o espirito da Legislação Fundamental, expondo as solidas bases da *Constituição Moral, e Deveres do Cidadão*.

Moral Publica entende-se pela *Moral Uni-*

versal, que fórma o que se chamão *Bons Costumes* em todos os Povos de consideravel gráo de civilisação.

Parecia superfluo inquirir o em que consiste a Moral Publica, quando he reconhecido, que a *Moral Pura* se acha no Evangelho de — *Gloria á Deos, e paz aos homens benivolos* —, que nos revelou o Salvador do Mundo, nosso Divino Mestre da Religião Christãa, e que fez tão Grande Era nos Annaes da Sociedade. Isto até o confessa hum dos maiores scepticos, e apostata da Igreja Catholica, o famoso Escriptor da = *Historia da Decadencia do Imperio Romano* = Gibbon, que no Capitulo 15 conta a *moral pura e austera* da Religião Christãa como huma das naturaes causas da sua prodigiosa propagação, notando que “ ella suavemente se insinuou no espirito dos homens, cresceu no silencio e escuridade, adquirio novo vigor com a opposição, e á final arvorou a triumphante bandeira da Cruz sobre as ruinas do Capitolio; e depois de decorridos tantos seculos, ainda he professada pelas Nações da Europa, que formão a porção do Genero Humano mais distincta nas Artes e Sciencias, sendo pela industria e zelo dos Europeos espalhada nas mais distantes regiões d’Africa e Asia, e firmemente estabelecida n’America desde o Canadá até o Chili. „

Não obstante esta excellencia, depois que no seculo passado se começou a atacar, não só a Religião Revelada, mas tambem a Religião Natural, e a Moral reconhecida em as Nações mais cultas da Europa, por Literátos presumidos, que jactanciosamente se intitularão *filhos da luz, livres*

pensadores, e espiritos fortes, superiores aos prejuizos do vulgo; surgirão infieis e athêos, que com escriptos libérrimos e impios apregoarão hum monstruoso *Systema da Natureza, e Constituição da Humanidade*, que tem sido huma das causas mais poderosas da Corrupção da Moral Publica; o que he lamentado por sabios orthodoxos, e pelos Governos regulares, que tem visto os seus fataes e extensos effeitos na começada desorganisação da sociedade, e ruina do edificio de civilisação; o que ainda ora influe no estado convulso em que se acha hum e outro Hemisphério.

Em Inglaterra, onde muito se tem cultivado os estudos da *Sciencia Moral*, o celebrado Escriptor Classico da Historia do seu Paiz *David Hume* pensou oppor barreira ás doutrinas erroneas dos antecessores, offerecendo, entre varios *Ensaios Philosophicos*, hum *Systema de Moralidade* fundado na *Utilidade do Genero Humano*: mas desconfiado de si mesmo, assim diz na = *Inquirição concernente aos Principios da Moral* = na conclusão da Parte I. Secção IX. “ Quando reflecto, que se tem medido e delineado o volume e a figura da Terra; dado razão dos movimentos das marés; descoberto as Leis das orbitas dos Corpos celestes; reduzido á calculo o mesmo INFINITO; e todavia os homens ainda disputão sobre os *fundamentos de seus deveres moraes*; desfalleço com a desconfiança, duvida, e suspeita, se he justa a hypothese que proponho; visto que, sendo tão obvia, se fosse verdadeira, já á muito tempo seria recebida por unanime Voto e Consenso do Genero Humano. ,,

De facto, a sua hypothese não satisfaz

aos espiritos rectos: até o seu grande amigo e admirador *Adam Smith*, não concordou, e offereceo nova *Theoria dos Sentimentos Moraes*, que teve esplendida acceitação na Republica das Letras. Mas, havendo-se dirigido unicamente pela *luz da razão*, deixou os espiritos perplexos sobre o *Principio Cardeal* e Constituinte da Moralidade dos actos humanos. O mesmo se tem objectado á varios successores, aliás eminentes em Obras Moraes, á muitos respeitos instructivas, como *Ferguson*, *Reid*, *Stewart*; excepto *Paley*, *Esling*, *Gisborne*, *Layman*. Isto assaz convence o egrégio Professor da Cadeira de Moral na Universidade de Edimburgo na sua insigne obra posthuma, que alli se deo á luz em 1820 com o titulo de *Leituras da Philosophia do Espirito Humano*, e o judicioso Redactor da Nova Encyclopédia de Edimburgo no Artigo — *Moral*. —

Na França, que antes se prezava de *Reino Christianissimo*, depois que o seu intitulado *Bello Espirito*, e *Idolo do Seculo*, — *Voltaire*, emprehendeo ridicularisar, em prosa e verso, os sentimentos religiosos e Moraes, que doutrinarão os eminentes sabios de seu paiz, taes como *Bossuet*, *Fenelon*, *Rochefocault*, *La-Bruyere*, que tanto illustrarão o Seculo do Monarcha Luiz XIV; (fazendo todavia, á seu geito, breve Poema da Religião Natural, de moral commoda aos de sua Seita) a Mocidade da Europa em grande parte se perverteo, e com a corruptéla se preparou a Catastrophe Revolucionaria de 1799. Depois de varios Cathecismos de Libertinagem, appareceo em 1793 huma obrinha superficial, mas especiosa, do Escriptor das — *Ruinias de*

Palmyra, — *Volney*, (que com as declamações do seu phantastico *Genio* tanto afogueou os fachos da Revolução,) á que deo o titulo de — *Lei Natural* — ou *Cathecismo do Cidadão Francez*, o qual (se he possivel) ainda he mais sophistico, e pestifero. Bem que nelle reconheça a existencia de Deos, comtudo reduz a Moralidade á Materialidade, e o Dever á calculo de interesse, restricto á conservação e felicidade da vida presente. He notavel, que dêsse á luz esse opusculo, quando os impios revolucionarios, destroindo a Monarchia, e proclamando a Republica, levarão o delirio ao excesso de commetterem o mais diabolico Sacrilegio de na Cathedral de París elevarem altar á *Deosa da Razão*, com as mais horribilidades notorias.

Correndo este e outros perniciosos livros Francezes devassamente no Brasil, he do dever de todos que desejão a pureza da Moral Publica do Imperio para se generalisar o genuino character do *Cidadão probo*, oppor, quanto em si estiver, antidoto literario á taes drogas gallicas, que são mais mortiferas que os venenos de Colchos. Tal he o proposito do trabalho que apresento á Indulgencia Nacional, e que emprehendi entre muitos encargos de officio, já valetudinario, no ultimo quartel da vida, estando quasi nas raias da eternidade. Tomei a seguinte lição de hum dos mais pios Moralistas da Gram Bretanha *Hugh Blair*: “Huma parte mui substancial do dever dos *idosos* consiste em estudar ser util á geração, que lhes hade succeder. Aqui se abre extenso campo, em que possão empregar o resto de seus dias em promover a felicidade do Genero Humano. A’

elles pertence communicar aos jovenes o fructo de sua longa experiencia, instruillos nos bons costumes, e advertir-lhes os perigos da vida, moderando com prudentes conselhos o seu precipitado ardor, e, tanto por preceito, como pelo exemplo, formallos á piedade, e á virtude. ,,

Ainda que não seja o objecto deste trabalho examinar os fundamentos da Religião do Imperio, por me dever restringir á Exposição dos *principios moraes*, manifestos pela consciencia, razão, e unanimidade dos sentimentos das Nações mais civilisadas, comtudo sempre terei por Guia a Revelação Evangelica, que não veio abolir, mas preencher, a Religião Natural (base da Moral Publica) dando Authoritativa Sanção ás Verdades Capitaes da mesma, sobre que antes vacillarão os Sabios da Gentilidade, trazendo, (como diz o Apostolo das Gentes) *vida e immortalidade á luz*, e propondo *Mandado Novo*, e systema de *Excellencia Moral*, para erguer a decahida Constituição da Humanidade, e segurar a felicidade dos obedientes á Lei do Creador na vida eterna.

Sendo necessario alimpar a área do terreno antes de fazer o edificio, primeiro exporei os dogmas e erros dos antigos e modernos mais correntes Systemas de Moral Publica; depois farei a inquirição de suas verdadeiras *Bases*, e por fim indicarei a analyse dos *Deveres Moraes*. Portanto esta obra conterà tres Partes. Contra os Censores, que, blazonando das *luzes do seculo*, estranharem o recorrer eu, como á fonte limpa, á *Religião Christãa*, para confirmar as fundamentaes doutrinas da Moral Publica, só digo,

que até *Locke* reconheceo no Evangelho a PALAVRA DA VIDA ETERNA, sempre firme na crença do Christianismo; e *Newton* fez commentario ao *Apocalypse*, extasiando-se com a mysteriosa delineação do futuro estado de retribuição dos bons e máos no Mundo invisivel.

Contra os Revolucionarios acachapados no Brasil, ou já escancarados em Pernambuco, que no seu *Manifesto* traidor propozerão de proximo para os Povos desta Região Solar *Bases* de huma *Constituição sem Religião*, só opponho o que bem disse o Heroico Antagonista dos Anarchistas, e Infieis de todos os Estados — *Edmundo Burke* —, celebrado Parlamentario de Inglaterra, que salvou a seu Paiz de cahir no Chaos da Irreligião e Immoralidade do Reino vizinho, fazendo a seguinte *Protestação de Fé* nas suas admiradas e admiraveis *Reflexões contra a Revolução da França*, de que dei *Extractos* em 1812. “ Conhecemos, e he o nosso timbre confessar, que o *homem* he, pela sua *Constituição*, hum *animal religioso*; e que o atheismo he não só contra a nossa razão, mas tambem contra os nossos instinctos. Se, em algum momento de loucura, rejeitassemos a *Religião Christã*, que até o presente tem sido o nosso brazão e conforto, e huma grande fonte da nossa *Civilização*, e de outras Nações, havemos temor justo de que o *vazio* se encha pela mais incoherente, perniciososa, e vil de todas as superstições. „

Para os que não forem satisfeitos com esta authoridade tão respeitavel, accrescentarei a do mais popular Moralista de Inglaterra, *William Paley*, o qual na sua Obra

sobre as *Evidencias da Religião Christã* assim diz na Parte II. Cap. II., onde expõe a *pura moral* do Evangelho pag. 62 da nova edição de 1816.

“ A Religião Christã prescinde de discussões das differentes formas de governo. Os Politicos disputão sobre preferencias das Monarchias, Aristocracias, e Republicas: mas o Evangelho he igualmente applicavel, util, e amigo, á todas as Constituições, porque: 1.º O seu destino foi fazer os homens virtuosos; e he incontestavel, que, seja qual for a Constituição do Paiz, sempre he mais facil governar os homens bons que os máos: 2.º Ordena obediencia ao Governo estabelecido, não meramente como submissão á força, mas como dever da consciencia: 3.º Fôrma as disposições favoraveis á tranquillidade publica, recommendando aos Christãos o viverem *quietamente*, cada hum na sua esphera e honesta industria: 4.º Manda orar por todas as Communidades e seus Regedores, a fim de que o Soberano do Universo os illumine, para a governança regular, e felicidade Humana. „

Com estas doutrinas se tem formado o Character Moral dos Inglezes, tão distinctos por isso em Estabelecimentos de caridade, para soccorro dos pobres, enfermos, prezos, expostos; para *Suppressão do Vicio*; para a educação do povo; para a estabilidade da Fé Publica, e Mercantil, &c. Porisso alli não se admittre em companhia de pessoas de honra discurso ou escripto que offenda a Religião Christã, e a Moral Publica. Esta geral e tacita censura obsta á infidelidade e immoralidade levantar cabeça, não obstante

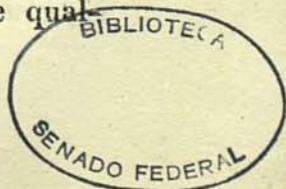
os clandestinos esforços do Archi-revolucionario *Thomaz Paine*, que, com os seus folhetos dos falsos *Direitos do Homem*, é phantastica *Idade da Razão*, fez a tentativa de corromper o bom natural dos Bretões; tendo porisso sido proscripto pelo Governo com alguns de sua má indole, que ainda ora estão minando a Constituição do Estado, illudindo as classes infimas com vãs promessas de Reforma Radical Politica, havendo alias mostrado a Historia ser inefficaz a melhora da sociedade sem se generalizarem os bons costumes em todas as classes. A estes respeito, almêjo que a Nação Brasileira tenha por modêlo, e sobreexceda, a Nação Britannica. Praza ao Cee, que os Habitantes do Brasil possam merecer o elogio, que o profundo observador da Natureza Humana *Tucito* fez aos antigos Allemães na sua immortal historia das maneiras desse povo celebre, e que tomei por epigraphie desta obra: “ *Ninguem alli se ri dos vicios, nem corromper e ser corrompido se chama — andar com o seculo: mais ahi valem os bons costumes, que em outros Paizes as boas Leis.*”

ADVERTENCIA.

O Estudo da Sciencia Moral tem sido pouco attendido, por se haver considerado não differencar da *Casuistica Escolastica*, que, não se fundando em Principios da Contituição da Humanidade, estabelece por bases as authoridades e decisões arbitrarías dos appellidados *Casuistas*, que tem propagado doutrinas de Moralidade relaxada, ou rigorosa, só propria a palliar o Vicio, e descorçoar a Virtude. A genuina Sciencia Moral he com especialidade objecto digno do patrocínio dos Regedores das Nações, que summamente interessão em dar Bons Costumes á seu povo, e com moralidade esclarecida, que o remove não menos de licenciosidade, que de rudeza na conducta; sempre firmes na regra, que, para se fazer amar o paiz, he preciso constituillo amavel, e de maneiras doces e polidas.

Espero que os Leitores benignos me re-levarão o apresentar-lhes aqui hum Monumento Exemplar desta importante verdade, por ser menos conhecido, e consta da Historia de Inglarerra, que se honra de haver tido por Instructor da Moralidade Nacional a hum dos seus Reis, que reinou no seculo nono. O celebrado Historiador da Nação Inglesa *David Hume* assim com sua penna de Mestre delineou o Character desse inelyto Soberano, que diz ter merecidamente alcançado o Nome de — ALFREDO o Grande, e o Titulo de *Fundador da Monarchia Britannica*

“ O merito deste Principe, tanto na vida particular como na publica, se póde com vantagem pôr em parallelo com a de qual



quer cidadão e Monarcha, que os Annaes de alguma Idade ou Nação nos apresentão. Parece ser o completo modelo de hum *caracter perfeito*, que, sob a denominação do homem sabio e prudente, os philosophos tem sido porfiosos em delinear, mais como ficção de sua phantasia, do que com esperança de jámais o ver realisado na prática.

“ Tão felizmente forão reunidas todas as suas Virtudes, e tão justamente entrelaçadas, que prevenirão exorbitar alguma dellas dos seus proprios marcos ! Elle soube conciliar o espirito mais emprehendedor com a mais fria moderação ; a mais obstinada perseverança com a mais facil docilidade ; a mais severa justiça com a maior brandura ; o mais forte vigor no mando com a maior affabilidade no proceder ; a mais alta capacidade e inclinação para a sciencia com os mais brilhantes talentos para a acção.

“ As suas Virtudes civis e militares são quasi igualmente objectos da nossa admiração ; só com a differença, que, sendo as virtudes civis mais raras entre os Principes, sendo aliás as mais uteis, reclamão com especialidade o nosso applanso. A Natureza, como se fosse anciosa de assoalhar na mais viva luz tão esplendida producção de sua sabedoria, tambem lhe deo todas as prendas corporaes, com vigor de membros, dignidade do aspecto e porte, e huma physionomia agradável, que manifestava a candura do coração.

“ Para melhor guiar os Magistrados na Administração da Justiça, Alfredo formou hum Corpo de Leis ; que, supposto se perdesse, com tudo servio longo tempo de base da Ju-

A D V E R T E N C I A .

risprudencia Inglesa, e he geralmente estimado ser a origem da que se denomina *Lei Commum*.... Não obstante porém o rigor da justiça, este grande Principe manifestou o mais sagrado respeito á liberdade de seu povo, e preservou em seu Testamento este sentimento, digno de memoria; alli declarando ser justo, que os Ingleses permanecessem para sempre tão livres como os seus proprios pensamentos.

“ Como em todos os seculos a boa moral e a solidu sciencia são quasi inseparaveis, o cuidado de Alfredo em animar a Literatura dos seus subditos, se distinguio em promover os estudos da Legislação, e a reforma dos dissolutos e barbaros costumes dos Ingleses, que achou submergidos na mais profunda ignorancia e barbaridade. O Rei foi nisso guiado, não tanto por vistas politicas, quanto pelo seu natural amor ás Letras. Para conseguir os seus fins, este Principe convidou os mais celebrados Mestres de sciencias de todas as partes da Europa; estabeleceo Escolas por toda a parte para instrucção do povo; fundou, ou reparou, a Universidade de *Oxford*, e a dotou com muitos privilegios, rendas, e immunidades; obrigou per Lei a todo o proprietario e lavrador de terras de certa extensão a mandarem seus filhos ás Escolas publicas; e só promovia para os Empregos da Igreja e do Estado os que se mostrassem provectos nos conhecimentos necessarios. Por estes expediente teve o prazer de ver, antes da sua morte, grande melhora no paiz; e em huma obra (que ainda resta) elle mesmo se congratula do progresso, que a Literatura pela sua Protecção havia já feito em Inglaterra.

A D V E R T E N C I A .

“ Porém o mais effectivo expediente empregado por Alfredo para animação da Literatura, foi o *seu proprio exemplo*, e a constante assiduidade, comque, não obstante a multidão e urgencia dos grandes negocios do Estado, se entregava ao estudo das sciencias. Pela regular distribuição do seu tempo, não obstante ser afflicto com graves enfermidades, e não ter tido vida longa, adquirio mais conhecimentos, e compoz mais livros, do que os homens mais estudiosos, ainda nos mais afortunados seculos, que fizeram da Literatura o objecto de sua não interrompida industria. Reconhecendo Alfredo, que o povo em todos os tempos, especialmente quando os seus entendimentos estão obstruidos por ignorancia e má edueação, não são capazes de instrucção especulativa, esforçou-se em dar á seus subditos lições de moralidade por apologos, parabolos, anedotas, apophtegmas, compondo tudo em verso para melhor propagar o ensino. Até fez a traducção das elegantes fabulas do Esôpo, do Original Grego; e tambem traduzio as historias de *Orosio*, a *Béda*, e a obra de *Boccio* sobre a *Consolação da philosophia*. Julgou com razão este Príncipe, que em nada se derogava a dignidade dos seus grandes caracteres de Soberano, Legislador, Guerreiro, e Politico, o ser o Director dos Estudos do seu povo, especialmente nos estudos da *Boa Moral*.

CONSTITUIÇÃO MORAL,
E
DEVERES DO CIDADÃO.

PARTE I.

Dos Systemas de Moral Publica.

CAPITULO I.

Da Constituição da Especie Humana.

P*Hilosophia Moral* tem por objecto inquirir a Constituição Moral, não a Constituição Physica, da Especie Humana. Ella se póde dizer a *Sciencia dos Bons costumes*, ou do melhor *Systema da Moral Publica*, conforme as luzes da Razão, auxiliada pela Revelação. Pertence-lhe investigar os motivos e as regras dos actos dos homens, quando obrão como entes racionaes e livres, e os fins á que se devem dirigir para obterem a felicidade de que são capazes. Para esse proposito convem indagar as originaes distineções do *justo e injusto*, *bem e mal*, *virtude e vicio*, e os indispensaveis deveres que cada hum he obrigado a satisfazer para com Deos, para consigo, para com os seus semelhantes, para com o Governo do paiz, e ainda para

com todos os povos. Pertence-lhe finalmente examinar a causa do Phenomeno Moral, que se vê em todos os paizes, ainda salvagens e barbaros, da instinctiva e instantanea *Approvação e Complacencia*, que todo o homem experimenta a respeito de certos actos de justiça e benevolencia, proprios e alheios, e de *Desapprovação e Remorso* á respeito de outros actos de contraria natureza, e tendencia malefica ao Genero Humano, sendo perpetrados intencionalmente por quem chegou ao uso da razão.

Não he objecto desta Sciencia inquirir a Constituição Physica da Especie Humana, por ser isso da Esphéra dos Physiologistas; — Os Moralistas se restringem ás considerações das primitivas causas, e constantes effeitos, da boa ordem da Sociedade, examinando os *principios geraes*, que predominantemente influem na paz, melhora, e extensão das Associações civis, pela actual Constituição Moral da nossa natureza, e, em consequencia, pondo as Bases da Jurisprudencia Universal, e da melhor Constituição Politica dos que se dizem *Estados bem morigerados*. Prescinde-se por tanto aqui da questão, se a raça humana se acha physicamente degenerada de sua primordial belleza, estatura, e robustez. Convem com tudo advertir, que, não obstante a diversidade das côres e feições que se vem nos habitantes das diversas Partes do Globo, a sua organização he substancialmente identica. Modernamente se tem inculcado hum systema phantastico dos Physiognomistas, e Phrenologistas, os quaes sustentão, que os homens se distinguem por sua especial organização para fazerem certos actos intellec-

tuaes e moraes, de sorte, que até se lhes attribue privativo *orgão religioso*, dizendo, que alguns o não tem. Mas tal systema he rejeitado por sabios Naturalistas e Anatomicos, que conceituão a seus defensores por *Materialistas* *. Os Portuguezes e Hespanhoes, para terem pretexto de reduzir á captivo, ou exterminar sem remorso, os habitantes d' Africa e America que descobrirão, se animarão a offender a Humanidade e a Religião, dizendo, que erão castas distinctas dos brancos da Europa e Asia, e inferiores em faculdades, e até meros brutos. Ainda neste seculo nas Côrtes de Hespanha hum dos Deputados Europeos teve o despejo de affirmar, que ainda se duvidava á que classe de animaes se deverião classificar os Americanos. Porém o illustre *Buffon* assaz mostrou, que os animaes, que, sendo cruzados, propagação, são de natureza homogenea. Ora he constante, que os negros e indios pela communicação sexual com os brancos, alvê-jão com a physiognomia dos pais, e perpetuão a sua progenie, e *vice versa*. Isso prova a homogeneidade da Especie **. Porisso em todas as regiões da Terra se achão nos seus habitantes os mesmos instinctos e sentimen-

* Os Doutores *Gall* e *Spurzheim* tem sido os acerrimos entusiastas propagadores de tal systema: elles se arrogão a enigmatica sciencia de só pelas *caveiras* conhecer-se quem foi mathematico, ladrão, lascivo, matador, cruel.

** Nos Actos dos Apostolos Cap. 18 mui expressamente se declara, que todos os homens nascerão do mesmo pai commum, e que Deos (depois da dispersão das gentes que a Escriptura refere) lhes demarcou limites de habitação na Terra.

tos dos mais remotos e infalliveis resultados das boas ou más acções, isto he, das que se accordão ou encontrão ao interesse do Genero Humano.

C A P I T U L O II.

Da Decadencia da Constituição Moral do Homem.

HE incontestavel, que a Constituição Moral do homem não he actualmente a que foi na origem dos seculos, ainda só consultando-se a razão, e a tradição.

Em todos os paizes se acha immemorial crença, do que a natureza e condição humana fôra melhor do que depois existira; e que lhe sobreviera fatal calamidade immensa, que a reduzira ao inferior e miseravel estado, o qual sempre se perpetuou, não obstante os progressos da civilisação. Os Poetas, que forão em todas as idades os Guardas das antigas tradições, e que as transmittirão aos vindouros pelo grato instrumento da versificação, cantarão a intitulado *idade de oiro*, em que todos os homens erão justos e benevolos, vivendo em harmonia e companhia, ainda das fêras, dando a terra sem penosa industria tudo o necessario e delicioso á vida; e lamentarão, com horridos quadros, o cargo de males physicos e moraes, com que foi afflicta a Humanidade, e sujeita á duro trabalho, ao medo dos brutos, e ao furor dos improbos, que não conhecião, nem usavão, senão o *direito da força*, ou fraude, destruindo por milhares a seus semelhantes, e

commettendo toda a casta de malfetoria, contra a manifesta ordem da natureza, e á despeito dos instinctos da sociabilidade, e reciproca sympathia e benevolencia.

Os Philosophos que procurarão saber as causas dos phenomenos physicos e moraes, notando os contrastes, entre os communs sentimentos bons e uteis á toda a especie, e os factos desordenados de grande numero de individuos, e a forte propensão e tentação de quasi todos para fazerem o que he contrario ao bem geral, e ainda ao proprio entendimento, e verdadeiro interesse, introduzirão o *Systema dos Manichéos*, que sustentavão haver Bom e Mal Principio, que alternativamente exercia o seu influxo, e poder nos actos humanos.

Nota-se ainda nas mais cultas Nações o terrivel apparatus de cadeas, patibulos, e Força Civil e Militar, organizada para, com o terror da pena e guerra, resistir-se aos malvados, e inimigos internos e externos, por justamente suppôr-se sempre activa a malicia dos homens para turbarem a Ordem social. Até no estado de paz, e em paizes da mais vigorosa Legislação, e vigilante Policia, nenhum Cidadão se considera ter segurança de sua pessoa e propriedade, sem ter armas domesticas e fortes fechaduras em portas, gavetas, além de outras cautellas.

O abuso da liberdade, e excesso das paixões, são os incessantes themas das queixas dos Moralistas e Estadistas, ainda nos Estados da melhor Constituição e Administração.

Em todos os seculos se acharão povos em estado salvagem, vivendo à maneira de feras, exterminando cruamente as tribus vi-

zinhas, e com summa difficuldade se resolvem a civilisar-se, e renunciar aos seus des-humanos habitos, e absurdas e sanguinarias superstições. Esta verdade triste, mas de universal experiencia, inspirou aos homens sabios e probos da antiguidade depois da invenção da arte da escripta a formarem Cathecismos e Documentos de instrucção moral aos povos; a fim de os habituarem á *Bons Costumes*, inspirando amor á *Virtude*, e odio ao *vicio*, fazendo-lhes ver a utilidade geral, particular, e pessoal, de seguirem aquella, e os ruinosos resultados á si e ao Estado de praticarem este.

C A P I T U L O III.

Dos Classicos Moralistas da Grecia.

A Grecia, original fonte da Civilisação da Europa, teve desde a mais alta antiguidade, Escriptores acreditados, que ensinarão as *Regras da Vida*, e a Moral Publica, para inspirarem sentimentos, e habitos virtuosos, e especialmente o heroico patriotismo, a fim de fazer prosperar os Estados. Os Poetas forão os primeiros Moralistas; e entre estes se distinguirão *Hesiodo*, *Homero*, *Esópo*, *Solon*.

Hesiodo no seu poema das *Obras e Dias* tem judiciosos conselhos moraes e economicos, destinados a promover a geral justiça, industria, riqueza, e virtude: elle deo ao seu systema o titulo de *Panolbia*, que significa *Universal felicidade*. He porém censuravel no poema da *Theogonia*, que significa — *Nascimento dos Deoses* —, em que propagou

os erros do *Polytheismo*, e a Idolatria da Gentilidade, multiplicando por milhares as Divindades de hum e outro sexo, com todos os defeitos, vícios, e crimes dos homens. Portanto o seu systema de Moralidade era só proprio a perverter os espiritos, e arraigar as superstisões do vulgo.

Homero teve mais exactas idéas do Ente Supremo, ainda que em seus poemas da *Iliada* e *Odysséa* adoptasse a crença popular de divindades subalternas; frequentemente contudo inculcando a existencia e omnipotencia de hum Poder Creador — *Pai dos deoses e dos homens*. — Igualmente reconheceo e inculcou a verdade (que era de immemorial tradição) de huma vida futura, e estado de justa retribuição das boas e mais acções, com perpetua felicidade dos virtuosos, e miseria dos scelerados. Tambem hum dos seus constantes principios moraes he a submissão e resignação dos homens á vontade e providencia daquelle Alto Poder, e a necessidade da sua ajuda para terem feliz exito as causas humanas. Porisso tem sido censurado por falsos criticos modernos, porque nas suas Epopéas representa os Heróes mais distinctos não dando hum passo sem a tutela de alguma Divindade propicia. Esta doutrina, ainda que imperfeita, tinha, pelo menos, o bom effeito de abater o orgulho dos soberbos, e convencer a todos da fraqueza da virtude, não sendo auxiliada pela Divina Protecção.

A este respeito he notavel a anecdota da recommendação, que *Telamon*, Rei da Ilha de Salamina, fez á *Ajax*, expedindo-o para a guerra dos Principes da Grecia, confederados contra o Tyranno de Troia: “ Filho? esforça-

te a vencer com os deoses, nunca sem elles., Ao que o Joven replicou: " Com os Deoses até os cobardes vencem; eu vencerei sem o seu escudo., O Poeta, para dar a lição moral, refere a immediata pena da insolencia, que foi o ser abandonado pela Deosa Pallas, antes sempre a protectora de seu pai; do que resultou perder a razão, e, como louco, servir de rizo no campo dos guerreiros açoiando carneiros, cuidando destruir rivaes. Esta instructiva scena se representava no Theatro, em sublime tragedia de *Sophocles do Ajax Mastigophero*.

Em honra de Homero se pode dizer que: 1.º O fundo moral do poema do *Telemacho* de Mr. de *Fenelon* foi extrahido da *Odysséa*: 2.º Mr. de *Rollin* no seu *Tratado dos Estados* collegio, e propoz para instrucção da mocidade (com as advertencias necessarias) as doutrinas religiosas, e moraes daquelle *Epi-co*: 3.º Mr. *La-Harpe* no seu *Curso de Literatura* Tom. I. Cap. IV., não só se conforma ao juizo do Mestre da *Critica Horacio*, que exalta a Homero, quanto a moral, acima de *Chrysippo* e de *Crantor*, que forão Chefes de Escola de Moralidade no *Portico*, e *Academia* de Athenas; mas tambem o louva pela lição religiosa, com que figura a Jove ordenando á *Thetis* ir intimar as suas vinganças á *Achilles*, por não só ter morto a *Heitor*, heroico defensor de seu paiz, mas até recusar-lhe as honras da sepultura. Sobre o que aquelle egregio Literador bem reflecte: " Assim os deoses e os homens se reúnem para condemnar o que he vicioso. Elle, para instruir-nos, serve-se do mesmo genio poetico, que tinha empregado para nos mover. Não he

isto encher elle de huma vez todos os seus deveres? Podia elle fazer mais? ,,

Solon, Legislador de Athenas poz em verso os Regulamentos do Estado, addindo lições moraes para exaltar o patriotismo do povo. Huma das suas regras era, que todo Cidadão deve considerar o Estado com a reverencia que os filhos olhão ao Pai, e jámais fazer *bem á força*, ainda que o projectista do melhoramento publico esteja sinceramente convencido da bondade do seu plano; attendendo mostrar a experiencia, que, sem estar o povo assaz preparado, por luzes correntes, para alteração das Leis, muito se arrisca a tranquillidade do paiz o mudar-se para peor o governo. Porisso, quando offereceo a sua Legislação recommendavel, fez a sua apologia dizendo, que *não havia dudo aos Athenienses as melhores leis, mas sim aquellas que o povo podia supportar.*

Conven não omittir, que na dita Republica muito se protegia o Theatro Nacional, o qual era sustentado á custa do Thesouro Publico. Nisso havia excesso de se terem por lei consignado grandes privativos fundos, de que não se podia propor diversa applicação, sob pena de morte. Isto objectou aos Athenienses o Principe de seus Oradores Demosthenes, quando Philippe de Macedonia marchava á passos de gigante para a Conquista da Grecia sem opposição de Athenas pela venalidade dos Demagogos, que não querião tocar nos ditos fundos para a salvação do Estado, por servirem para a *Escola Moral*. Tanto nas Tragédias, como nas Comedias, huma das partes mais interessantes da peça era o *Córo*, em que apparecião Actores fazendo ob-

servações moraes em versos que o povo tomava em memoria, e que são citados no Fôro nas fallas dos Advogados, como authoridade respeitavel. Até o dito Demosthenes as recitava. He notavel a sentença que se acha em huma das suas mais celebradas Orações da *Embaixada*, descrevendo o character que devem ter os Homens Publicos, para bem servirem á Patria, ostentando fortaleza em dar seus pareceres:

*O Conselheiro de Estado,
Que d'optimo voto aberra,
É por medo a bocca cerru,
Pessimo sempre he julgado.*

Não se póde contestar o bom effeito que tudo isto produzia na Moral Publica do então mais civil povo da Grecia, accostumando a todas as classes de Cidadãos ao intenso amor da patria, e não menos á veneração da *justiça*, para a preferirem ainda á *utilidade* do Estado. Nesta parte os Athenienses se distinguirão dos mais povos daquella Península. Bastará memorar aqui o seguinte heroico exemplo.

Aristides, supremo Magistrado de Athenas, pela sua constante eminente probidade obteve a honra de lhe dar o povo o titulo *justo*. — *Themistocles*, o famoso vencedor na Batalha Naval de Salamina, em que destrio a immensa Armada do Rei da Persia, propoz na Assembléa do Estado hum projecto de summo interesse á Republica; guardando porém o segredo, requerendo, que se ordenasse a sua comunicação á pessoa da maior confiança do povo, para fazer delle o rela-

torio, e dar seu voto de approvação, ou desapprovação. Conveio o povo, nomeando *Aristides* para conferir com *Themistocles*. Aquelle probo Magistrado, logo que ouviu a proposta, que era hum seguro estratagemma de queimar a combinada Esquadra dos Gregos, totalmente a recusou, como offensiva da *Fé Publica*, ainda que se persuadissem da possibilidade da execução, e decisiva vantagem do Estado para ficar tendo o Imperio do Mar, e a Supremazia na Grecia. Dando depois conta da sua commissão á Assembleia do Povo, deo o seu voto, que se devia rejeitar o projecto de *Themistocles*; pois, ainda que era *util*, não era *justo*. O Povo sem mais demora conformou-se ao juizo do seu Magistrado Supremo.

Sobre este insigne Documento, ainda que de mui obvia lição moral, e brilhante á todas as luzes, transcreverei o seguinte commentario de hum insigne Moralista na Universidade de Edimburgo: “ Os sentimentos dos Athenienses obrarão com *instinctiva promptidão*; e, confiando no credito de hum servidor Publico, cujo nome estava identificado com a justiça, ordenarão que se rejeitasse o *expediente injusto*, sem mais algum exame. Se obrassem differentemente, o próbo Magistrado poderia replicar-lhes, que a mutua boa fé era essencial á paz e correspondencia das Nações, e que, sem isto, se empenharião em eterna guerra de exterminio de huns contra os outros. ”

CAPITULO IV.

Dos antigos Fundadores de Escolas de Moralidade, e de seus principaes Commentadores.

ZENO, foi o fundador da primeira Escola de Moralidade em Athenas, e o que estabeleceu a intitulada *Seita Estoica*. Elle adquirio tal celebridade, que *Antigono*, Rei de Macedonia, o convidou para a sua Corte, escrevendo-lhe a seguinte Carta, que *Diogenes Laercio* transmittio á posteridade na sua *Obra da Vida dos Philosophos illustres*. “ Em opinião de fortuna, posso considerar ser-vos superior; mas em talento, saber, e felicidade, muito me excedeis. Por esta causa vos escrevo para rogar que venhaes á mim quanto antes; e espero que não recuseis esta rogativa. Apressai-vos, estando certo, que as vossas instruções serão de beneficio, não só a mim, mas tambem á todos os Macedonios. Quem inspira virtude ao Rei, a inspirará tambem ao seu povo; pois qual for o Soberano, tal o subdito na maior parte he disposto á ser. „

A substancia da doutrina de Zeno se acha nas Obras de varios Escriptores: entre os Gregos se distingue *Epicteto*, *Plutharcho*, *Marco Aurelio*; e entre os Latinos, *Cicero*, *Valerio Maximo*, *Seneca*, que se pedem por isso chamar seus commentadores.

Socrates foi outro fundador de Escola Moral em Athenas, que adquirio o nome de *Optimo Mestre da vida*; e até o Oraculo de Delphos o declarou o *mais sabio dos Gregos*. Te-

ve porém a desgraça de ser condemnado á morte por iníquos Juizes, que lhe derão em culpa o ter ensinado a *unidade de Deos*, como a base da Moralidade. O pretexto dos Juizes foi, porque elle com tal doutrina atacava a crença popular da *pluralidade dos Deoses*, que se achava estabelecida pela Religião do Estado. Eis huma das muitas provas da fraqueza da *Razão humana*, e do atrazo de civilisação da Republica, que era havida por hum dos dous *Olhos da Grecia*.

Aristoteles, natural de *Stagira*, fugio de Athenas para a Macedonia, dizendo assim obrar, *a fim de não soffrer a Philosophia segundo assassinato*. Elle alli foi Mestre de Alexandre Magno, e o Coryphêo da Escola Peripatetica, que durou mais de dous mil annos, até que o celebre Inglez, *Bacon de Verulamio*, a fer cessar nas mais cultas Nações da Europa com a introdução da sua *Philosophia Experimental*, que tanto recommendou na sua magistral Obra do *Novo Orgão das Sciencias*. Aquelle philosophó de admiravel engenho ainda conserva o seu credito quanto á sua Obra de *Politica* e *Ethica*. A respeito desta, a sua classificação dos actos humanos moraes, bons ou máos, virtuosos, ou viciosos por *excesso* ou *defeito*, deo o fundo para o Tratado de *Ethica*, ou *Sciencia dos bons costumes*, de S. Thomaz, que tem o titulo de *Regra da Vida*.

Epicteto viveo no primeiro seculo da Igreja, e foi escravo de hum Capitão Romano do Palacio do Imperador Neró. Parece haver tido algum conhecimento da Moral Evangelica; pois consta da Historia Ecclesiastica, que até na familia daquelle perseguidor do Chris-

tianismo, houverão muitos Christãos. Elle fez a sua obra grega *Enchiridion*, que he excellente *Manual de Moralidade*. A sua doutrina he substancialmente a de Zeno. Mr. *Rollin* no seu *Tratado dos Estudos* Tomo IV. Liv. V. Art. I. muito o recommenda. Elle cita huma excellente passagem, em que descreve bem as maravilhas do universo, e os benefícios de Deos aos homens, tanto na multidão das obras da natureza uteis e deliciosos, que lhes tem descoberto, como tambem pela multidão das artes que lhes tem inspirado para os usos da sociedade. “ Porisso (diz elle) quando os homens na maior parte se mostram ingratos ao Creador, parecendo mergulhados em hum sômnio lethargico, he necessario que, ao menos alguns, entõem, em nome de todos, hymnos e canticos de louvor. Que mais, ou melhor, podem fazer os velhos e estropiados? Se eu fosse hum cysne, ou roxinól, sempre cantaria, enchendo o meu destino. Mas *tive em partilha a razão*: devo pois occupar-me em louvar a Deos. Exhorto á todos os meus semelhantes a fazer o mesmo. „ Sobre isto reflecte o pio *Rollin*: “ He hum Estoico, ou hum Christão, que tem taes sentimentos? „

o *Plutarcho* viveo no reinado do Imperador Trajano, que o elevou á dignidade de Proconsul. A sua Obra grega das *Vidas Parallelas* dos antigos Heróes da Grecia e Roma, he mui instructiva, por mostrar as virtudes e vicios dos que insignemente figurarão no Theatro da Sociedade Civil. Os seus *Apophthegmas* são (no geral) excellentes aphorismos de moralidade. Os seus *Discursos Moraes*, tambem abundão de factos e exemplos me-

moraveis, que bem justificão o que disse hum dos mais celebres Escriptores do seculo passado em seu *Tratado de Educaçõ*; “no caso de se perderem todos os livros classicos, salvando-se as Obras de Plutarcho, a Humanidade continuaria a ter solida instrucção sobre o mais importante da Historia antiga, e da Moral universal. „ Elle foi da Seita Estoica, e detestava a Seita Epicurea, á qual attribuia a corrupção e ruina da Republica Romana. He admiravel hum dos seus *Discursos*, que tem por objecto mostrar, que ninguem pôde ser feliz vivendo com a doutrina de Epicuro, que em Athenas ensinou o Atheismo, negando, que existisse Deos, ou que cuidasse das cousas humanas.

Marco Aurelio, foi o celebrado Imperador Philosopho, que os sabios modernos muito louvãõ, como hum dos Principes mais dignos de governar os homens. Elle foi tambem da Seita Estoica: e de seus escriptos só resta hum fragmento grêgo, que honra a si, e ao throno. Ahi declara, que na regencia do Imperio se propusera imitar a Divina Benevolencia. Conforme ao seu systema Moral dizia: “*Se fiz bem o meu officio, não me esquecerei jamais, que isso mesmo he o meu proprio bem.* „ Considerava-se como parte do grande systema da Natureza, e se comprazia de ter sido elevado ao Solio Imperial, só pela razão de assim melhor poder cooperar para o Bem Geral, não limitando as suas vistas á particular divisão do Genero Humano.

CAPITULO V.

Da Seita Estoica.

Montesquieu, celebrado Escriptor do = *Espirito das Leis* = diz, que, depois da Religião Christãa, nenhum Systema de Doutrina Moral he mais capaz de elevar o espirito humano, e dar dignidade ao homem, que o da *Seita Estoica*. Os philosophos modernos, que reconhecem os estragos que tem feito á Religião e Moral a *Seita Epicurea*, tem muito louvado a philosophia de Zeno, notando, que os mais illustres varões do Gentilismo no Imperio Grego e Romano foram Estoicos. Por isso farei a Synopse das Regras fundamentaes da Seita Estoica.

- 1.^a Só póde ser util o que he justo.
- 2.^a A felicidade só se acha na virtude.
- 3.^a A virtude do homem consiste no senhorio de si proprio, para submeter os appetites ao imperio da razão, e justiça, e no habito de constantemente sacrificar cada individuo o seu bem e interesse particular ao bem e interesse publico.
- 4.^a O premio da virtude he a propria virtude, pela consciencia de ter o virtuoso obrado bem, e pela consequente satisfação propria, e paz de espirito; além da approvação e veneração que o Genero Humano dá aos homens, em proporção da pureza, constancia, e heroicidade de suas virtudes.
- 5.^a O castigo do vicio he o proprio vicio, pelo remorso da consciencia, que condemna o vicioso, em todo o tempo e lugar,

com a memoria de seus defeitos e delictos, e pelo desgosto de si mesmo, e odio de seus semelhantes.

6.^a O Sabio he indifferentê á dor e prazer, e só elle he livre; porque força externa dos máos, ou interna violencia das paixões, o não affasta do justo, e honesto, sempre resignado á vontade do Ente Supremo, que nos dá os suppostos bens e males da vida.

7.^a Cada pessoa se deve considerar, que não he nascido para si só, mas para todo o mundo.

Estas Regras são especiosas; e serão exactas, se não fossem exaggeradas com enormes *paradoxos*, desmentidos pelo senso commum do Genero Humano. Hum philosopho Estoico, sendo atormentado com gôta, affectava serenidade de animo, e impassibilidade de corpo, dizendo: *oh tu dôr, não es dôr!*

A insufficiencia desta seita para fazer caracteres perfectos dos homens, ainda os reputados mais virtuosos, se convence pelo certo e escandaloso factô historico da vida do Imperador Marco Aurelio, que alias era do mais elevado *Estoicismo*. Elle foi arguido de descuido na Administração do Imperio, e educação do seu filho, o qual por isso (além de sua má indole) foi depois hum dos mais despoticos e tyrannicos Imperadores.

C A P I T U L O . VI.

Dos Classicos Moralistas Latinos.

Cicero, o Principe dos Oradores de Roma, he o primeiro Classico Moralista Lati-

no, á quem mais de 18 seculos não tem podido diminuir a fama, nem tolher a utilidade de seus escriptos. Entre elles se distinguem os livros da — *Natureza dos Deoses* — das *Leis* — e dos *Officios*, ou *Deveres Moraes*. Elle he o antigo philosopho, que mais claramente poz as bases da *Moral Publica* nos dogmas da — Existencia e Providencia do Ente Eterno—; Original distincção do justo e injusto, virtude e vicio, estabelecida por Lei Divina, á qual se devem conformar as Leis humanas para terem rectidão e estabilidade—; Instincto social, que nos impelle á amigavel companhia, mutua benevolencia, e reciprocidade de officios, para bem commum —; Consciencia do Genero Humano, que tem complacencia, e paz de espirito pelas boas acções, e sente remorso, e teme pena pelas más, deliberadamente feitas —; Universal e instantânea Approvação do que he recto, e Desapprovação do que he iniquo. “Que Nação ha (diz elle) que não louve as virtudes da humanimidade, benignidade, gratidão, e não despreze e odie os suberbos, maleficos, crueis, e ingratos!—Quando o povo Romano expellio o seu Rei *Tarquino*, pela violencia que commetteo á castidade de *Lucrecia*, posto que então ainda não se tivesse escripto Lei sobre os estupro, foi com tudo geral a indignação contra o malfeitor, pela evidencia da Lei da Natureza, que dieta a fidelidade conjugal, e abomina o violento.

Este pio philosopho todavia reconheceo, que a luz da razão não era sufficiente para assegurar a virtude e felicidade dos homens. Elle diz: Nascemos só com *faiscas de intelligencia*, e *sementes de virtudes*; mas

lôgo se apagaõ, ou amortizaõ, pelos máos costumes, e perversidade de opiniões, que principiãõ com os erros das amas, e cresce com os prejuizos do Mestre Povo, que só aprecia as honras, imperios, e gloria popular. Elle mesmo diz de si, que, ainda sobre as mais importantes verdades, bem que não fosse dos que sustentava nada saber-se de certo, com tudo, havendo nas opiniões dos homens tanta mixtura do verdadeiro e falso, não atinava com seguro criterio para julgar e assentir com evidencia. Até sobre a immortalidade d'alma, em que parecia crer, se mostra não ter huma persuasão firme, pela fraqueza dos argumentos, que alléga no Livro da *Velhice*.

Este prodigioso Genio foi victima do *Triumvirado*, que se levantou em Roma com a ruina da Republica, a qual resultou da corrupção do povo, e do governo, donde resultarão as guerras civis, que só terminarão com o Despotismo Militar de Augusto, que supplantou os collegas. Este primeiro Imperador dos Romanos, tendo antes sido pupillo de Cicero, que tanto contribuiu para a sua elevação, ingrata e vilmente o sacrificou á vingança de hum dos Triumviros *Marco Antonio*, contra cujos crimes aquelle orador, e salvador da Patria na conjuração de Catilina, tanto havia clamado, denunciando os fins sinistros que elle tinha de usurpar o Poder Supremo. Esse mesmo povo vio depois com indifferença na Praça do Capitolio em alto pique a cabeça e mãos cortadas de seu bemfeitor. Augusto, já seguro do imperio, não pôde negar o tributo de veneração ao merito de tão grande patriota: e quando ser-

viz Aulicos lhe suggerirão o barbaro arbitrio de mandar quimar os escriptos de Cicerro, repellio a adulação, dizendo = *Foi amigo de seu paiz.*

Valerio Maximo viveo no reinado do Imperador Tiberio. O seu Livro dos *Dictos e Feitos Memoraveis* he hum excellente compendio de Moral prática, pelos escolhidos monumentos de boas e heroicacções dos antigos. He recommendavel por começar a sua obra por mostrar a importancia do dever do culto Divino.

Seneca viveo no reinado do Imperador Nero, e foi victima deste Monstro, de quem foi Mestre. Tão pouco vale a instrucção em estado despotico, e com Principe de máo character! Elle foi acerrimo defensor da Seita Estoica, e muito admira em nada fallar nas suas obras sobre a Religião Christãa: he provavel, que assim o fizesse por calculo da prudencia humana, porque era contra a Religião do Imperio. As suas obras moraes, ainda que cheias dos paradoxos da Seita Estoica, e de pensamentos alambicados, e antitheses rethoricas, do máo gosto literario do seu tempo, com tudo abundão de optimas sentenças, e sublimes lances sobre a Divindade, e Virtude. Os padres da Igreja Lactancio, e S. Agostinho o citão com louvor, só arguindo-o de ter condescendido com os erros e usos do gentilismo. Todos estes classicos Moralistas, ainda que dignos de lição, não se pódem considerar guias seguras nos deveres Moraes, por não terem sido allumiados com a Luz do Evangelho.

CAPITULO VII.

Da Lei Natural, e sua influencia, e vasta observancia, em todos os Estados, ainda incultos.

A Lei Natural, estabelecida pelo Author da Natureza para a recta direcção dos actos humanos, he reconhecida pela luz da Razão, ainda que, no decahido estado da Constituição do homem, he mui imperfeitamente conhecida sem o auxilio da Revelação, bem que susceptivel de maior esplendor pela cultura das faculdades intellectuaes, e experiencia das consequencias, mais ou menos remotas, e infalliveis, das boas e más acções; e tambem em virtude do dote de indefinida *perfectibilidade* da Especie Humana, que parece ser hum dos mais honorificos attributos da sua Constituição. Aquella Lei he que formou e sustenta esta Constituição, dando á todo o homem certos instinctos, impulsos, sentimentos, e conhecimentos communs, que os movem a fazer, ou evitar, certos actos tendentes ao bem ou mal, proprio, e de seus semelhantes.

Esta Lei he a base da Moral Universal; e em virtude daquelles moveis, ou *principios das acções*, a mesma Lei tem constante e mui vasta influencia e observancia em todo o paiz de consideravel gráo de civilisação; e até não he de todo violada ainda nos paizes salvagens, ou barbaros. Esta he a Lei que o Apostolo das Gentes no sua Epistola aos Romanos diz, que se mostra *escripta nos corações*, ainda dos impios, dando-lhes testemunho a consciencia, justificando ou condemnando as suas obras.

Vemos a influencia desta Lei, que inspira a sociabilidade, justiça, e benevolencia, em paizes de immensa população, como a China, e India, onde alias predomina governo irregular, e falsa religião. Nelles se observa, no geral, prevalecer a perenne, insensível, mas efficaz, operação dos ditos principios da Constituição da Humanidade, como o amor paterno, respeito filial, fidelidade conjugal, prazer da companhia, primor de amizade, gosto de beneficencia, reverencia á justiça, desejo de paz, timbre de industria, e independencia de mercê alheia, &c. *

Em virtude da silente operação destes principios, a população cresce, e as artes da paz se multiplicão com o augmento de geral commodidade, e ainda delicia da vida, até nas classes infimas, que carregão com os trabalhos mais duros da Sociedade. He evidente, que tanta gente, não vivendo do maná do Ceo, nem sendo vestida pela Natureza, a sua existencia e multiplicação suppõe, pelo menos, rude justiça no paiz, que dá segurança e ajuda aos individuos.

Ainda que as Leis civis poderosamente cooperem para este phenomeno, pelas garantias da liberdade, propriedade, e honra dos individuos, com tudo, como, ainda nos Estados mais cultos, taes Leis não sejam perfectas, e muitas sejam absurdas, ou tyrannicas; he evidente, que a immensidade do Bem commum, que sustenta, augmenta, e contenta a população para amar a vida e a Patria, he o effeito da activa operação dos ditos prin-

* Na Parte II. desta obra se fará a enumeração e analyse destes principios.

cipios, e consequentemente da observancia, mais ou menos certa e extensa, da Lei Natural.

A historia e experiencia mostram, que, onde esta Lei he menos guardada, ou mais violada, e consequentemente ha mais discórdia e malicia, e menos justiça e virtude nas familias e Nações, a induttria geral he proporcionalmente retrograda e arruinada, e em consequencia os productos da Natureza e arte diminuem, e, com a sua falta, a população perece, ou não cresce, ou he miseravel. Isto he o que se observa nos tribus dos salvagens, e nos Estados despoticos d' Africa e d' Asia.

He de notar, que, sendo hum dos dogmas da Lei Natural a crença do Ente Criador, e Remunerador das boas ou más acções, cuja original distincção em certos casos geraes, e não complicados, ainda os mais rudes povos conhecem; e entrando nos principios da constituição humana, não obstante a sua decadencia, a idéa, bem que escura, daquelle Ente, e a esperanza de futuro estado depois da vida mortal, do que se tem achado vestigios em todos os habitantes da terra (a não serem antropophagos, e quasi brutos); he incontestavel a influencia destes principios, ao menos nos actos secretos, que estão fóra do alcance das Leis para a boa ordem, ou para não haver maior e total desordem e desorganisação do Systema social.

Porisso, quando se nota, que, apezar das devastações, que o horrido trafico de sangue humano tem causado nos povos d' Africa, ainda ahi sempre se acha huma população immensa no estado de virilidade, o que sup-

põe a preponderancia constante dos *instinctos e principios moraes*, sem que esse phenomeno seria impossivel; manifesta-se a deshumanidade e semrazão dos que persistem no infame Commercio, tacitamente calumniando a Lei Natural, sempre operativa do bem, ainda na Cafraria, e oppondo-se ao Philanthropico Projecto da civilisação de povos de tão immemorial nativa bondade, que até Homero frequentemente os louva, intitulado-os *inculpados Ethiopes*, e o Escriptor Portuguez João de Barros na historia do Descobrimento da Ethioiphia os descreve como *criados na innocencia de seus padres*, que de bom grado receberão a Religião Cristãa.

Concluirei com a observação de hum eloquente Moralista, ainda que Paradoxista.—, Lancem-se os olhos sobre todas as Nações do Mundo, e todas as historias das Nações. Entre tantas deshumanas e absurdas superstições, e a prodigiosa diversidade de costumes e caracteres, achar-se-hão em toda a parte alguns *principios e distincções do bem e mal*. O Paganismo do antigo mundo na verdade produzio deoses abominaveis, que na terra terião sido evitados, e punidos como monstros, e que offerecião, como o quadro da suprema felicidade, tão sómente crimes a commetter, e paixões a saciar. Porém o *Vicio*, bem que armado com esta sagrada authoridade, em vão descia da habitação celeste: elle achava no coração do homem o *instincto moral* para repellillo. A continencia de Xenocrates era admirada pelos mesmos que celebravão as libertinagens de Jupiter —; a casta Lucrecia adorava a impudica Venus —; o mais intrepido Romano

sacrificava ao *Medo*. Elle invocava o Deos que dethronizou a seu Pai, e matou a si proprio morrendo sem murmurar. As mais desprezives divindades erão servidas pelo maiores homens: porém a *Santa voz da Natureza*, mais forte que a dos Deoses, se fez ouvir, respeitar, e obedecer sobre a terra, e parecia exterminar para o carcere do Ceo a culpa e o culpado. ,,

C A P I T U L O VIII.

Das opiniões dos Moralistas modernos sobre o fundamento da Obrigação Moral.

HE de admirar, que, sendo a moralidade das acções humanas, quanto a prática nos casos ordinarios, cousa tão simples e obvia aos povos de consideravel gráo de civilisação, e sendo quasi uniforme em todos os paizes cultos o conceito do que se chamão *bons costumes*, que ninguem confunde com os máos feitos, e habitos viciosos; com tudo, quanto a theoria, tenha havido tanta discordia, e variedade de opiniões, ainda entre philosophos modernos de grande nome, sobre o *fundamento da obrigação moral*. Estas opiniões se reduzem ás seguintes theses. Diz-se que os actos humanos livres só são bons e virtuosos sendo feitos em conformidade á:

Vontade de Deos, manifesta na ordem do Universo.

Consciencia, ou Senso Moral.

Eterna e necessaria propriedade das cousas.

Verdade.

Bem ou Interesse particular.

Utilidade Geral.

Sympathia com os objectos de compaixão, e obras de virtude.

Senso Commum.

Approvação instantanea de certos actos.

Cada huma destas theses exige especial discussão. Por ora aqui farei as observações seguintes.

I. A *Vontade de Deos* sem duvida he o fundamento original e constante da obrigação moral. Mas por ventura a *Vontade de Deos* he sempre conhecida, especialmente nos casos complicados, onde ainda espiritos rectos e instruidos sinceramente duvidão da justiça ou injustiça? Se fosse sempre clara a linha do dever, e sempre manifesta a *Vontade de Deos*, para nos devermos á ella conformar, porque se tem escripto tantos livros sobre Jurisprudencia e Politica, e ainda ora tanto se alterca sobre os direitos e deveres do homem, e outros pontos importantes á melhor ordem da sociedade, e á felicidade da Especie Humana?

II. A *Consciencia* he na verdade, em muitos casos, a mysteriosa voz interior, que parece ser a *voz de Deos* em justificar ou condemnar os actos humanos. Mas em quantos outros casos os homens, ainda os mais illustrados, obrão com a que se chama *consciencia erronea*, fazendo o mal quando estão persuadidos de fazerem o bem? Toda a historia das perseguições e fanatismos por crenças e práticas religiosas depõe sobre esta verdade. Quanto mais que os *Metaphysicos* disputão sobre o em que consiste a *consciencia*, e se he huma faculdade especial do Entendimen-

to humano, distincta da faculdade da percepção, memoria, e juizo. Tambem se contesta e inculcado *Senso Moral*, como se fosse hum *sentido interior* particular para perceber a bondade dos actos humanos, como os sentidos corporaes destinados a transmittir ao espirito os respectivos objectos da extensão, côr, cheiro, sabor, harmonia, e mais qualidades sensiveis da materia.

III. *Eterna e necessaria propriedade das cousas* he huma these de metaphysica transcendental, que comprehende a natureza e relações de todo o creado. Mas o homem tem mui limitada intelligencia para comprehender o *Systema do Universo*, isto he, a Ordem Physica e Moral da Constituição do Mundo. Sem duvida a *moralidade* nos actos communs da vida he mais plana, singela, e ao alcance de todos os homens, ainda os de espirito menos cultivado, que, até por instincto, parecem amar e praticar as virtudes de que depende a ordem social. Com razão disse Seneca: Quem ensinou aos pais amar os filhos, os filhos a reverenciar seus pais?

IV. *A Verdade das cousas* he huma idéa mui abstracta, e de regra vaga, para constituir *obrigação moral*. Quem conhece em todas as occasiões a verdade das cousas?

V. *O Bem e Interesse particular* he o ordinario movel dos actos dos individuos para a sua conservação, e melhora de condição. O Author da Natureza, que confiou á cada hum o deposito da vida, dando-lhe faculdades limitadas, que só pôdem desenvolver-se em estreita esphera, o constituiu *guarda de si mesmo*; e por tanto, seguindo o impulso deste instincto, obrará bem, com tanto que não exor-

bite da raia da razão para viver e se felicitar á custa e com offensa dos outros. O *amor proprio*, devidamente regulado, não se deve confundir com o *Egoismo*, que só olha ao proprio interesse, e contraria o interesse do Estado, e do Genero Humano.

VI. A *Utilidade Geral* he firme base da justiça dos actos humanos, quando são á ella conformes no facto e no intento. Mas quão pouco extensa seria a virtude humana, se sómente se apreciasse pela exacta e intencional conformidade á genuina utilidade Geral, que comprehende o bem da Especie Humana?

VII. *Senso commun* he qualificação arbitraria, e dependente do gráo de civilização, e das correntes opiniões dos povos, que, muitas vezes, são erradas, absurdas, e evidentemente iniquas e deshumanas. Cada seculo e paiz tem tido seu particular *sensu commun* sobre certos objectos moraes, que até lhes faz adoptar sem remorso os mais barbaros costumes. Por *sensu commun* os salvagens torturão e devorão os inimigos, e matão aos pais velhos. Por *sensu commun* todos os povos antigos fazião captivos os prizioneiros de guerra. Por *sensu commun* ainda varios povos modernos exercem pirataria. Por *sensu commun* ainda nas mais civilizadas Nações da Europa se tem como *ponto de honra* a necessidade do *duello*, não obstante o rigor das leis que o prohibem; e não faltão escriptores que á elle attribuição, em boa parte, a civilização Europea, em razão das antigas desordens do Governo Feudal, e barbarismo dos povos, a fim de servir de freio aos homens de lingua solta, e attacadores da honra. Por *sensu commun* se considerava jus-

to, é até necessario, na America, o trafico de negros d'Africa, que presentemente quasi universalmente he abominado e proscripto. Podia-se augmentar muito o catalogo de actos humanos que o senso commum de varios povos tem por licitos, e que por senso commum de outros se olhão com horror. Em fim *Senso commum* não he synonymo de *Bom senso*, nem do *Consenso do Genero Humano*, que, de certo he justo pelo *Criterio da Verdade* sobre o que se chamão *Bons Costumes*.

VIII. A *Sympathia*, ou sensibilidade do coração á vista de espectaculo da miseria, para dar ajuda á quem a soffre, ou da virtude para estimar a pessoa virtuosa, he da constituição da Humanidade, e forte estimulo á *nossa* pura beneficencia. Mas não he por si só *guia segura*, e opéra com mais efficacia nos que passarão pela escola da adversidade, do que nos que a fortuna tem sempre favorecido, á quem por isso se nota dureza de coração, indifferença aos males alheios, pouca estima da probidade.

IX. A *Approvação* instantanea e universal de certos actos humanos he (em via de regra,) criterio da verdade de serem elles bons e virtuosos. Quem, por exemplo, não se extasfa, e admira a virtude de Enéas carregando ás costas o velho Pai Anchises para o livrar do incendio de Troia? e a fortaleza da celebrada filha, que amamentara com o leite dos proprios peitos ao Pai no carcere, onde havia sido condemnado a morrer de fome? Muitos outros monumentos da Historia antiga e moderna, e ainda da vida particular das familias, se poderião aqui memorar em confirmação daquelle principio. Por isso

os Poetas dramaticos, que estudão conhecer a constituição moral da Humanidade, sabem mover no Theatro affectos instantaneos, geraes, e fortes, que até arrancão lagrimas de todos os espectadores, ainda os mais insensíveis e immoraes, quando representão a heróes e heroínas de acrisolada virtude; excitando do mesmo modo vivissima e universal indignação contra os viciosos e malvados. — Este assumpto mais largamente se exporá em outro lugar.

X. A *Razão* he a faculdade do homem, que ainda assás mostra ter sido creado á *imagem e semelhança de Deos*, e em categoria pouco menos dos *Anjos*, conforme declara a Escriptura sagrada. Nisso consistia a sua nobreza primordial, quando estava (como alli se diz) coroado de honra e gloria, pela sua innocencia. Mas, assim que desobedeceo á ordem do creador, e por soberba aspirou á igualdade de intelligencia, logo a sua Razão se escureceo, e não se póde, sem blasphemia, considerar a *Razão Eterna*, que só he a Regra immutavel da Obigação Moral.

C A P I T U L O . IX.

Da Insufficiencia da Luz da Razão para bem se conhecer a Lei Natural, e Pura Moral.

HE desnecessario refutar o Systema de *Hobbes*, que emprehendeo sustentar os falsos dogmas, que os homens não tem claro conhecimento da Lei Natural; que a Sociedade Civil he hum *estado de guerra de todos contra todos*; que não ha original distincção do

justo e injusto; e que *justiça e injustiça* são *idéas facticias*, que não tem outro fundamento mais que os Regulamentos dos Legisladores, instituidos para pôr freio á natureza animal do homem, e firmar a boa ordem do governo, pela experiencia dos bons, ou máos effeitos de certos actos humanos. Este systema repugna aos innatos principios da Constituição de Humanidade, que sim está em grande decadencia, mas não em total ruina. Aquelle Escritpør Inglez, por ter nascido em tempo de guerras civis, fez essa absurda theoria, que he desmentida pelo coração de todos os individuos que tem *uso da razão*.

Mas he necessario mostrar contra o orgulho dos sabios presumpçosos, que a *Razão* humana solitaria, isto he, destituida do auxilio da Revelação divina, não he sufficiente para bem entender, e ainda menos para bem observar, a Lei Natural, e fazer hum Systema de Moral Pura.

Se a Razão do homem fosse sufficiente para formar hum bom *Systema Moral*, se acharia este nos escriptos, estatutos, e usos dos povos mais famosos pela antiguidade de civilisação, e que mais tem contribuido para a illustração actual das Nações modernas. Os Egypcios, Gregos, e Romanos, são os de que temos mais certos conhecimentos, e em todos se notão pessimos costumes, e impios erros.

Na Sagrada Escripтура se diz que Moises fôra educado na *sabedoria do Egypto*: e todavia não houve povo mais idolatra e superpicioso que o dos Egypcios, que até adoravão os crocodillos. *Juvenal* diz em huma das suas *Satyras*: *Oh Santas gentes, em cujas hor-*

tas tambem nascem Divindades! A mesma Escripura refere a summa difficuldade que aquelle Legislador dos Israelitas teve em manter a Religião revelada por Deos no *Sinai*, e as frequentes reincidencias dos mesmos na idolatria dos Egypcios, e mais povos circunvizinhos.

A Grecia e Roma, ainda nos tempos de sua maior illustração, derão o triste espectaculo, não só da idolatria, e barbaridade, na sua religião, politica, e economia, mas até de impiedade e immoralidade publica, e até confessada sem pêjo, nem remorso, especialmente depois que os Governos respectivos deixarão propagar às doutrinas atheisticas e sensuaes de Epicuro.

Não direi, como alguns rigoristas e fanaticos, que na Gentilidade não houvessem virtudes domesticas, e sociaes: porém não he menos certo, que ellas sempre, em grande parte, erão desfiguradas pelos erros do *Polytheismo*, isto he, pela vulgar crença em multidão de Deoses do Ceo, cheios de crueldade, e perversidade dos maiores malfeitores da terra. Porisso o seu Culto Divino era sanguinario, e torpe, especialmente onde os povos erão mais barbaros.

Aristoteles refere haver examinado mais de duzentas Constituições dos Estados da Grecia, e decide que a melhor era a das *Cartagmezes*. Todavia este povo, aliás dado ao Commercio (que, pela mais extensa communicação das gentes, desarraigava mais facilmente os homens de privativos enormes usos locaes) era tão afferrado ao horrido sacrificio dos homens aos Deoses, que o Senado Romano em huma das suas Victorias impoz ao Gover-

no Cartaginez a condição (que á este pareceo mui dura e humilhante) de fazer cessar tão deshumano sacrificio.

O *patriotismo*, que era a *virtude por excellencia* dos Gregos e Romanos, vinha, de facto, a ser o mais feroz *Egoismo*, que parecia ser menos amor da patria, que odio ao Genero Humano.

O *Assassinato* era considerado não só lícito e virtuoso, mas necessario e obrigatorio, contra os inimigos, e usurpadores. Por isso o *tyranocotonos* (o *mutador do tyranno*) era nas Aulas dos Rethoricos-hum dos themas favoritos das Declamações dos jovens, á quem os Mestres davão premios, em proporção dos mais exaltados sentimentos á esse respeito. Então a Razão se achava tão escurecida, que nem se quer se desenganavão os povos e governos do horrido erro moral á vista da experiencia; a qual assás mostrava, que esse expediente só servia de fazer os inimigos mais insidiosos e encarniçados, e os usurpadores mais despoticos e cruéis. Com taes doutrinas Cesar foi assassinado no Capitolio, sem que por isso se podesse restabelecer a Republica Romana; antes esse successo mais provocou as vinganças e guerras civis, que até necessitarão o estabelecimento do Despotismo Militar, que se perpetuou por seculos, até que irresistiveis milicias de povos barbaros derribarão o immoral Imperio Romano, ainda peor substituido pelo brutal Crescente Ottomano, que tende á ainda mais offuscar o Imperio da Razão pela impostura do Alcorão, incendio de Bibliothecas, e systema do Governo, que leva a tyrannia até a impossibilitar a cultura dos dotes do Espirito Humano.

O *Suicidio* era geralmente reputado hum dever dos virtuosos, quando concebião tédio á vida, maiormente pelas desgraças do Estado. Catão se matou, até com a crueldade de atacalhar as proprias entranhas, sem attender ás rogativas e lagrimas do filho e dos amigos: e Bruto se transpassou com desesperação com a espada, até com blasphemia dizendo = *Oh virtude que nada me foste!* O peor he que até o virtuoso Seneca, egregio Moralista, louva a magnanimidade e fortaleza desses Estoicos, dizendo = *Eis spectaculo digno de Deos!* O varão forte luttando com a má fortuna!

Os Historiadores latinos referem, como virtudes heroicas, acções á que a Natureza repugna. Louvão a *Lucrecia*, porque se apunhalou, vendo-se forçada pelo Rei Tarquinio o soberbo, dizendo assim fazer, para que, com o seu exemplo, não sobrevivesse mulher alguma. Louvão a *Virginio*, que matou a propria filha, para não ser victima da lascivia de hum Juiz libertino. Louvão a *Manlio*, porque, sendo General, mandou açoitar na sua presença até a morte a hum filho, que contra sua ordem deo huma batalha, em que aliás foi vencedor. He aqui de notar, que o senso commum do povo condemnou tal crueldade; e porisso, quando se fazião Leis tyrannicas, chamavão *Edictos Manlianos*. Louvão a *Regulo*, porque, sendo mandado, como refens, pelos Cartaginezes a tratar de paz com os Romanos, promettendo empenhar-se no ajuste, mas obrigando-se com juramento a tornar á prizão, e soffrer torturas e a morte, não obtendo o objecto da Commissão, cumprio o juramento, faltando alias á fé dada;

persuadindo a continuar a guerra. Louvão-se conjugues que se matarão por amor, sobre o cadaver ou sepulchro do objecto amado.

Finalmente os Legisladores antigos concederão o (mal dito) *direito de vida e morte* aos Pais e Senhores sobre os filhos e escravos, á pretexto de segurar a subordinação; e reduzião á captivoeiro os prizioneiros de guerra, sem que os presumidos sabedores condemnassem tal immoralidade, que habituarão os homens á costumes máos.

Se estas enormes irregularidades tanto durarão em paizes onde mais se cultivou a Razão, que resta a dizer dos Povos das outras Partes do Mundo? A historia das Viagens dos circumnavegadores do orbe nos horrorizão pelos quadros pavorosos de tyrannias, superstições, e immoralidades. Toda a Razão, e illuminada Política da Gram Bretanha pouco ou quasi nada tem podido fazer para no seu Imperio da India, alias de povos de antiquissima civilisação, e mais doces costumes, se introduzirem as boas maneiras, e melhores instituições; antes com dôr e magoa vem continuados, terriveis costumes de voluntaria queima de milhares de mulheres na morte dos maridos, e muitas praticas supersticiosas, que fazem estremecer a Humanidade.

C A P I T U L O X.

Refutação de Payne.

Thomaz Payne, Cidadão dos Estados Unidos, que muito concorreo para a Revolução da America e França, com os seus incen-

diarios. Folhetos do *Senso Commum*, e *Dirctos do Homem*, depois de proscripto em Inglaterra, onde tentou propagar as suas politicas doutrinas sophisticas, ahi publicou a obra á que deo o titulo de *Idade da Razão*, que tambem foi proscripta, por impia, blasphema, e diffamatoria da Religião Christãa, que está incorporada á Constituição do Estado. Elle nessa obra se inculca por mero *Deista*, isto, he crente em Deos, e sectario da Religião Natural. Elle insiste em mostrar, que esta Lei e Religião he sufficiente para a perfeita moralidade, e felicidade humana; e inteiramente rejeita a Revelação, que reconhecemos nas Sagradas Escripturas, a qual veio certificar-nos dos meios que a Providencia tem empregado para melhora da Constituição do homem, e dar sanção aos ditames da Lei da Natureza, escripta nos corações de todos, mas escurecida e pervertida pela corrupção da sociedade, e negligencia da cultura das faculdades intellectuaes.

Tendo essa obra adquirido celebridade e vóga entre os superficiaes presumidos de *Iluminados*, bem que não seja mais do que hum plagiato das obras de infieis e libertinos escriptores, especialmente da França, que tem attacado a Religião Christãa; he necessario precaver contra ella a Mocidade incauta, por estar escripta com estilo ardiloso, até cavillando sobre o Evangelho, que diz só ser *fragmento de moralidade*, quando alias contém a summa da mais *pura moral*; pois que até o nosso Salvador reclama a *pureza dos pensamentos*, dizendo, que das *más cogitações* he que resultão as más obras.

Os limites deste compendio não permitem

entrar na refutação explicita da *Idade da Razão*, que antes bem se póde appellidar a *Idade da Semrazão*; por substituir á divina Revelação a diabolica Revolução, levando-a até os penetraes dos entendimentos dos povos, que são incapazes de subtis especulações sobre as verdades fundamentaes de que depende a ordem, paz, e estabilidade das Nações. O que expuz no Cap. antecedente, parece exuberante para convencer os espiritos rectos da insufficiencia da Lei Natural no decahido estado em que se acha a Humanidade. Recommendo aos Leitores a lição da Obra Inglesa de *Ricardo Watson*, Bispo de *Landaff*, intitulada *Apologias do Christianismo*, que bem refutou ao dito *Payne* em serie de cartas que lhe dirigio. Só transcreverei as seguintes passagens, que se achão nas pag. 175, e 387 da edição de Londres de 1816.

“ Affirmaes que „ O *Deismo* (Religião Natural) nos ensina, sem possibilidade de erro, tudo que he necessario, ou conveniente saber. „ — Ha tres cousas que todas as pessoas racionaveis accordão serem necessarias, e convenientes saber — a existencia de Deos, a providencia de Deos — o futuro estado de retribuição. Ora se estas tres verdades são ensinadas pelo *Deismo* sem possibilidade de erro, decida-o a historia da philosophia, da idolatria, da superstição, em todos os seculos e paizes. Podia-se fazer hum volume sobre os erros em que os maiores cultivadores da razão cahirão, e sobre a incerteza em que estiverão á cerca de cada hum dos ditos tres pontos. Só advirto brevemente a respeito do ultimo. Não obstante os illustres trabalhos de *Gassendi*, *Cudworth*, *Clar-*

le, Baxter, e de mais de duzentos outros Escriptores modernos sobre o assumpto da mortalidade, ou immortalidade d'alma, com tudo, esta materia ainda he entre nós tão pouco entendida, como pelos philosophos da Grecia e Roma. As oppostas opiniões de Platão e Epicuro neste objecto tem Defensores entre literatos do presente seculo na Gram-Bretanha, Allemanha, França, Italia, e em toda a parte illustrada do Mundo. A importancia da Revelação se demonstra pela discórdia dos sentimentos dos (não fallo dos ignorantes e máos) homens instruidos e bons, sobre este ponto. Esta discórdia bem manifesta a *insufficiencia da Razão humana* no curso de mais de dous mil annos para desenvolver os mysterios da natureza do homem, e para dar, só pela contemplação della, hum seguro sobre a qualidade da nossa futura condição. &c.

— “ Perguntaes se ha sufficiente authoridade para crer, que a Biblia contém, ou não, a palavra de Deos, e decidís que não, pela que chamaes *evidencia moral*, porque era impossivel, que Deos por sua ordem expressa mandasse aos Israelitas (como ahí se diz) destruir os Canaanitas, *rindo e gritando as crianças*, affirmando que isto repugna á moral justiça de Deos. Ora vos professaes ser Deista, erendo em hum Deos, creador do Universo, que estabeleceo as Leis da natureza que o sustentão. E porque não achaes repugnante á sua *justiça moral* o permittir que meninos *rindo e gritando* sejam soterrados em hum terremoto, afogados em huma inundação, consumidos pelo fogo, atormentados pela fome, e destruidos pela peste? Os

Canaanitas erão hum povo depravado; Deos os podia castigar com total exterminio tambem dos filhos, que são sujeitos á lei da morte, e sem privilegio para não morrerem desta ou d'outra sorte.

“ O Genero Humano, pela longa experiencia; pelas instituições da sociedade civil; pela cultura das Artes e Sciencias; pela divina instrucção dada á algumas Nações em revelação especial, e communicadas por tradição á todas; acha-se em muito mais distincta situação quanto aos conhecimentos, e forças de espirito, do que foi na infancia do mundo. A historia do homem he a historia da providencia de Deos; o qual, querendo a felicidade de todas as suas creaturas, tem proporcionado o seu governo ao respectivo gráo de capacidade. As historias de todas as Nações, e de todas as idades, não são mais que partes separadas de hum Grande Plano, que Deos está desenvolvendo para a melhora do Genero Humano. Quem póde comprehender o *todo* deste immenso designio? A brevidade da vida, a fraqueza das nossas faculdades, a falta de meios de maior geral instrucção, conspirão a fazer-nos impossivel, sendo mero bichinhos da terra, e insectos de hum dia, o completamente entendello em todos os seus pontos. „

C A P I T U L O X I.

Confirmação do exposto.

WILLIAM Paley nas suas *Evidencias da Religião Christã* faz as seguintes observações na Parte II. Cap. II. pag. 68. “ Achão-se

manchas em quasi todos os Mestres e Legisladores da antiguidade. *Zeno* o Estoico, e *Diogenes* o Cynico, cahirão nas maiores impurezas. *Socrates* foi mui suspeito dellas. *Lycurgo* tolerava o furto nos Cidadãos, havendo-o como parte da educação. *Platão* recommendava a communidade das mulheres. *Aristoteles* sustentava o direito de fazer guerra aos barbaros. *Catão*, o velho, foi cruel aos escravos. *Catão*, o moço, cedeo a sua mulher á hum amigo. Moral relaxada se acha em quasi todos os Moralistas gentios. Nas obras de *Platão*, *Xenophonte*, *Cicero*, *Epiceto*, *Seneca*, se recommenda aos discipulos o conformarem-se á religião e aos ritos de qualquer paiz aonde viessem.

Se pois os mais acreditados cultivadores da Razão nos mais illuminados Estados antigos, que nos transmittirão tantos escriptos, que hoje ainda se considerão instructivos, cahirão em erros theoreticos e praticos em materias moraes, e nem ao menos poderão libertar os povos do jugo da idolatria, antes o perpetuarão com seus conselhos e exemplos, não se póde affirmar ser sufficiente a luz da Razão para se formar hum systema de pura Moralidade, e virtuosa conducta, sem o auxilio da Revelação.

Tem-se objectado contra isto, que tambem depois de introduzida a Religião Christãa, tem havido nos Estados que a adoptarão, pessimos costumes, e odiosos institutos, alem de escriptores de Moral relaxada. Mas quem póde em boa fé duvidar da melhora das christãas Nações modernas sobre as pagãas de todos os seculos e paizes, principalmente onde livros impios e libertinos não tem

estragado a Moral publica com as doutrinas do atheismo e infidelidade! *Montesquieu* no seu — espirito das Leis — reconhece, que, ao menos, a Religião Christãa tem influido poderosamente em mais humano Direito das Gentes, mais facilidade da emancipação dos escravos, mais doçura nos governos, mas favor á liberdade dos povos. Negará tambem a luz do Sol quem não reconhecer, que nos paizes Christãos ha mais geral estima da fé particular e publica, mais lealdade aos Soberanos, mais gratidão aos bemfeitores, mas extensão de benevolencia, mais reverencia ás virtudes sociaes.

Alguns sophistas tem dito, que, se está decabida a luz da Lei Natural, o Ente Supremo, querendo a melhora ou restauração da Constituição Humana, teria mostrado nos Ceos a Lei Revelada, para que todos os homens a vissem em qualquer parte da Terra, ou, ao menos, que effectuaria a reforma dos que se persuadissem da verdade da Revelação. A isto responde o sobre dito *Paley*. E porque a Lei Natural não foi igualmente fixa no Ceo, com caracteres visiveis por toda Humanidade? Ou porque não a sentem todos nos corações, pelos instinctos que impellem a fazer boas acções, estimando a virtude, e aborrecendo o vicio, em modo que ainda o mais máo deseja parecer bom? E de mais: havendo Deos dado o livre arbitrio ao homem, a sua Lei Natural ou Revelada não opéra como força mechanica e irresistivel, mas dá lugar á prova e lotta da virtude, para ter merito ou demerito a acção moral. A luz da Revelação tem posto os homens em trem de melhoramento, que continuará

até o fim dos seculos. Mil annos (como se diz na Sagrada Escriptura) são como *hum dia* á vista do Ente Eterno. Ora já se vê muita luz, depois de estar a Humanidade escurecida por tantas idades da Idolatria, e só, por imperscrutaveis juizos da Infinita Bondade, conservada a Revelação Patriarchal em o povo maravilhoso dos Hebrêos, fundada no Dogma fundamental da Unidade de Deos: já se vê a Revelação Evangelica diffundindo a sua luz e melhoramento nos povos, até na Australsia, ora havida por quinta Parte do Mundo; contando-se mais de cento e cincoenta milhões de homens de diversas linguas e maneiras, firmes na crença da existencia, e providencia do Creator dos Ceos e da Terra, e na immortalidade d'alma, e justa retribuição das boas ou más acções na vida futura. Isto, gradual e efficazmente, hade influir na melhora do Genero Humano, á que o Salvador do Mundo ordenou que aspirassemos, exigindo a rectidão dos pensamentos, para a adoração de Deos em espirito e verdade; bem declarando na sua pura doutrina, que das *co-gitações* he que nascem as boas, ou más acções.

C A P I T U L O XII.

Confirmação das Doutrinas antecedentes.

A Universidade de Edimburgo na Escocia se tem distinguido pela sua *Escola Moral*, que tem produzido Escriptores de grande nome, como *Hutchson, Shathesbury, Hume, Smith, Ferguson, Reid, Stewart, Brawn*. Porém o empenho destes Moralistas tem sido o formar hum *Systema de Religião Natural*,

e de Moral Pura, sem consultarem a Revelação conteuda nas Sagradas Escripuras do Velho e Novo Testamento.

Huns rejeitão a mesma Revelação; os outros não a recusão, mas affectão fazer abstracção das verdades reveladas, ou ainda ter indifferença ás luzes que dellas emanão, suppondo que a Razão humana, por si só, sem outro auxilio, he capaz de conhecer os dogmas, e deveres da dita Religião e Moralidade. Os que são mais modestos, reduzem as suas inquirições ao exame do que se póde saber de certo sobre estes objectos, sem recorrer-se á superior fonte de instrucção, qual he a Authoridade Divina, manifesta por meios extraordinarios, sem todavia negarem a sublimidade das idéas sobre a natureza de Deos, excellencia da virtude, e immortalidade d'alma, que se achão nas ditas Sagradas Escripuras.

Dahi tem resultado o conceito de que os referidos Escriptores são meros *Deistas*; e porisso não se podem reputar Guias seguras em Theoria de Moral. Ainda os que tem preeminencia reconhecida, se podem arguir de ingratição; pois, sendo patente das suas obras o serem versados na lição daquelles escriptos agiographos, todavia não reconhecem a obrigação que devem ao seu estudo, de que aliás, em boa parte, se derivon a illustração dos proprios entendimentos no que escreverão com acerto e primor.

He por tanto de grande satisfação o ver-se, que em a Nova Encyclopédia, recentemente publicada na sobredita Universidade, fosse tratado este assumpto por orthodoxo Cooperador desse Herculeo Trabalho Literario,

No Artigo de *Philosophia Moral*, assim se confirma o exposto no Capitulo antecedente.

Ainda que seja evidente, que o Author da nossa existencia poz em nossas mãos os materiaes do conhecimento, e pela constituição e circumstancias da nossa natureza, nos dirige á pratica das acções moraes, á que nos devemos conformar; comtudo he certo, que jámais converteriamos esses elementos em nossa vantagem sem ajuda de instrucção superior á dada pela razão do homem. Deos, na verdade, tem-nos dado abundantes meios de instrucção relativamente aos principaes deveres da Moral; porém he certo, que não menos abundantes são os materiaes de erros e prejuizos que resultão da tendencia dos nossos appetites e paixões. Isto he o que faz a natureza humana mostrar-se como huma mistura de sabedoria e loucura, de sentimentos virtuosos, e de affectos depravados. Isto enfraquece a convicção das verdades religiosas ainda nas pessoas mais illustradas, e lhes inspira o desejo de terem huma regra e sancção de Authoridade divina, para o regulamento da sua conducta. — Em summa: os principios da Moralidade natural estão quasi na mesma linha da Religião natural; pois, ainda que a existencia, e os attributos de Deos, se possam inferir de todas as suas obras, comtudo a experiencia nos mostra, que a razão do homem jámais lhe deu justas e exactas idéas sobre este objecto. Do mesmo modo, ainda que a regra da conducta moral se possa achar na ordem da natureza, e na constituição dos nossos espiritos, comtudo não pôde haver dúvida, de que era necessaria a Revelação, para habilitar o Genero humano

a distinguir, com certeza, a verdade do erro, e as illusões das paixões da recta razão. Sem essa Revelação, quem poderia decidir, com absoluta certeza, entre as innumeraveis variedades das opiniões dos homens; ou esperar, que a sua opinião jámais teria a authoridade de Oraculo, para obter o assenso da Humanidade?

Esta difficuldade foi tão fortemente sentida por *Socrates*, que julgou necessario, — que do Ceo viesse hum Instructor com especial authoridade para revelar, e fazer executar os deveres do homem. *Cicero* não menos claramente reconheceu a necessidade de hum tal Mestre; e para se provar a verdade de seu juizo, basta a enumeração que no Livro da *Natureza dos Deoses* faz das opiniões disordemas das principaes seitas dos philosophos. Mais afortunados do que esses illustres Gentios, se já podemos proceder neste assumpto com maior confiança em as nossas investigações, he porque fomos favorecidos com a Revelação, que lhes foi negada, e que tem mui essencialmente influido nas discussões moraes, ainda daquelles que rejeitão a sua ajuda.

Não intentamos em os nossos exames pôr em conflicto a Razão com a Revelação, mas sim o expóllas como mutuamente cooperando em estabelecer os mesmos importantes resultados. Compete á sciencia da Theologia o certificar as sancções da Religião Revelada; pertence ao estudioso da sciencia da Moralidade o analysar os principios das acções moraes, e indicar os seus fundamentos em a natureza, e circumstancias do homem. Não he possivel em discussões sobre este assumpto

to, inteiramente separar a Moralidade da Theologia. Porque, logo que os homens adquirem a convicção da existencia de Deos, as suas idéas moraes por força são consideravelmente influidas pelos attributos que conceberem do mesmo Deos. Se suppõe que elle he cruel, vingativo, ou lascivo, he natural que espere o ver aos seus devotos com igual character; pois, huma vez que se cré haver hum Deos, deve se entender que he necessario obedecer-lhe, e imitallo. He portanto absolutamente indispensavel em toda a discussão moral certificar, o como as faculdades do homem, sem ajuda da Revelação, podem alcançar rectas idéas da natureza de Deos, e de seus attributos: se o resultado for justo, elle constituirá a regra de que não haja recurso para Superior Authoridade.

Ora, tomando-se os factos por fundamento da theoria, demonstra-se, que isso não se póde obter. Basta recordar a impura e absurda theologia dos Egypcios, Gregos, e Romanos, para não se hesitar em decidir sobre a incompetencia da razão humana em descobrir os attributos, e perfeições do Ente Supremo.

Talvez se pense não ser de boa razão o decidir-se sobre a capacidade do espirito humano em conhecer taes attributos e perfeições, só por se considerarem as suas *aberrações e perversidades* nesses objectos. O que se deve inquirir he, se, só com as faculdades naturaes, he possivel ter exactas idéas sobre os ditos objectos? Na verdade, a crença na existencia de hum Ente Supremo he quasi universal: e em varios paizes se tem achado

mui illustrados conhecimentos sobre a unidade de sua natureza, e de alguns de seus attributos; mas em nenhum caso podemos decidir com certeza até que ponto essas idéas são as produções da Razão sem ajuda de Revelação! Os Metaphysicos tem demonstrado o processo natural por onde a idéa da existencia de Deos tem podido excitar-se no espirito humano; porém he impossivel demonstrar, se ella jámais entrou de tal maneira. O facto he, que em todo o Mundo jámais se vio hum *Systema* de *Deismo*, que fosse o puro resultado da Razão humana; antes, ao contrario se mostra que todas as Religiões que tem existido na terra forão ou de *Tradição*, ou de *Revelação*.

Em todas as parte do Mundo descoberto e habitado só se tem achado vestigios de *Superstição tradicionalia*, e jámais hum *systema* de Religião Natural. A variedade das superstições cheias de maiores absurdos e extravagancias, manifestão que ellas não são o prezente da Razão.

Onde pois descobriremos a pretensa *pura Religião da Natureza*. Não entre os sabios da Grecia, que verosimilmente derivarão suas doutrinas religiosas dos philosophos e hierophantes (padres) do Egypto, e estes com toda a probabilidade dos da India. Todas essas Nações não tiverão pertencões algumas á essa *Religião da Natureza*: todas ellas attribuem aos seus Legisladores e sabios as respectivas leis e religiões; e, não obstante a reverencia que prestavão aos fundadores de seus Imperios e Cultos, nunca lhes attribuirão a honra de descobrirem, sómente pelos seus engenhos, as leis e opiniões religiosas

que promulgarão, mas sim á especial beneficencia, e iluminação dos Deoses.

Ainda sem termos por guia a Escriptura sagrada, he de crer, que a doutrina sobre a existencia e attributos de Deos fosse revelada aos nossos primeiros pais, e que as superstições que se tem achado em todos os povos forão *corrompidas tradições* da Revelação primitiva.

He além disto factó notavel, que nos conhecimentos humanos sobre objectos distinctos da Religião, os seus melhoramentos avançam com progresso e firmeza, em proporção de maior estudo e experiencia: porém o resultado he contrario em materias religiosas, e o lapso de tempo invariavelmente produz *degeneração e corrupção*. Os mais antigos escriptos mais se aproximão á verdade sobre alguns fundamentaes principios de religião. Assim vê-se nos mais antigos escriptos dos Bramines doutrinarem-se explicitamente a unidade de Deos: e comtudo tal doutrina he absolutamente desconhecida pelos povos modernos da India, que são, e tem sido immemorialmente, os mais grosseiros idolatras do mundo.

Não decidindo que seja absolutamente impossivel fundar hum Systema de Moral sobre a base da Religião Natural, comtudo attenta a historia, se póde affirmar, que, ainda que o espirito humano não fosse de todo incompetente a descóbrir a importante verdade da existencia de Deos, esta importante verdade não seria de vantagem prática, sem ajuda da Revelação; pois seria logo desfigurada pelos prejuizos que resultão das paixões humanas, e que antes viria a ser hum meio

de perversidade que de melhora da nossa conducta. Por isso o benéfico Author da nossa natureza, por nos livrar da perplexidade das opiniões, nos deo huma Revelação, que contém regras do dever, que instantaneamente as nossas consciencias approvão, e que, sendo examinadas, se achão perfeitamente conciliaveis com a luz da Razão, com os interesses da Humanidade, e com os ordinarios arranjos da Providencia.

A *immortalidade d' alma* he outro fundamental dogma da Religião Natural, e todavia ainda os maiores philosophos modernos, se não recorrem á Revelação, são perplexos, não achando evidentes as provas derivadas sómente da luz da Razão, e, quando muito, se não a negão, ficão na que dizem = *dúvida respeitosa*. = *Franklin*, que ensinou tirar os raios das nuvens, sendo Deista, mais de octagenario, conversando sobre este assumpto, disse; — que se havia ajustado com hum amigo, que, o que morresse primeiro, viesse contar-lhe o que se passava na outra vida; mas, falecendo aquelle, não cumprira a palavra. — Todavia, sendo virtuoso, esperava a immortalidade por Mereê do Ente Supremo, como de pura Graça, entendendo ser alheio da justiça o pertender-se vida eterna em premio de virtude limitada, como se qualquer pessoa intentasse que o Governo lhe dêsse huma grande herdade por ter feito pequeno serviço.

Concluirei com a observação do moderno escriptor Inglez das = *Bellezas, Harmonias, e Sublimidades da Natureza* = edição de Londres de 1821. No Tom. IV. Cap. IV. pag. 314 diz: “ O grande segredo da immortalidade

d' alma nos he certificado por muitas razões; medo da anniquilação; sêde de fama; indefinida possibilidade de sciencia; amor da justiça, honra, e virtude; inquieta actividade que de nada se satisfaz; esperança de felicidade perpetua; superioridade do espirito á tudo que he visivel; inverosimilhansa de destruir Deos a sua mais excellente obra, e quando aliás não destroe parte alguma da materia, que só toma novas fórmas. Com tudo, desde Aristoteles até Loke, e Berkeley, Reid, e Stewart, tudo he conjectura!

C A P I T U L O. XIII.

Da Moral Egoistica.

Escriptores modernos, que não tem por Estrella Polar a Revelação do Evangelho, que ensinou a pratica dos nossos deveres só pela razão de serem de ordem e vontade de Deos, e o preceito da *abnegação de si mesmo* para o exercicio da virtude pura, enthronizarão o *Amor proprio*, ou o *Egoismo*, como o idolo da vida, e o unico real estimulo dos actos humanos, pelo qual cada individuo procura o seu bem e melhoramento, com preferencia, e ainda á custa, do de seus semelhantes. Estes Escriptores reduzem todo o senso e dever moral á mero calculo de *interesse particular*.

Dizem que isto assim he por força da Constituição do homem, estabelecida pelo Author da Natureza. O *desinteresse* que alguns affectão, he desmentido pela consciencia de todo o individuo: os que o ostentão, são ou hypocritas, ou sagazes calculadores, que

às vezes prescindem de bens tenues presentes, pela certa esperança de maiores bens futuros, cujo gozo antecipado pela imaginação vale a pena do sacrificio da omittida vantagem. *He interesse bem entendido.* Ainda os sinceros amantes da virtude, que parecem rígidos sectarios da probidade, sem esperança de bem physico, proximo, ou remoto, assim obrão pelo amor da fama, estima, e honra, que a sociedade dá aos virtuosos, e especialmente aos que se submettem á sacrificios, ainda da vida, por amor do Bem Publico. He sempre em todo o caso o *amor proprio*, mais disfarçado, o verdadeiro principio impellente e imperativo das acções humanas, posto que ajustadas á utilidade geral da Especie. Em fim; dizem estes Mestres do Egoismo, Satyricos da Constituição divina e humana: tudo na sociedade he commercio e cambio de equivalente, e nada se faz de *graça* nem ainda do Pai ao filho, o marido a mulher &c.

Eis a doutrina corrente da *Moral Egoistica*, que infelizmente muito predomina nas mais cultas Nações! Até são vulgares os proverbios: = todos andão á sua conveniencia, e he huma das causas da grande corrupção que nellas se observa ainda onde se preza a *boa companhia*. = cada hum trata de si, e Deos de todos =.

Com tudo o Senso commum contradiz esta falsa Moral, que Sophistas tem mal deduzido da Lei Natural da *Conservação*, que, na verdade, he de tão extensa e poderosa influencia, tanto nos homens, como nos animaes.

Em todas as linguas ha os termos = *Interesse* e *Dever* = que não só tem sentido

diverso, mas opposto. Sem dúvida a constante pratica do dever he do real interesse dos homens; mas muitas vezes, attentas as vantagens presentes, e tentações urgentes, elles estão em conflicto, e não se póde executar o dever sem perda de consideravel, e ainda grande, interesse, e até sem risco de sacrificio de vida. Em taes casos he preciso ter alma forte, com o habito de virtude, para não se deslizar da prohibidade: e nem todos os homens tem essa rigida virtude, e character firme. Por isso os Legisladores, que considerão o curso ordinario das cousas, já-mais permittem julgar em causa propria, nem dão fé á testemunhas que tem interesse no vencimento da parte, ainda só por parentela e amizade. Até não se dá juramento ao réo em crime capital, e enorme, pelo justo receio de que faltará á verdade, pelo bem da vida, honra, e fazenda.

Ainda que não sejam assús ordinarios os actos perfeitamente desinteressados á bem algum de individuo, e do Publico, e nos tratos economicos e mercantis prevaleça o *interesse*, como o *principio motor*, todavia, attendendo-se a voz da consciencia, bem distinguimos os actos que fazemos por interesse proximo ou remoto, dos que não tem outro motivo mais que a *pura benevolencia* aos nossos semelhantes, sem a menor esperanza de retribuição, só pelo divino prazer de fazer bem; e a nossa complacencia he tanto maior, quanto o senso interior nos faz reconhecer o absoluto desinteresse com que obramos. Os espiritos elevados sempre hão de reconhecer, como fundada na altivez e bondade do coração humano, a regra que se lê nos *Actos*

dos Apostolos = he melhor dar que receber. =

A Lei Evangelica ordenou contra a Moral Egoistica a sublime regra, — *dai a esmola, sem que a tua mão direita saiba o que faz a esquerda*, tendo só o olho na bondade do Pai celeste, e sem esperar retorno e louvor dos homens —. Na Christandade são mui communs taes actos; e em Inglaterra ha muitas grandiosas dotações de Estabelecimentos Pios de bemfeitores *anonymos*, que fazem especial honra ao paiz, já mostrando o gráo elevado que ahi ha de exercicio da Moral Christãa; como dá testemunho, não suspeito, Mr. *Alexandre de Laborde* na sua obra de 1818 sobre o *Espirito das Associações*.

Em fim o *Egoista*, e interesseiro, he como o *avarento*, e *mercenario*, o objecto do aborrecimento e desprezo de toda a Humanidade: assim como o Generoso e Desinteressado, que faz o *bem pelo bem*, he objecto do amor e veneração do Mundo. Estes sentimentos estão plantados em todos os corações. Por tanto a Lei Natural não dictou o *egoismo*, mas sim o desinteresse, isto he, a *beneficencia efectiva*, ainda com risco da existencia individual. As Instituições de Caridade perigosa aos caritativos, como a dos Hospitaes, que abundão ainda no Paganismo, provão os restos ainda vivos da bondade original da constituição humana.

Do exposto não se segue, que o *amor proprio* seja incompativel com a virtude, exercendo-se em justos limites, sem exclusivo do amor do proximo, do publico, e do Generoso humano: tambem ha *deveres individuaes*, que a Lei Natural obriga a cada pessoa pres-

tar *á si mesmo*, como se explanará na Parte II.: o que unicamente se reprova, he o vicio do *á mim só*.

C A P I T U L O XIV.

Systema Anti-egoistico.

DAVID Hume nos seus *Ensaios Philosophicos*, fez habil = *Inquirição sobre os Principios da Moral*. Ainda que fosse tachado de *Sceptico* na sua *Historia da Religião Natural*, contudo tem o merito de refutar o *Systema Egoistico*, que estava grassando na Gram Bretanha, maiormente depois da engenhosa, mas sophistica, Novella da *Fabula das Abelhas de Mandeville*, que negou a pureza das virtudes da sociedade civilisada, e pôs a base dos deveres só no *amor proprio*, ou *interesse particular*. Elle estabeleceo a *Theoria da Moralidade na Geral Utilidade* da Especie humana, qualificando de virtuosa ou viciosa a acção, na proporção em que se conforma ou repugna áquella Geral Utilidade. A sua theoria pois se póde intitular — *Systema Anti-egoistico* —. Aqui só farei o seguinte breve extracto; pois a plena convicção só se póde ter lendo-se a inteira theoria do Author.

O Amor proprio, ou Egoismo, he hum principio que se suppõe predominante na sociedade: mas elle he absolutamente incompativel com a virtude, ou sentimento moral; e como elle não procede de outra origem senão da mais depravada disposição do individuo, assim tambem, em seu turno, tende a animar ainda mais nos outros esta depravação. Conforme ao systema dos que propugnão pela

existencia, intensidade, e universal operação deste principio, que dizem ser da natureza humana, toda a *benevolencia* he mera hypocrisia; a amizade he falsidade; o patriotismo, e espirito publico he farça; a fidelidade huma armadilha para obter confidencia; de sorte que todos os homens, na verdade, em todos os seus procedimentos só tem em vista o seu particular interesse, e por isso praticão os mais especiosos disfarçes, a fim de ficarem os outros desacautelados, e fóra de sua guarda, e serem expostos a cahirem em todas as machinações e fraudes. — He facil conhecer o character de toda a pessoa, que professa taes principios, e que em sua consciencia não desminha tão permiciosa theoria, que representa a Constituição moral da Humanidade em tão odiosas côres: mas he difficil persuadir, que homens de entendimento, sem terem o coração pervertido, possão adoptar tal systema egoistico, a não ser por terem delle feito negligente e precipitado exame.

Pessoas superficiaes, tendo observado, que muitos homens obrão com falsos pretextos, e simulados sentimentos, tirarão de factos particulares a conclusão geral, que todos são igualmente corruptos, e egoistas, e que nelles não ha grãos de bons ou máos, mas que são creaturas só cheias de disfarces e apparencias.

Ha outro principio, que se assemelha ao antecedente, e que tem sido o fundamento de mais plausivel systema egoistico; e he que a affeição que sentimos, ou imaginamos sentir, pelos outros, não he, nem pôde ser, desinteressada; e que ainda a mais sincera e generosa amizade he *mera modificação*

do amor proprio; e que, quando parecemos os mais empenhados em projectos de felicidade do Genero humano, nisso não procuramos, ainda sem o sentir, mais do que a nossa propria satisfação; e só por enthusiasmo he que affectamos, que, procurando os interesses dos outros, estamos inteiramente livres de todas as considerações de nosso interesse particular.

Por estes systemas pois ninguem he capaz de ter os verdadeiros sentimentos da benevolencia, e de respeito á genuina virtude. Porém esta philosophia malina he antes a satyra da depravação do actual estado da sociedade, do que a imparcial e candida delineação da natureza humana; pois, na prática, não ha quem não sinta e experimente o proprio desinteresse em innumeraveis acções da vida.

Sem duvida muitos homens fazem de si proprio o seu idolo: mas o geral da Humanidade tem candidos sentimentos de benevolencia e amor do proximo, que não se póde philosophicamente explicar por amor proprio.

Muitas vezes damos louvor á acções virtuosas, feitas em mui distantes e remotos paizes, onde a maior subtiliza da imaginação não poderia descobrir a mais leve apparencia de interesse pessoal, ou achar conexão alguma da nossa felicidade com successos tão separados de nós.

Hum acto nobre e generoso, ainda feito pelo nosso adversario, produz a nossa approvação; posto que alias, pelas suas consequencias, se reconheça ser prejudicial ao nosso particular interesse.

O amor paterno, que he tão geral, e forte, he tambem, no geral, absolutamente

desinteressado: a sua intensidade ainda he maior nas mãis, que, soffrendo indiziveis incommodos na criação dos filhos, quando lhes fallecem, doem-se e chorão sem consolação, sendo alias a morte o meio de as alliviar de tantas penas.

As virtudes sociaes da humanidade e benevolencia exercem a sua influencia immediatamente por directo instincto ou impulso da natureza, tendo quem as pratica, só ou principalmente, em vista o simples objecto, que move o affecto, sem ter em consideração algum plano ou antecipado systema de operações da vida, nem as consequencias resultantes da reciprocidade dos outros. O pai corre em ancia e agonia ao auxilio do filho, sem ter tempo de reflectir sobre os sentimentos e exemplos dos outros homens em iguaes circumstancias, nem sobre o interesse que lhe resulta da conservação do mesmo filho. O homem generoso com transporte se aproveita das oportunidades que se lhe offerecem de prestar serviço á seu amigo, sem lhe occorrer que com esse expediente o induzirá tambem a retribuir-lhe com igual obsequio. Ainda os homens de sentimentos ordinarios tem gosto de achar occasiões de serem prestativos á pessoas carecidas, sem que lhes venha ao espirito ter dellas a menor compensação. Cada individuo, a não ser malvado, e inteiramente insensivel ao bem commum, sente o estar sob o dominio da influencia das affeições beneficis.

Este escriptor tem o merito de combater, não só a Moral Egoistica, mas tambem a que se póde chamar a *Moral vaidosa*, com que ainda os sectarios da virtude muito aspirão,

na prática de seus deveres, a merecer a approvação, e o louvor dos homens, e fallão aos deveres da piedade ao Author da nossa natureza, que ordenou a virtude, e deo á todos o delicioso sentimento da mais viva complacencia em praticalla. Contra estes elle faz a seguinte apostrophe, que põe na bocca de hum Philosopho Platonico no Tom. 1.º da sobredita Obra *Ensaio XVII*. “ Oh philosopho! A tua sabedoria he vãa, e a tua virtude inutil. Tu procuras os ignorantes applausos dos homens, e não as solidas reflexões de tua propria consciencia, ou ainda a mais solida approvação do Ente, que, de huma só vista de seus olhos omni-vedores, penetra o Universo. Tu debes pelo intimo senso reconhecer o quanto he superficial a tua pretensa probidade, quando, intitulado-te bom cidadão, bom filho, e bom amigo, te esqueces do teu mais alto Soberano, que he o teu verdadeiro pai, e o teu maior bemfeitor. Não he a adoração devida á infinita perfeição, donde emana tudo que he bom e valioso? Não debes gratidão ao teu creador, que te chamou do *nada*, — pondo-te em tantas relações com creaturas teus semelhantes, e requerendo que preenchas os deveres que cumpre prestar á cada hum, sem que te olvides do que tambem debes á Elle mesmo, o mais perfeito dos Entes, e á quem estás connexo com os mais estreitos laços? „

Contra as vulgares queixas, dos muitos males, *physicos* e *moraes*, que existem ainda nas que se dizem *Nações morigeradas*, da visivel desigualdade entre virtude e premio, e da incerteza de *futuro estado* só pela *luz da razão*, assim diz:

“ Sobre o conhecimento dos attributos do Author da Natureza, a grande fonte dos nossos erros he a illimitada licença de conjectura, com que tacitamente nos consideramos pôr no lugar do Ente Supremo, e concluimos, que a sua vontade em toda a occasião observará a mesma conducta, que, se estivessemos na sua situação, abraçaríamos como a mais racionavel e elegivel. Mas, além de que o mesmo curso ordinario da Natureza assás convença, que quasi todas as cousas são reguladas por maximas, e principios mui differentes dos nossos; he tambem contrario á todas as regras da analogia, o formar raciocinios para concluir, pelos designios e projectos dos homens, os designios e projectos de hum Ente tão differente, e tão superior, e incomparavel, ainda mais do que o Sol he a respeito da luz de huma vela. „

„ Certamente ha hum Ente que preside sobre o Universo, e que com infinita sabedoria e poder tem reduzido os elementos que parecem contradictorios, á justa ordem e proporção. Os presumidos sectarios da *Razão* disputem quanto quizerem até que ponto este Ente benefico prolonga a nossa existencia, além da sepultura, a fim de dar á virtude o seu justo premio, e fazella completamente triumphante. O homem moral, sem decidir cousa alguma sobre tão duvidoso assumpto, he satisfeito com a porção que lhe está marcada pelo Supremo Dispenseiro de todos os bens. Com agradecimento acceitará qualquer maior recompensa que lhe estiver preparada: porém, quando se mallogrem as suas esperanças, sempre se persuadirá, que a virtude não he nome vão; porém justamente a esti-

mará como sendo ella mesma a sua propria recompensa; elle com gratidão reconhecerá a beneficencia de seu creador, visto que, havendo-o chamado á existencia, deo-lhe, só porisso, a opporrtunidade de adquirir a posse de tanto bem. ,,

C A P I T U L O . X V .

Do Systema Sympathico, ou da Sensibilidade Moral.

O Author da Natureza, constituindo o homem hum ente sensivel, deo-lhe duas especies de sensibilidade; huma, pela qual sente o seu proprio prazer, ou dor, e attribuição de corpo e espirito; esta he a *sensibilidade physica*; e outra, pela qual tambem sente, em gráo consideravel, o prazer, dor, e desastre alheio, ainda dos que lhes são mais estranhos, comprazendo-se em sua alegria, e condoendo-se em sua desgraça.

Esta he a *sensibilidade moral*. O Creador, pela primeira, aviva a cada pessoa para procurar o seu bem, e prevenir o seu mal; e pela segunda, a estimula a salvar e felicitar a Especie humana, para que ninguém seja indifferente á Humanidade, mas participe da sua prosperidade, ou se condôa de sua miseria, a fim, de quanto em si estiver, contribuir á boa ordem, e precavêr a desordem do estado social. A esta sensibilidade reciproca se tem dado o nome grego de *Sympathia*.

Adam Smith celebrizou-se no meado do seculo passado com a insigne obra da *Theoria dos Sentimentos Moraes*, em que se achão

explanadas, com muita originalidade, varios phenomenos da vida humana, de acções de virtude, vicio e crime, que promovem a felicidade, ou fazem a desgraça da sociedade. Nesta obra pôz os fundamentos da outra, que ainda mais o afamou, e á que deo o titulo de — *Inquirição da Natureza e causas da Riqueza das Nações*. — Sem duvida as Sciencias da Moral Publica e Economia Politica tem entre si a mais intima e indissoluel conexão; pois he impossivel haver Geral Moralidade sem hum bom Systema Economico, que mostre e assegure os meios de subsistencia decente, activa industria, e occupação certa e honesta aos povos.

Smith fundou o seu Systema de Moral no sentimento da *Sympathia*. Póde-se-lhe por isso dar o nome de *Systema Sympathico*. Não ha duvida, que só por isso, elle se recomenda; pois he conforme ao Systema Evangelico, que estabeleceu o preceito da *Caridade*, ou benevolencia activa aos nossos semelhantes, na admiravel parabola do *Samaritano*, que bem e divinamente definio, o que era *proximo* aos que affectavão inquirillo, dando e vivo exemplo no desinteressado soccorro, com que hum estrangeiro, e de seita odiada, só por *compaixão*, á vista de hum miseravel meio-morto por hum assassino, (sendo olhado com indifferença até por viandante *Levita*) promptamente o auxiliou, e deo ordem para ser agazalhado, e curado, só por condoído, e *commovido de misericordia* *. Outro exemplo deo no senhor, que se compadeceo do servo que lhe pedio misericor-

* *Misericordiá commotus est. Ev. S. Luc.*

dia por não poder pagar o que devia; indignando-se depois, porque este ingrato foi se-viciar ao seu conservo, que lhe fez igual sup-plica. Elle tambem ordenou, e praticou, o *ale-grar-se com os alegres, e chorar com os que chorão*.

A theoria deste engenhoso e pio Escrip-tor exige exame circunstanciado; mas só se poderá opportunamente fazer, quando na Par-te II. desta Obra se explanar a admiravel theo-ria das *Emoções Moraes de Brawn*, que respeitosa-mente a controverte em alguns pon-tos. Aqui por ora indicarei as seguintes pas-sagens. A primeira que se vê na Parte III. Cap. 4.º, e Parte VI. Sec. 2.ª he transcripta pelo mesmo *Brawn* no tom. 3.º Leitura 58 das suas — *Leituras sobre a philosophia do Es-pirito Humano*; cuja theoria he explanação analytica da Grande Verdade aqui annun-ciada.

“ Nós originariamente não approvamos, ou condemnamos particulares acções, porque, examinando-as, se mostram ser concordes ou discordes á certa regra geral. Muito pelo con-trario, a regra geral he formada, porque pela experiencia achamos, que *todas as acções de certo genero, ou circunstanciadas em certa ma-neira*, são approvadas, e desapprovadas. Qual-quer homem que primeiro vio hum deshumano homicidio, commettido por avareza, inveja, e injusto resentimento, e maiormente sendo con-tra pessoa que amava, e se confiava do mata-dor; — que vio as agonias da pessoa expi-rante; — que ouviu-o nos seus ultimos suspi-ros lamentar-se mais da perfidia e ingrati-dão do seu falso amigo, do que da violencia, que lhe fizera; — não necessita, para conce-

ber o horror de tal acção, que *reflecta*, que huma das mais sagradas regras de nossa conducta era o prohibir tirar a vida á huma pessoa innocente, e que o homicidio fôra clara violação de tal regra, e *consequentemente*, que a *acção era condemnavel*. He evidente que a detestação deste crime se excita *instantaneamente*, e antes de ter quem o vio para si formado tal geral regra. Ao contrario, essa regra geral, que elle poderia depois formar, estava já fundada sobre tal detestação que sentio, e que se excitou no seu proprio peito, só pelo pensamento desta e de qualquer outra particular acção do mesmo genero. „

No Tom. 1.º Cap. 5, faz a seguinte justa advertencia. “ Ha consideravel differença entre virtude e mera propriedade das cousas, entre as qualidades e acções que merecem ser admiradas e celebradas, e as acções que simplesmente merecem ser approvadas. Em muitas occasiões, para obrarmos com perfeita propriedade, não se requer mais que o commum gráo de sensibilidade, ou senhorio — de si, que os mais indignos do Genero humano possuem, e algumas vezes em gráo que não he necessario. Assim, o comer quando se tem fome, he certamente, nas occasiões ordinarias, perfeitamente recto e proprio, e não pôde deixar de ser approvado por toda a pessoa. Com tudo nada seria mais absurdo que o dizer, que tal acção he virtuosa. „

“ O sentir muito pelos outros, e pouco por nós mesmos, o restringir o nosso egoismo, e dilatar as nossas afeições benevolas, constituem a perfeição da natureza humana; e esta virtude he a que só pôde produzir no

Genero humano a harmonia de sentimentos e paixões, em que consiste toda a sua propriedade e graça. Como o amar a nosso proximo como amamos a nós mesmos he a grande Lei do Christianismo, tambem vem a ser o grande preceito da natureza o amar a nós mesmos sómente como amamos ao nosso proximo, ou (o que vem a ser a mesma cousa) como o nosso proximo he capaz de amar-nos. ,,

“ Ainda que os nossos effectivos bons officios raras vezes se pódem estender á sociedade mais vasta do que á do nosso paiz; comtudo a nossa benevolencia não he circumscripção por alguns marcos, mas póde abraçar a generalidade do Universo. Não podemos formar alguma idéa de algum ente sensível, cuja felicidade nós não desejaríamos, ou á cuja miseria não tivéssemos algum gráo de aversão. Na verdade, a idéa de hum ente sensível, porém máo, naturalmente provoca o nosso odio; mas, neste caso, a má vontade que lhe temos, quando ouvimos fallar de sua maldade, he realmente o effeito de nossa universal benevolencia: ella he o effeito da sympathia que sentimos pela miseria e resentimento dos outros entes innocentes e sensíveis, cuja felicidade he perturbada pela malicia do improbo. ,,

“ Esta universal benevolencia todavia, bem que em si nobre e generosa, não póde ser a fonte de solida felicidade á pessoa alguma, se não for absolutamente convencida, que todos os habitantes do Universo, tanto o infimo como o maximo, estão sob o immediato cuidado, e patrocínio do grande, benevolo e omniscio Ente, que dirige todos os movimentos da Natureza; e que he determi-

nado, pelas suas proprias inalteraveis perfeições, a manter nelle, em todos os tempos, a maior possivel quantidade de felicidade. ,,

“ Toda a pessoa virtuosa deve querer em todo o tempo, que o seu particular interesse seja sacrificado ao interesse publico da sua particular classe, ou communitade; que o interesse desta classe e communitade seja sacrificado ao interesse do Estado, de que he sómente huma parte subordinada; que igualmente estes inferiores interesses sejam sacrificados ao maior interesse do Universo, isto he, ao interesse da Grande Sociedade dos entes sensiveis, de que Deos he o immediato administrador e director. Deve estar intimamente convencido, que este benevolo e omniscio Ente não póde admittir no systema de seu governo *mal parcial*, que não seja necessario para o Bem Universal: e que quaesquer que forem os infortunios que acontecerem, á si, á seus amigos, á sua classe, e Nação, isso he necessario para a prosperidade do Universo; e por tanto que, não só he de seu dever submeter-se com resignação, mas tambem, sincera e devotamente, desejar que assim acontecesse; pois tal seria o seu proprio arbitrio, se conhecesse todas as connexões e dependencias das cousas. ,,

“ Nem esta magnanima resignação á vontade do supremo Director do Universo parece estar fóra do alcance da natureza humana. Esta resignação mostra com alacridade o soldado ao seu General, ainda quando lhe ordena o posto mais perigoso, ou ainda de certo sacrificio da vida. ,,

A corrupção da Moral Publica começa, e se augmenta, desde que a *sympathia* tem

menos influencia no curso ordinario da vida. As duas principaes causas do afrouxamento da sympathia são a frequencia das guerras, e as Instituições do Captiveiro domestico e civil, e do Monopolio das Honras e Riquezas, que occasionão extrema desigualdade de fortunas, incalculavel extensão de violencia e miseria, e, com ella, habitual insensibilidade dos males alheios, ou grande indiferença ao seu bem, e melhoramento. Quando se vêem Nações, em que hum campo de batalha não horroriza; em que o povo corre a ver dar a morte, ou castigos crueis; em que cada casa he calabouço e patibulo para escravos, sem inspecção da Humanidade, e sem recursos contra a tyrannia domestica, para os senhores não fazerem abuso da authoridade; ahi os deveres e virtudes moraes mal se acharão em mui baixa escála.

C A P I T U L O XVI.

Da Educação Moral.

A Necessidade de boa educação tem sido reconhecida em todos os Estados cultos; e he corrente o proverbio, que a educação aperfeiçoa a natureza, e corrige a má indole, de sorte que, tudo quanto os homens tem de qualidades louvaveis, o devem á recta educação. Na verdade, o empenho dos Governos regulares, na boa educação dos povos, suppõe que todos os homens tem certos communs instinctos e sentimentos, para conviverem em paz, reciproca ajuda, e honesta industria; e assim poderem desenvolver progressivame-

te as faculdades uteis do corpo e espirito, e terem o que se diz *Bons costumes*.

Os Governos antigos forão mais cuidadosos da educação physica; porisso tanto na Grecia se prezavão os exercicios *gymnasticos*; porque era-lhes de maior e geral interesse, que os povos fossem robustos para as operações da guerra, a fim de melhor poderem resistir ás invasões de Nações salvagens e barbaras. Os Governos modernos, depois da invenção da polvora, e instrumentos bellicos, de incomparavel superioridade aos que anteriormente se conhecião, a *força corporea* he quasi de inconsideravel importancia a respeito da *força espirital*, que resulta da cultura da *Razão*, e prática da *Moralidade*. Por essa causa se tem fundado e protegido tantas Universidades, Collegios, e Casas de Educação.

O Systema de Educação physica e moral de maior celebridade no continente da Europa no seculo passado, foi o do famoso *Rousseau*, no seu Tratado do — *Emilio* —, em que mostrou mais engenho que juizo. Elle se intitulou o *Homem da Natureza*, e affectou dirigir a educação dos meninos só pelas luzes da *Razão*. Ainda que manda ensinar-lhes os dogmas da existencia de Deos, e immortalidade d'alma, he todavia de opinião, que não lhes dê essa instrueção antes de 15 annos, a fim de que não fiquem com idéas erradas sobre tão importantes verdades.

Bem que esta obra contenha alguns sãos documentos contra os incredulos e sophistas do seu tempo, comtudo não póde o Escriptor arrogar-se o titulo de *Mestre do Genero Humano*, e *puro Deista*, como affectava; pois foi convencido na Republica das Letras por

Homem de Paradoxos, e Mysantropo, pelas suas incíceras Dissertações, em que porfiou demonstrar, que as *sciencias corrompião a sociedade*, e o *estado selvagem era melhor que o civilizado*.

Todavia, para confundir os escriptores de Moral que lhe succederão e o copiarão, e não menos envergonhar aos persumidos de *Illuminados* do presente seculo, que se glorião de serem discipulos desse *Paradoxista de Genebra*, transcreverei aqui a seguinte sua *Profissão de Fé*, que se acha no Tom. III. pag. 124 do referido—*Emilio*— edição de Paris de 1802. Depois de expôr com espirito de contradicção as suas dúvidas sobre a verdade da Revelação da Lei Evangelica, talvez compungido pela consciencia diz:

“ A respeito da Revelação, se eu fosse melhor raciocinador, ou mais instruido, talvez sentiria a sua verdade. —

“ Confesso que a magestade das Escripturas me espanta, a santidade do Evangelho falla ao meu coração. Vêde os livros dos philosophos com toda a sua pompa; como são pequenos comparados com este! Será possivel que seja obra dos homens hum livro ao mesmo tempo tão sublime e tão perfeito! será possivel que a pessoa de que elle faz a historia, seja mero homem? Acha-se nelle o tom de hum entusiasta, e de hum ambicioso? Que doçura, que pureza nos seus costumes! Que graça sentimental nas suas instrucções! Que elevação nas suas maximas? Que profunda sabedoria nos seus discursos? Que presença de espirito, que agudeza e justeza nas suas respostas! Que imperio sobre as suas paixões! Onde está o homem, onde está o

sabio, que saiba obrar, soffrer, e morrer sem fraqueza, e sem ostentação? Quando Platão descreve o seu justo imaginario, coberto de todo o opprobrio do crime, e digno de todo o preço da virtude, elle faz o exacto quadro de JESUS CHRISTO: a sua semelhança he tão viva, que todos os Padres da Igreja a sentirão, e á ninguem era possivel não o reconhecer. Que preocupação e cegueira não he necessaria para ousar alguém comparar o filho de Sophronisca ao filho de Maria? Que distancia vai de hum á outro? Socrates, morrendo sem dor, sem ignominia, sustentou facilmente o seu character até o fim; e se esta facil morte não tivesse honrado a sua vida, duvidar-se-hia, se Socrates com todo o seu espirito tinha sido outra cousa mais que hum Sophista. Dizem que elle *inventou a Moral*. Mas já antes outros a haviam posto em prática; elle apenas disse o que estes haviam exercido, e não fez mais que reduzir á lições os seus exemplos.

Aristides tinha sido justo, antes que Socrates dicesse o que era justiça; Leonidas morreu pelo seu paiz antes que Socrates ensinasse ser hum dever o amar a patria. Esparta foi sobria antes que Socrates louvasse a sobriedade: antes de definir elle a virtude, já a Grecia abundava de homens virtuosos. Mas onde Jesus achou entre os seus compatriotas a *moral elevada e pura* de que só elle deo lições e exemplo? Do seio do mais furioso fanatismo elle fez ouvir a mais alta sabedoria, e a simplicidade das mais heroicas virtudes honrou o mais vil de todos os povos. A morte de Socrates philosophando tranquillamente com seus amigos, he a

mais doce que se possa desejar; a de Jesus expirando em tormentos, injuriado, escarnecido, e amaldiçoado por todo o povo, he a mais horrivel que se possa temer. Socrates, tomando a taça do veneno, abençoa aquelle que a apresenta chorando; Jesus no meio de hum supplicio horroroso ora a Deos pelos seus encarnicados algozes. Sim, se a vida e morte de Socrates se mostrarão ser a de hum sabio, a vida e morte de Jesus são a de hum Deos. Diremos que a historia do Evangelho foi inventada de capricho? Meu amigo, não he assim que se inventa; os factos de Socrates, de que ninguem duvida, são menos attestados que os de JESUS CHRISTO. Além de que essa objeccão, no fundo, só faz prolongar a difficuldade sem desfazella: seria mais incomprehensivel que muitos homens de accordo tivessem fabricado tal livro, do que houvesse huma só pessoa que desse o objecto d'elle. Jámais os escriptores judaicos tiveram o estilo e a moral que ali se vê. O Evangelho tem caracteres de verdade tão grandes, tão brilhantes, e tão perfeitamente inimitaveis, que o inventor seria ainda mais maravilhoso que o seu heroe. „

Daqui se manifesta a necessidade de recorreremos á esta Limpa Fonte da Moral Publica, para coigir os desvarios da Razão Fraca, no corrupto actual estado da Constituição Humana.

C A P I T U L O XVII.

Das Classes dos Deveres Moraes.

OS Deveres Moraes se podem dividir em duas classes.

Os *deveres moraes* da primeira classe são aquelles á que todos os individuos da Especie humana são impellidos por naturaes, *instinctos*, ou immediata propensão da sua natureza, e que opéra sobre elles independente de todas as idéas de obrigação, e de todas as vistas de utilidade ou interesse, particular ou publico. Taes são o amor dos pais aos filhos, a gratidão dos beneficiados aos bemfeitores, a *sympathia* ou compaixão com que acúdimos a socorrer aos que soffrem os males da vida. Sem duvida, quando fazemos reflexão sobre as vantagens que resultão á sociedade da constante efficacia destes naturaes *instinctos*, pagamos o justo tributo da moral approvação e estima ás pessoas que seguem esses *instinctos* e impulsos da Natureza; porém aquelles que obrão em sua conformidade, sentem o poder e influxo de taes *instinctos* antecedentemente á qualquer reflexão sobre os seus effectos bons e uteis ao Genero humano. Por providencia do creador a sociedade civil cresce e se civilisa mui principalmente pela insensivel efficacia destes *instinctos*, que porisso são as mais solidas bases naturaes da Moral Publica.

Os *deveres moraes* da segunda classe são aquelles que os homens praticão sem estímulo de originaes *instinctos* da nossa natureza; mas são exercidos inteiramente pelo *uso da razão*, que nos dicta o sentimento de obrigação, quando consideramos as necessidades, e as conveniencias, da sociedade humana, e a impossibilidade de subsistir esta, se taes *deveres* não forem executados. Tal he o *dever da justiça*, a respeito da propriedade dos outros; o *dever da fidelidade* na observan-

cia das *promessas* ou convenções : a razão bem mostra, que taes deveres são obrigatorios, e porisso adquirem authoridade sobre o Genero humano. Pois, reconhecendo cada individuo pelo senso intimo, que elle ama sempre mais a si mesmo que a qualquer outra pessoa, por natural instincto he impellido a estender ás suas adq̃uisições o mais que lhe he possível: ora nenhuma cousa pôde restringir o impulso deste instincto (que se chama *amor proprio*) se não a *reflexão*, e a *experiencia*, que a fortifica; pois que ambas lhe demōstrão os perniciosos effeitos que resultarião do ataque da *propriedade* dos outros, (que comprehende sua vida, honra, fazenda) e que, se fosse geral e impunida, produziria logo a dissolução da sociedade.

O mesmo se pôde dizer do dever da lealdade ao Governo estabelecido. Os nossos primarios instinctos nos levão a praticar huma liberdade illimitada, e exercer dominação sobre os outros: só a reflexão he a que nos dicta ser necessario sacrificar estas tão fortes paixões que procedem de taes instinctos, aos interesses da paz e da ordem publica, submettendo-nos ao governo estabelecido. O menor grão de experiencia e observação basta para nos ensinar, que a sociedade civil não pôde ser mantida sem a authoridade do Poder Supremo, e dos Magistrados estabelecidos pela Lei; e que tal authoridade cahiria logo em desprezo, se os Cidadãos não lhes prestassem a devida obediencia. A consideração destes geraes e obvios interesses he a fonte da moral obrigação da lealdade e subordinação geral.

CAPITULO XVIII.

Theoria de Volney, sobre a Lei Natural, e Moral Universal.

Depois de se ter tanto escripto sobre a Lei Natural, e Systema de Moral Universal, Mr. *Volney*, Escriptor Francez, distincto na Republica das Letras pela sua Obra da *Viagem á Syria*, appareceu com duas outras obras dadas á luz em Paris no fim do seculo passado; huma com o titulo de *Ruin*as, ou *Meditação sobre as Revoluções do Imperio*; e outra com o titulo de *Lei Natural*, ou *Cathecismo do Cidadão Francez*, em que affirma ter descoberto as bases da *Lei Natural*, e *Moral Universal*, até o presente ignoradas. He indizivel o mal que taes obras ocasionarão á Sociedade civil, promovendo a Revolução da França, e propagando os seus terríveis principios em hum e outro hemispherio.

Na obra das *Ruin*as incendiou as phantasias dos povos, dando-lhes vãs esperanças de melhora de Governos, figurando a hum *Phantasma*, á que deo o titulo do *Genio dos Tumulos*, declamando indistinctamente contra os erros e abusos dos Regedores das Nações, e aconselhando a mudança das Instituições civis e religiosas da Sociedade.

Nesta Obra diz, que impostores sagrados havião em todas as Nações introduzido huma *Moral abnegativa e anti-social*, em que até se prohibião os mais innocentes prazeres; e que por isso, vendo os homens que neste mundo não encontravão a felicidade, de que a Natureza lhes havia dado esperança inex-

gotavel, a procurarão em hum mundo imaginario, desprezando o da mesma Natureza por *esperanças chimericas*, com abandono da realidade.

Na obra da *Lei Natural*, attaca toda a Religião positiva, e sustenta, que só se deve seguir a Lei da Natureza. Esta obra foi publicada em 1793, quando se abateu a Monarchia Franceza, e se proclamou a Republica da Facção de *Robespierre*: então a infidelidade havia chegado ao extremo de no antes intitulado *Reino Christianissimo*, transformado em *Reino do Terror*, o Clero e Povo da Capital solemnemente renunciarem na Cathedral de Paris á crença no Velho e Novo Testamento. Os principios desta Obra são os mesmos da Obra das Ruinas, porém mais concisa e methodicamente organisados, e restrictos ás Regras Moraes; ainda que tambem no fim se compliquem com as vagas Maximas Politicas revolucionarias da *Igualdade* e *Liberdade*, que tem desatinado as Cabeças dos Innovadores e Anarchistas do Velho e novo Mundo.

Isto bastava, para refutação de tal Obra. Porém, como ella contém algumas doutrinas racionaveis e plausiveis, ao menos para o commum dos homens, que não elevão os seus espiritos aos genuinos sentimentos da *Moral Pura*, que só tem por objecto a intrinseca *excellência da virtude*, como ordenada por Deos, e premiada com a immortalidade feliz na vida futura; e além disto tal obra corre devassa no Brasil; he de boa razão expolla em toda a sua nudez, submettendo ao Publico a subsequeute Refutação contra os erros mais prominentes, em serie de NOTAS.

A Obra he em fórma de Dialogo: para maior brevidade, prescindi das perguntas e respostas, só transcrevendo a substancia da doutrina.

Espero que este empenho não pareça inutil, visto que, depois daquella obra se publicou em París no chamado Anno IV. da Republica Franceza outra obra, mui extensa em tres volumes, com o titulo de *Moral Universal*, ou os *Deveres do Homem fundados sobre a Natureza*, de author anonymo, e que se póde considerar hum *commentario* do *Cathecismo* de Volney, hem que não o nomêe, mas só mencione no fim do *Prefacio* os *Elementos da Moral Universal*, ou *Cathecismo da Natureza* do Barão d' Holbach. Em todos ha o mesmo fundo da *Theoria Moral*.

C A P I T U L O XIX.

Cathecismo de Volney: exposição da Lei Natural.

LEI *Natural* he a *Ordem* regular e constante dos factos, pela qual Deos rege o Universo; *Ordem*, que a sua *subedoria* apresenta aos *sentidos*, e á *razão* dos homens, para servir de *igual e commum regra* das suas acções, e para os guiar, sem distincção de paiz e seita, para a perfeição e felicidade. (1)

Lei he a *ordem* que determina ou prohibe alguma acção, com a clausula expressa de huma pena annexa á violação, ou de recompensa ligada á observancia de tal ordem. . . . Existem estas *Ordens da Natureza*.

Natureza se entende em tres sentidos:

1.º Designa o Universo ou o Mundo material, isto he, os objectos do Ceo e Terra

offerecidos aos nossos olhos: neste sentido dizemos — *bellezas e riquezas da Natureza.*

2.º Designa a Potencia que anima e move o Universo, considerando-a como hum Ente distincto, bem como a alma he ente distincto do corpo: neste sentido dizemos — *intenções da Natureza — segredos incompreensiveis da Natureza.*

3.º Designa as operações parciaes desta Potencia em cada ente, e em cada classe de entes: neste sentido dizemos — *cada ente obra conforme á sua natureza.*

Como as acções de cada ente, ou de cada especie de entes, são sujeitas á regras constantes e geraes, que não pódem ser violadas sem que a ordem geral ou particular seja invertida e turbada; tem-se dado á estas regras das accões, e dos movimentos, o nome de *Leis Naturaes*, ou *Leis da Natureza.* — Eis exemplos,

He huma Lei da Natureza, que o Sol esclareça successivamente a superficie do Globo terrestre — que a sua prezença nelle excite luz e calor — que o calor, exercendo acção sobre a agoa, fórme vapores; — que estes vapores, elevados em nuvens nas regiões do ar se dissolvão em chuvas, ou se condensem em neves, que incessantemente renovão as agoas nos seus mananciaes e rios.

He huma Lei da Natureza que a agoa corra d'alto á baixo; que busque o seu nivel; que seja mais pezada que o ar; — que todos os corpos gravitem para a terra, — que a chama se eleve para o ar; — que o ar seja necessario á vida de certos animaes; — que a agoa em certas circumstancias os suffoque, e mate; — que varios succos das plan-

tas e certos mineraes ataquem os seus órgãos, e destruaõ a sua vida; e assim a respeito de muitos outros factos.

Como todos estes factos e seus semelhantes são immutaveis, constantes, regulares, delles resultão para o homem outras tantas verdadeiras *ordens* de se conformar á elles, com a clausula expressa, de huma *pena* annexa á sua infracção, ou de huma recompensa (bem-ser) ligada á sua observancia. Em consequencia do que, se o homem pretende ver claro nas trevas; se elle contraria a marcha das estações, e a acção dos elementos; se pretende viver n'agoa sem se afogar, tocar a chama sem se queimar, privar-se do ar sem se suffocar, beber venenos sem se destruir; vem logo a receber de cada huma destas infracções das Leis naturaes huma *pena corporal*, e proporcionada ao gráo de sua transgressão; — ao contrario, se observa, e pratica cada huma destas leis nas relações exactas e regulares que tem com elle, vem a conservar a sua existencia, e a faz tão feliz como o póde ser. Ora, como todas estas Leis, consideradas relativamente á Especie humana, tem por fim unico e commum, o conservalla, e fazella feliz, tem-se porisso convindo de comprehender a idéa associada em taes leis debaixo de huma só expressão e appellidalla collectivamente a *Lei Natural*. (2)

Dos Caracteres da Lei Natural.

REDUZEM-SE á dez os caracteres da *Lei Natural*: e consistem em ser I. Primitiva: II.

Immediata: III. Universal: IV. Invariavel:
V. Evidente: VI. Racionavel: VII. Justa:
VIII. Pacifica: IX. Benefica: X. Sufficiente.

I. He *Primitiva*, por ser inherente á natureza das cousas, e anterior á qualquer outra Lei: todas as mais Leis que os homens tem recebido, não são mais que imitações daquella; e a perfeição destas se mede pela semelhança que tem com o seu modelo primordial.

II. He *Immediata*, por vir immediatamente de Deos, e ser por elle apresentada á cada homem: todas as outras Leis não nos são apresentadas senão por homens, e estes podem ser enganados, ou enganadores. (3)

III. He *Universal*; por ser commum á todos os tempos, e á todos os paizes. Nenhuma outra Lei he universal; porque nenhuma dellas convem e he applicavel á todos os povos da terra; e todas são locaes e accidentaes, nascidas pelas circumstancias dos lugares e das pessoas: de sorte que, se não existisse certo Legislador, e certo acontecimento, tal Lei não existiria.

IV. He *Invariavel*; porque só ella he uniforme, e todas as outras Leis não são uniformes e invariaveis; visto que o que he *bem e virtude* pela Lei de hum paiz, he *mal e vicio* pelas Leis de outro paiz; e o que a mesma Lei approva em hum tempo, condemna em outro. (4)

V. He *Evidente*; porque he palpavel; visto consistir toda inteira em factos incessantemente presentes aos *sentidos*, e á *demonstração*. Nenhumas outras Leis são evidentes; pois que todas ellas se fundão sobre factos passados e duvidosos, sobre testemu-

nhos equívocos, ou suspeitos, e sobre provas inacessíveis aos sentidos. (5)

VI. He *Racionavel*; porque os seus preceitos e toda a sua doutrina são conformes á razão, e ao entendimento humano: e nenhuma outra Lei he racionavel; porque todas contrarião á razão e ao entendimento do homem, e lhe impõem com tyrannia huma crença cega, e impraticavel. (6)

VII. He *Justa*; porque nesta Lei as penas são proporcionadas ás infracções: as outras Leis não o são; porque annexão aos meritos e aos delictos recompensas ou penas desmedidas, e imputão como merito ou delicto accções nullas ou indifferentes. (7)

VIII. He *Pacifica*, e tolerante; porque, conforme á Lei Natural, sendo todos os homens irmãos, e iguaes em direitos, ella só aconselha á todos paz e tolerancia, ainda mesmo pelos seus erros. Nenhuma das outras Leis he pacifica; porque todas pregão a dissensão, a discordia, a guerra, e dividem os homens por pertenções exclusivas de verdade, e dominação. (8)

IX. He *Benefica*; por ser igualmente bemfazêja á todos os homens, ensinando á todos os verdadeiros meios de serem melhores, e mais felizes. Nenhunas outras Leis são beneficas; pois que não ensinão os verdadeiros meios de felicidade, e todas se reduzem á praticas perniciosas e futeis. Isto se prova por factos: visto que, depois de tantas Leis, *tantas religiões*, tantos Legisladores, e prophétas, *os homens são ainda tão infelizes; e tão ignorantes, como ha cinco mil annos.* (9)

X. He *Sufficiente*: porque ella basta pa-

ra fazer os homens mais felizes e melhores; visto que comprehende tudo quanto as outras Leis Civis e Religiosas tem de bom e util, isto he, o que nellas constitue *essencialmente a parte moral*; de maneira que, se fossem despojadas desta parte, se reduzirião á opiniões chimericas e imaginarias, sem alguma utilidade prática. (10)

Manifesta-se pois a Lei Natural ter todos os Caracteres de verdade e perfeição; e porisso os Francezes a tem adoptado, como a mais conveniente ao homem, e a mais digna do Author da Natureza, donde ella emana. (11)

Esta Lei ensina mui positivamente a existencia de Deos: porque todo o homem que *observa com reflexão* o spectaculo assombroso do Universo, quanto mais elle *medita sobre as propriedades e attributos de cada ente*, e sobre a ordem admiravel e harmonia de seus movimentos, tanto melhor lhe he demonstrado, que existe hum *Agente Supremo*, hum *Motor Universal e unico*, designado pelo nome de DEOS. Tão verdade he, que a Lei Natural basta para elevar o entendimento do homem ao conhecimento de DEOS; e que tudo quanto os homens tem pertendido conhecer da natureza deste Ente por meios estranhos, se tem constantemente achado ridiculo, e absurdo; e porisso tem elles sido obrigados a tornar a recorrer ás immutaveis idéas da razão natural. (12)

He falso que os Sectarios da Lei Natural sejam athêos: ao contrario, elles tem as idéas mais solidas e mais nobres da Divindade, do que a maior parte dos outros homens; pois as não manchão com a mistura das fraquezas e paixões da humanidade.

Quanto ao culto que elles dão á Deos; todo inteiro consiste em zeição; isto he, na prática e observancia de todas as regras que a *Sabedoria Suprema* tem imposto ao movimento de cada ente; cujas regras são eternas e inalteraveis, pelas quaes elle mantém a ordem e harmonia do Universo, e que nas suas relações com o homem compõem a Lei Natural. (13)

Até o presente não se tem conhecido esta Lei, bem que em todo o tempo se tenha fallado della. A maior parte dos Legisladores tem dito que a tomarão por base das suas Leis; mas só tem citado alguns dos seus preceitos, mal tendo idéas vagas do total complexo da mesma Lei.

A causa disto he, porque, supposto ella seja simples nas suas bases, comtudo nos seus desenvolvimentos e consequencias fórma hnmma somma complicada, que *exige o conhecimento de muitos factos e toda a sagacidade do raciocinio*. (14)

O *Instincto* não indica por si só a Lei Natural; pois que o instincto he hum sentimento cego, que impelle indistinctamente para tudo que agrada aos sentidos. (15)

Diz-se que a Lei Natural está *gravada no Coração dos homens* por duas razões: 1.º porque se tem observado, que ha *actos e sentimentos communs* á todos os homens; o que procede de sua organização commum; 2.º porque os antigos philosophos tem crido que os homens nascem com idéas já formadas; o que está modernamente demonstrado ser erro.

Mas, ainda que a Lei Natural não seja Lei escripta, comtudo não he cousa arbitra-

ria e idéal; porque consiste toda inteirã em *factos*, cuja demonstração se pôde incessantemente renovar aos sentidos, e compor huma *sciencia tão precisa e tão exacta como a Geometria e as Mathematicas*. Ora, pela mesma razão que a Lei Natural forma huma sciencia exacta, he que os homens, nascidos ignorantes, e vivendo distrahidos, não a tem conhecido até o dia d'hoje senão superficialmente. (16)

Principios da Lei Natural, em relação ao Homem.

OS principios da Lei Natural em relação ao homem são simples, e se reduzem ao preceito fundamental e unico — *conservação de si mesmo* —. (17)

Ainda que tambem seja hum preceito da Lei Natural o procurar o homem a sua *felicidade*, comtudo, como ella he hum estado accidental, que só tem lugar no desenvolvimento das suas faculdades, e do systema social, ella não he o fim immediato e directo da natureza; he, por assim dizer, hum *objecto do luxo*, accrescentado ao objecto necessário e fundamental da *conservação*. (18)

A Natureza ordena ao homem a sua *conservação* por duas sensações poderosas, e involuntarias, que annexou á sua constituição, como as *duas guias*, ou *genios guardas*, á todas as suas acções; huma he a *sensação da dor*, pela qual ella o adverte, e desvia de tudo que tende a destruillo; outra he a *sensação do prazer*, pela qual ella o attrahe e impelle para tudo que tende a conservar e desenvolver a sua existencia.

O prazer não he peccado, senão em quanto tende a destruir a vida e a saude, que provém de Deos. Elle não he o objecto principal da nossa existencia, bem como tambem a dôr o não he: o prazer he hum estimulo para viver; assim como a dôr hum annuncio do perigo de morrer.

O prazer com excesso ás necessidades da vida conduz á destroição; por exemplo, o abuso do prazer na comida e bebida ataca a saude, e he nocivo á vida. A dôr algumas vezes conduz á conservação, como, por exemplo, a dôr que huma pessoa sente no eórte de hum membro gangrenado, he o meio de não morrer.

Porém estas sensações do prazer e dôr nos enganão em duas maneiras, pela *ignorancia*, e pela *paixão*.

Enganão-nos pela *ignorancia*, quando obramos sem conhecer a acção e o effeito dos objectos sobre os nossos sentidos; por exemplo, quando huma pessoa toca ortigas sem conhecer a sua qualidade picante; ou masea o opio ignorando a sua qualidade soporifera. Enganão-nos pela *paixão*, quando, conhecendo a acção nociva dos objectos, com tudo nos abandonamos ao impeto de nossos desejos, e appetites; por exemplo, quando, sabendo que o vinho embebéda, tomado em demasia, o bebemos com excesso.

Sendo certo, que a ignorancia em que nascemos, e que os appetites desordenados á que nos entregamos, são contrarios á nossa conservação; segue-se, que a *instrucção* do nosso espirito, e a *moderação* de nossas paixões, são *duas obrigações*, e *duas leis*,

que se derivão immediatamente da *primeira lei da conservação*.

Mas, ainda que nasçamos ignorantes, a ignorancia não he huma lei natural do homem, bem como o não he a de nascerem as crianças nuas e fracas. Tão longe está de ser a ignorancia huma lei da natureza humana, que antes he hum obstaculo á pratica de todas as suas leis. A ignorancia he o *verdadeiro peccado original*. (19)

Se alguns Moralistas tem considerado a ignorancia como huma virtude e perfeição, he por extravagancia, ou mysanthropia, confundindo o *abuso dos conhecimentos* com os mesmos conhecimentos; porque os homens abusão do dom da falla, seria absurdo cortar-se-lhes a lingua. A virtude e perfeição não consistem em fazer nada, mas no desenvolvimento e bom emprego das nossas faculdades.

A *instrucção* he tão indispensavel, que, sem ella, os homens serião á cada instante feridos e offendidos por todos os entes que o cercão. Queimar-se-hião, se não conhecessem os effeitos do fogo; afogar-se-hião se desconhecessem os d'agoa; envenenar-se-hião se tomassem opio ignorando o seu mortifero succo. No estado selvagem, morrerião de fome, se não conhecessem as forças dos animaes, e a arte de os surprender: no estado social, se não soubessem a marcha das estações, não poderião trabalhar, nem alimentar-se. O mesmo se verifica a respeito de todas as suas acções em todas as precisões da vida.

Mas o homem, sendo solitario, não poderia adquirir os conhecimentos necessarios á sua conservação, e ao desenvolvimento de

suas faculdades; só o póde *vivendo em sociedade*, e tendo a ajuda de seus semelhantes.

A *Sociedade* não he hum estado contra a natureza do homem: ao contrario, he huma *necessidade*, que a Natureza lhe impõe pelo proprio facto de sua organização; porque 1.º a Natureza tem de tal modo constituido o ente humano, que elle não póde ver a seu semelhante do sexo feminino, sem experimentar certas *emoções*, e hum attractivo, cujas consequencias o impellem a viver em *familia*, que já he hum estado de sociedade; 2.º formando-o sensível, ella o organizou de maneira, que as sensações dos outros homens reciprocão e repercutem sobre si mesmo, excitando-lhe *co-sentimentos* de prazer e dôr, que vem a ser hum attractivo, e laço indissolvel da sociedade; 3.º O estado da sociedade, fundado sobre as *necessidades do homem*, he hum meio de mais para executar a Lei de sua conservação.

Dizer-se pois que o *estado social* he *estado contra a natureza*, ou fóra della, he o mesmo que dizer, que o fructo silvestre e amargo, quando se faz doce e delicioso, sendo cultivado nos jardins, deixa de ser producto da Natureza.

Os philosophos que tem chamado o *estado do Selvagem* — *estado de perfeição*, tem cahido nesse erro por extravagancia de espirito, ou pelo aborrecimento dos vicios da sociedade. O termo *philosopho*, significa o *amante da sabedoria*; e consistindo a sabedoria na prática das Leis naturaes, o *verdadeiro philosopho* he o que conhece estas Leis com extensão e exacção, e que á ellas conforma a sua conducta.

O selvagem he hum animal bruto, ignorante, huma bêtea má e feroz, que vive á maneira dos Ursos e *Orang-outangs*. Elle não he feliz neste estado: as suas sensações são habitualmente de *necessidades violentas*, que não pôde satisfazer, por ser ignorante por natureza, e fraco pela solidão. Nem tambem he livre; porque a sua vida depende de tudo que o cerca; pois não he livre comer quando tem fome, nem descansar quando está cansado, nem de se aquecer, quando tem frio: pois corre á cada instante o risco de perecer. Porisso todos os esforços da Especie humana, desde a sua origem, tem sido o sahir deste estado violento, pela urgente necessidade da sua conservação.

A necessidade da conservação produz nos individuos o *egoismo*, ou o *amor proprio*. O *egoismo* não he contrario ao estado social. Não se deve entender por *egoismo* a inclinação de fazer mal a outro; pois então não vem a ser amor proprio, ou amor de si, mas sim *odio aos outros*. — O *amor de si*, tomado no verdadeiro sentido, não he contrario á sociedade, antes he o seu mais firme apoio; pela necessidade em que constitue a cada individuo de não fazer mal á outro, em razão do *temor* de excitar neste o ressentimento, que o impelle a causar-lhe tambem damno.

Assim a *Conservação do homem* e o *desenvolvimento* de suas *faculdades*, dirigido á esse fim, são verdadeira Lei da Natureza na produção do ente humano. Deste principio simples e fecundo derivão, para elle se reportão, e por elle se medem, todas as idéas do *bem* e *mal*, de *virtude* e de *vicio*;

do *justo e injusto*, da *verdade e do erro*, do *permittedo ou prohibido*, que fundão a *Moral do Homem*, seja como individuo, seja como membro da Sociedade.

Bases da Moral; do Bem e Mal; do Peccado, do Crime, do Vicio, e da Viriude.

Conforme a Lei Natural, *bem* he tudo que tende a conservar e aperfeiçoar o homem; e *mal* he tudo que tende a destruillo, e a deteriorallo.

Entende-se pelo termo *physico*, tudo que tem acção immediata sobre o corpo. A saude he hum *bem physico*. Entende-se por *moral* o que não tem acção senão por consequencias mais ou menos proximas. A *calumnia* he hum *mal moral*; a *boa reputação* he hum *bem moral*; porque huma e outra occasionão a nosso respeito disposições e habitos nocivos ou favoraveis á nossa conservação, e aos meios de existencia.

Bem he tudo que tende a conservar, ou a produzir. Porisso certos Legisladores contarão entre as cousas agradaveis á Deos a cultura de hum campo, a fecundidade de huma mulher.

Mal he tudo que tende a dar a morte; porisso alguns Legisladores tem extendido a idéa do mal e de peccado até á morte dos animaes.

A *morte do homem* he crime pela Lei Natural, e o maior que se possa commetter; pois todo o outro mal se póde reparar; mas o homicidio jámais se póde reparar.

He peccado tudo o que tende a perturbar a ordem estabelecida pela Natureza para a conservação e perfeição do homem, e da Sociedade.

A *intenção* não he merito ou crime; porque he idéa sem realidade; mas he hum principio de peccado e de mal, pelo impulso que dá para a má acção. (20)

Virtude he a pratica das acções *uteis ao individuo*, e á sociedade.

Vicio he a pratica das acções *nocivas ao individuo*, e á sociedade.

Virtude, vicio, tem hum fim physico, e, em ultima analyse, tendem sempre á conservar ou destruir o corpo. Tem diversos grãos de força e intensidade, conforme a importancia das faculdades, que favorecem ou atacão, e conforme o numero dos individuos em que estas faculdades são favorecidas ou lezadas. Por exemplo: he mais virtuosa a acção de salvar a vida de hum homem, do que a de salvar a sua propriedade; a de salvar a vida de muitos homens, do que a de salvar a vida de hum só; a acção util á todo o Genero humano, do que a acção util á huma só Nação.

A Lei Natural ordena a prática do bem e da virtude, e prohibe a prática do mal e do vicio, pelas mesmas vantagens que resultão da prática do bem e da virtude á conservação do nosso corpo; e pelos danos que resultão á nossa existencia da prática do mal e do vicio.

Os preceitos da Lei Natural estão na mesma acção, considerada no seu effeito presente, e nas suas consequências futuras.

As virtudes são: 1.º Individuaes: 2.º Domesticas, ou Familiares: 3.º Sociaes ou relativas á sociedade.

Das Virtudes Individuaes.

AS principaes *Virtudes Individuaes*, que a Lei Natural ordena, se pôdem reduzir á cinco: 1.ª Sciencia: 2.ª Temperança: 3.ª Coragem: 4.ª Actividade: 5.ª Limpeza.

O homem que conhece as causas e os effeitos das cousas, provê, de huma maneira extensa e certa, á sua conservação, e ao desenvolvimento das suas faculdades. A sciencia he para elle como o Sol e a luz, que lhe fazem discernir com justeza e clareza todos os objectos no meio dos quaes se move. Essa he a razão porque, quando se designa a hum homem como instruido e sabio, se diz que he huma pessoa *esclarecida*. Quanto mais instrucção e sciencia tem algum homem, tanto maiores são os recursos e meios de subsistir (21). Por isso hum philosopho, depois de naufragio, disse aos companheiros, que estavam desesperados pela perda de seus fundos — *tudo que tenho, commigo trago*.

A ignorancia he o vicio contrario á sciencia. A Lei Natural a prohibe pelos graves detrimentos que da ignorancia resultão á nossa existencia; pois o ignorante não conhece as causas e os effeitos, commette á cada instante os erros os mais perniciosos á si e aos outros: he hum cêgo que marcha às apalpadellas, e que á cada passo offende, ou he offendido pelos seus semelhantes.

A ignorancia e estulticia são mui communs; porque são molestias habituaes do genero humano. Já ha tres mil annos dizia o mais sabio dos homens = *o numero dos estultos he infinito* =; e o mundo não tem mudado. Isto acontece, porque, para ser instruido, he preciso muito trabalho e tempo; os homens nascidos ignorantes, e temendo o trabalho, considerão ser-lhes mais commodo ficarem cegos, e todavia terem a vaidade de que vêem claro.

A sciencia comprehende a *prudencia*, que vem a ser a vista antecipada, ou *previdencia* dos effeitos e consequencias de cada cousa, por meio da qual o homem evita os perigos que o ameação, prepara, e aproveita as occasiões que lhe são favoraveis: dahi resulta o prover á sua conservação, tanto no presente, como no futuro, de huma maneira extensa e certa. Ao contrario, a *imprudencia* não calcula os seus passos, nem o seu theor de vida, nem os esforços e resistencias; e porisso à cada instante cahe em mil embarços, e mil perigos, que destroem, mais ou menos lentamente, as suas faculdades, e a sua existencia.

Quando o Evangelho chama *bemaventurados os pobres de espirito*, não se deve entender que falla dos *ignorantes e imprudentes*; pois ao mesmo tempo aconselha a simplicidade das pombas, unida á prudente astucia das serpentes. Por singeleza de espirito, se entende a *rectidão*; e este preceito do Evangelho he o da Natureza.

Temperança he o uso regulado das nossas faculdades, pelo qual jámais em as nossas sensações excedemos o fim da Natureza,

isto he, a nossa *conservação*; he a *moderação das paixões*.

Intemperança he o vicio contrario, que consiste na desordem das paixões, na avidez de todos os gozos, em huma palavra, na *cubiça*.

Os principaes ramos da temperança são; a *sobriedade*, e a *continencia* ou *castidade*.

A Lei Natural ordena a *sobriedade*, pela influencia poderosa, que esta virtude tem sobre a nossa saude. O homem sóbrio na comida e bebida faz boa digestão; o seu estomago não he opprimido com o pezo dos alimentos: as suas idéas são claras e faceis; faz bem todos os seus exercicios; executa com intelligencia os seus negocios; chega á velhice exempto de molestias; não perde o seu dinheiro em remedios; goza com alegria dos bens que a fortuna, ou a prudencia, lhe tem grangeado. Assim a Natureza generosa, com esta unica virtude, dá ao homem mil recompensas.

A Lei Natural prohibe a gulotonaria, pelos numerosos males, que lhe são annexos. O comilão, opprimido com o pezo dos alimentos, digere com anciedade: a sua cabeça se turba com os fumos da má digestão; não concebe idéas claras e distinctas; entrega-se á violencia dos movimentos desordenados da lascivia, e da colera, que deteriorão a saude; o seu corpo se faz obeso, pezado, e improprio ao trabalho; tem doenças dolorosas, e dispendiosas; raras vezes chega á longa idade; e se chega, a sua velhice he cheia de enfermidades e desgostos.

A *abstinencia* e o *jejum* são acções virtuosas, quando se tem tido demazia na co-

mida; por então serem remedios simples e efficazes; mas, quando o corpo tem necessidade de alimentos, o recusallos, e deixar soffrer a fome e sêde, he hum delirio, e hum verdadeiro peccado contra a Lei Natural. (22)

Esta Lei condemna a *embriaguez*, como o vicio o mais vil e pernicioso. O bebado, privando-se do recto uso dos sentidos, e da razão que Deos lhe deo, profana o beneficio da Divindade; abaixa-se á condição dos brutos; he incapaz de guiar os seus passos; caher como hum epileptico; fere-se, e até se pôde matar: a sua fraqueza o faz objecto do escarneo e desprezo de todos que o cercão: se nesse estado faz contractos, arruina e perde os seus negocios: estando fóra de si, diz palayras injuriosas, que lhe suscitão inimigos, e causão arrependimentos: enche a propria casa de perturbações e desgostos, e acaba por fim a vida por huma morte prematura, ou por huma velhice adoentada.

A Lei Natural não prohibe o uso, mas só o abuso do vinho: mas, como do uso ao abuso a passagem he facil e prompta no vulgo, talvez os Legisladores que tem proscripto o uso do vinho, tem feito serviço á humanidade. (23)

A Lei Natural não prohibe o uso de certas viandas, e vegetaes, e em certos dias e estações; porque só prohibe absolutamente o que faz mal á saude: á este respeito os seus preceitos varião como as pessoas; e até compõe huma *sciencia mui delicada*, e mui importante; porque a qualidade, a quantidade, a combinação dos alimentos, tem a maior influencia, não sómente sobre as affeições

momentaneas d' alma, mas tambem sobre as suas disposições habituaes. Hum homem não he o mesmo em jejum, que depois de comer, ainda que seja sóbrio. Hum caliz de liquor, huma chiera de caffè dão diversos grãos de vivacidade, de mobilidade, de disposição á colera, á tristeza, ou á alegria: ha comidas que, por serem pezadas ao estomago, fazem o homem importuno e molesto; e ha outras, porque bcin se digerem, dão contentamento, e inclinão a obsequiar e amar. O uso dos vegetaes, porque nutrem pouco, faz o corpo fraco, e inclinão os homens ao descanço, preguiça, e brandura: o uso de carnes, por serem mais nutrientes, espirituosas, e estimulantes dos nervos, dá vivacidade, inquietação, audacia. Dos usos habituaes de certos alimentos resultão habitos da constituição e dos orgãos, que depois formão temperamentos marcados com o seu privativo character.

Eis a razão porque, sobre tudo nos paizes quentes, os Legisladores tem feito *Leis de regime*. Longas experiencias ensinão aos antigos, que a *Sciencia Diétetica compunha huma grande parte da Sciencia Moral*. Nos antigos Egypcios, Persas, e Gregos, em seus Conselhos não se tratavão negocios graves senão em jejum. Tem-se notado, que nos povos em que se fazem as Deiberações sobre negocios publicos no calor da meza, ou no tempo da digestão, ellas são fogosas e turbulentas, e os seus resultados frequentemente desarrazoados e perturbadores.

A *Continencia* he ordenada pela Lei Natural; visto que a moderação no uso da mais viva das nossas sensações, he não sómente util, mas tambem indispensavel á

mantença das forças e da saúde; e hum calculo simples prova, que por alguns minutos de privação segurão-se longos dias de vigor de espirito e de corpo.

A *Libertinagem* he prohibida pela Lei Natural, pela pena dos numerosos males que della resultão para a existencia physica e moral. A pessoa que se entrega á libertinagem, se enerva, e enfraquece; não se póde applicar aos seus trabalhos; contrahе habitos de ociosidade, e despeza, que diminuem os seus meios de viver, e prejudicão a seu credito, e á consideração publica: as suas intrigas libertinas lhe causão embarços, euidados, querélas, pleitos, além de molestias graves e profundas, occasionando a perda de suas forças por hum veneno interior, e lento, a estupidez de espirito pela freuxidão do systema nervoso, e huma velhice prematura e enferma.

Porém a Lei Natural não considera como virtude a *Castidade absoluta*, tão recommendada nas *Instituições monasticas*; visto que ella, não he util, nem á sociedade, nem á pessoa que a pratica; antes lhe he nociva (22); pois; 1.º priva a sociedade da população, que he hum dos seus principaes meios de riqueza e de potencia; e os celibatarios, limitando todas as suas vistas e suas afeições ao tempo da propria vida, tem, no geral, hum egoismo pouco favoravel aos interesses geraes da sociedade: 2.º faz mal aos individuos que a praticão, privando-os de numerosas afeições e relações, que são a fonte da maior parte das virtudes domesticas e sociaes, e de mais: muitas vezes acontece pelas circumstancias da idade, do

regimen, do temperamento, que a continencia absoluta deteriora a saude, e causa graves molestias; visto que contraria ás Leis physicas, sobre que a Natureza tem fundado o systema da reproducção dos entes. Alem de que os que muito se jactão desta castidade absoluta, ainda suppondo-se que sejam de boa fé, estão em contradicção com a sua propria doutrina, que he consagrada pela Lei da Natureza no conhecido Mandamento *Crescei e multiplicai-vos.* (23)

A *castidade* he huma virtude de maior consideração nas mulheres que nos homens: porque a falta de castidade nas mulheres tem inconvenientes ainda mais graves e perigosos para ellas, e para a sociedade: pois, sem contar as afflicções e molestias que lhes são communs com os homens, ellas são expostas á todos os incommodos que precedem, acompanhão, e seguem o estado de maternidade, cujos riscos correm se não são casadas; vem a ser objecto de escandalo e desprezo publico, e passam o resto da vida em amargura e perturbação; são-lhes além disto à cargo as despezas da criação e educação dos filhos que não tem pai legitimo: isso as empobrece, e de toda a maneira prejudica á sua existencia physica e moral. Nesta situação, privadas de belleza e saude, que formão os seus attractivos, carregando com os filhos, fructos de sua lascivia, nem são procuradas para cazamento, e nem achão estabelecimento solido; assim cahem na indigencia, miseria, e vileza, arrastando huma vida infeliz.

A pureza dos nossos pensamentos e desejos he ordenada pela Lei Natural: pois,

conforme ás Leis physicas do corpo humano, os pensamentos e os desejos inflamão os sentidos, e logo impellem para as acções; demais: por outra lei da Natureza na organisação do nosso corpo, estas acções vem a ser necessidade machinal, que se repete em certos prazos de dias e semanas; de sorte que, em tempos fixos renasce o appetite, e a necessidade de tal acção; e se ella he nociva á saude, o habito de as praticar vem a ser destructivo da vida.

O *Pudór* he huma virtude, por causar a vergonha de certas acções, e manter a alma e o corpo em todos os habitos uteis á boa ordem, e á conservação de si mesmo. A mulher pudica he estimada e requestada para cazamento, e estabelecida com vantagens de fortuna, que assegura a sua existencia, e a faz amavel: as imprudentes e prostitutas são desprezadas, rejeitadas, e abandonadas á miseria e vileza.

A *Coragem*, que consiste na força do corpo e do espirito, he virtude ordenada pela Lei Natural, e muito importante; por que são meios effieazes á nossa conservação, e felicidade. O homem animoso e forte repelle a oppressão, defende a sua vida, liberdade, propriedade; procura pelo seu trabalho huma subsistencia abundante, e goza com tranquillidade de paz da alma. Se lhe acontecem infelicidades, que a sua prudencia não pôde prevenir, as supporta com firmeza e resignação.

A *fraqueza e cobardia* são vicios, porque occasionão muitas calamidades. O homem fraco e cobarde vive em ancias e angustias perpetuas; deteriora sua saude pelo terror, mu-

tas vezes mal fundado, de ataques e perigos; e este terror, que em si he hum mal, não traz o remedio delle; antes, ao contrario, o faz escravo de toda a pessoa que o quer opprimir: assim, pela servidão e aviltamento de todas as suas faculdades, ella degrada e deteriora os seus meios de existencia, e constitue a sua vida dependente das vontades, e dos caprichos de outro homem.

A influencia dos alimentos, a coragem, a força, e muitas das nossas virtudes, são, em grande parte, o effeito da nossa constituição physica, e de nosso temperamento; e até estas qualidades se transmitem pela geração e o sangue, com os elementos de que ellas dependem. Os factos os mais constantes e repetidos provão, que nas raças animaes de toda a especie, se vêem certas qualidades physicas e *moraes* (27), annexas aos individuos dessas raças, e crescerem ou se diminuirem conforme ás combinações e mixturas que ellas fazem com outras raças.

A nossa vontade não basta para ter estas qualidades, e não he crime o ser dellas privado, mas só hum *infortunio*, o que os antigos chamavão *fatalidade funesta*; mas, ainda assim, depende de nós o adquirillas: porque, huma vez que conheçamos sobre que elementos physicos se funda tal ou tal qualidade, podemos preparar o seu nascimento, excitando os respectivos desenvolvimentos, por hum habil manêjo dos mesmos elementos. Isto he o que faz a *Sciencia da Educação*; pois ella, segundo he bem ou mal dirigida, aperfeiçoa ou deteriora os individuos, ou as raças, á ponto de lhes fazer mudar a natureza, e as inclinações. Para esse effeito

he de summa importancia o conhecimento das Leis Naturaes, pelos quaes se fazem com eerteza e *necessidade* estas operações, e estas mudanças.

A *Actividade* he huma virtude segundo a Lei Natural. Porque a pessoa que trabalha e emprega utilmente o seu tempo, adquire mil vantagens preciosas para a sua existencia. Se nasceo pobre, o seu trabalho fornece-lhe a subsistencia; se demais he sóbrio, casto, prudente, logo adquire commodos, e goza das doçuras da vida. Até o mesmo trabalho lhe dá essas virtudes; pois, em quanto o seu espirito e corpo tem occupação regular, elle não he incitado com desejos desordenados, e não tem enôjo; antes adquire habitos doces, augmenta as suas forças, e a sua saude, e chega á huma velhice pacifica e feliz.

A *preguiça* e *ociosidade* são vicios proscriptos pela Lei Natural, e dos mais perniciosos; porque trazem todos os mais vicios. Pela preguiça e ociosidade o homem permanece ignorante, e até perde a sciencia que havia adquirido, e cahê em todas as desgraças que são companheiras da ignorancia e tolice. Pela preguiça e ociosidade, o homem he devorado de enôjos, e para os dissipar, entrega-se á todos os desejos de seus sentidos, que de dia em dia adquirem maior imperio, e o fazem intemperante, comilão, lascivo, enervado, cobarde, vil, e desprezível. Pelo effeito certo de todos estes vicios, elle arruina a sua fortuna, consome a sua saude, e termina a sua vida em angustias, molestias, e pobreza.

Daqui porém não se segue que a pobre-

za em si seja vicio; mas tambem não he virtude, porque ella está mais perto de ser nociva que util; e ordinariamente he o resultado do vicio, ou do seu começo; porque todos os vicios individuaes tem o effeito de conduzir á indigencia, e á privação das necessidades da vida; quando qualquer pessoa tem falta do necessario, está bem proximo de procurallos por meios viciosos, isto he, nocivos á sociedade. Ao contrario, todas as virtudes individuaes tendem a procurar ao homem huma subsistencia abundante; e quando poupa mais do que consome, he-lhe mais facil dar aos outros, e praticar acções uteis á sociedade.

Igualmente não se segue que a riqueza seja virtude; mas tambem não he vicio; só conforme o seu uso (25) he que se póde chamar virtuosa ou viciosa a riqueza, isto he, segundo ella se mostra util ou nociva ao homem, e á sociedade. A riqueza he hum instrumento, que produz virtude ou vicio em proporção do seu bom, ou máo uso e emprego.

A *Limpeza* (ou *Asseio*) conta-se na classe das virtudes; realmente he huma das mais importantes; visto que poderosamente influe sobre a saude do corpo, e sobre a sua conservação. A *Limpeza*, tanto nos vestidos, como na casa, obsta aos perniciosos effeitos da humidade, dos máos cheiros, dos miasmas contagiosos, que se exhalão de todas as cousas abandonadas á putrefacção: ella entretem a livre transpiração; renova o ar, refresca o sangue, e dá alegria ao espirito.

Vê-se que as pessoas que são cuidadas da limpeza de seu corpo, e de sua habitação, são, no geral, mais sadias, e menos

expostas ás doenças, do que as que vivem sem asseio, e na immundicia. Nota-se demais, que a limpeza produz em todo o regime domestico ordem e arranjo, que são os primeiros meios, e os primeiros elementos da felicidade.

A falta de asseio, ou porcaria, he hum vicio verdadeiro; e tão verdadeiro, que a embriaguez e a ociosidade são em grande parte os resultados della. A immundicia he a causa segunda, e ás vezes a primeira, de huma multidão de incommodidades e molestias graves. A medicina prova, que ella produz ulceras, sarna, tinha, lepra, não menos que o uso de comidas corruptas e acres: promove as influencias contagiosas das febres e febres malinas; as excita nos Hospitaes e cadeias; occasiona rhumatismos, encrustaudo a pelle com os suores crassos, Accresce a isto a incommodidade de ser devorada de insectos, que são immundos socios da miseria e vileza.

Porisso os antigos Legisladores estabelecerão o ser a *limpeza*, (debaixo do nome de *pureza*) hum dos dogmas essenciaes de suas religiões: eis a razão por que lançavão fóra da sua sociedade, e até punião com pena corporeal, aos que se deixavão attacar de doenças causadas pela falta de limpeza. Pelo mesmo motivo instituirão e consagrarão *abluições* ou *lavatorios*, *banhos*, *baptismos*, e purificações, até com fogo, e com fumos aromaticos de incensos, da myrra, do benjoin &c.: todo o seu systema de impuridades, todos os ritos de cousas mundas e immundas, que depois degenerarão em abusos e prejuizos, na sua origem erão fun-

dados na judiciosa observação, que homens sabios e instruidos haviam feito da summa influencia, que a limpeza no corpo, nos vestidos, na habitação, exerciço sobre a saude, e, por huma consequencia immediata, sobre o espirito e as faculdade moraes.

Do exposto se manifesta, que todas as virtudes individuaes tem por fim, mais ou menos directo, a *conservação da pessoa* que as pratica; e, *pela conservação de cada pessoa, ellas tendem á conservação da familia, e da sociedade*, a qual se compõe da reunida somma dos individuos.

Das Virtudes Domesticas.

Virtudes Domesticas são a prática das acções uteis á familia, que vive na mesma casa. Elles são a economia, — o amor paterno, — o amor conjugal, — o amor filial, — o amor fraternal, — o cumprimento dos deveres do amo e criado.

Economia, no sentido mais extenso da palavra, he a boa administração de tudo o que respeita a existencia da familia na casa. Como a subsistencia he a primeira necessidade de toda a pessoa, tem-se dado o nome de *economia* ao emprego do dinheiro nas primeiras precisões da vida.

A *Economia* he virtude; porque toda a pessoa que não faz despeza alguma inutil, vem a achar-se depois com superabundancia da verdadeira riqueza, por meio da qual alcança para si e sua familia tudo que he verdadeiramente commodo e util. Quanto mais

que por este modo assegura recursos para quando sobrevem perdas accidentaes e imprevisitas; em consequencia do que elle e a sua familia vivem em doce *abastança*, que he a *base da felicidade humana*.

A *dissipação e prodigalidade* são vicios; pois, em consequencia dellas, o dissipador e prodigo vem por fim a ter falta do necessario; cahe em indigencia, miseria, e aviltamento; e até os seus amigos, temendo serem obrigados a restituir-lhe o que despendeo com elles ou por elles, fogem da sua vista, como o devedor foge do credor, e he abandonado por todo o mundo. (29)

Amor paternal he o cuidada assiduo que os páis tem de fazer que os filhos desde a infancia adquirão o habito, de todas as acções uteis á elles, e á sociedade. A verdadeira ternura paternal consiste, em que os páis que educão os filhos nos bons habitos, adquirirão na carreira de sua vida os supprimentos e gozos necessarios, e assegurem á sua velhice ajuda e consolações contra as mingoas, e calamidades de todo o genero, que cercão a velhice.

O Amor paternal não he huma virtude commum; porque, apesar de que todos os páis fação jactancia della, com tudo na realidade vem a ser huma virtude rara; elles *não amão a seus filhos*, elles os acaricião, e os corrompem; o que amão nelles he o serem agentes das suas vontades, os instrumentos do seu poder, os troféos da sua vaidade, os brincos da sua ociosidade: elles não tem tanto por objecto a utilidade dos filhos, como a sua submissão e obediencia; e se entre os filhos se contão tantos beneficiados

íngratos, he porque entre os páis ha outros tantos beinfeitores despotas, e ignorantes.

O *Amor conjugal* he huma virtude; por que a concordia, e a união que resultão do amor dos espozos, estabelecem no seio de sua familia muitos habitos uteis á prosperidade, e á sua conservação. Os Espozos unidos amão a sua casa, e não a deixão senão por pouco tempo; elles a inspectão em todas as miudezas da administração; applicão-se á educação de seus filhos; mantem o respeito e a fidelidade dos domesticos; previnem toda a desordem e toda a dissipação; assim pela sua boa conducta vivem com decencia e consideração. Ao contrario, se o marido e a mulher não se amão, enchem a casa de rixas e perturbações; excitão a guerra entre os filhos e os domesticos; entregão-se á toda a especie de habitos viciosos; cada pessoa da casa dissipa, pilha, e rouba o que pôde da sua parte; os redditos se absorvem sem proveito; carregão-se de dividas; os conjuges por fim descontentes se apartão, e se movem pleitos; toda a familia cabe em desordem, ruina, e vileza, por falta do necessario.

O *Adulterio* he hum delicto pela Lei Natural; porque traz consigo huma multidão de habitos nocivos aos espozos, e á familia. A mulher e o marido, sendo arrastados por affectos de estranhas pessoas, desprezão a sua Casa, e desvião, quanto pôdem, os redditos para os gastar com os objectos de sua lascivia; dahi procedem rixas, escandalos, pleitos, desprezo dos filhos e domesticos; pilhagem e ruina final de toda a casa. Além de que a mulher adultera commette hum

rôbo muito grave; pois dando, ao marido herdeiros de sangue estranho, defrauda aos filhos legítimos de huma porção da herança paterna. (30)

O *Amor filial* he, da parte dos filhos, a pratica das acções uteis á si, e á seus pais.

A Lei Natural ordena o amor filial por tres motivos principaes: 1.º por *sentimento*; porque, os assíduos cuidados dos pais inspirão desde a tenra idade doces habitos de affecto dos filhos aos mesmos pais; 2.º pela *justiça*; porque os filhos devem á seus pais a retribuição de indemnidade, pelos cuidados e dispendios que lhes causarão. 3.º por *interesse pessoal*; pois, se os tratarem mal, darão á seus proprios filhos exemplos de desobediencia e ingratição, que os authorizão a praticarem algum dia com elles igual rebeldia.

O amor filial não consiste em submissão passiva e cega á vontade dos pais; mas em obsequio racional, fundado no conhecimento dos deveres dos pais, e dos filhos; sem a observancia desses direitos e deveres a sua mutua conducta degenera em desordem. (31)

O *Amor fraternal* he virtude; porque a concordia e união que resultão do amor dos irmãos, estabelecem a força, a segurança, a conservação da familia: os irmãos unidos se defendem mutuamente de toda a oppressão; ajudam-se nas suas necessidades, soccorrem-se nos seus infortunios, e assim assegurão a sua commum existencia. Ao contrario, os irmãos desunidos, abandonados cada hum ás suas forças pessoaes, cahem em todos os inconvenientes da separação e fraqueza dos individuos. Isto era o que engenhosamente

expressava o Rei da Scythia, o qual, chamando no leito da morte a seus filhos, ordenou-lhes, que quebrassem hum *feixe de flechas*; não o podendo executar estes moços, ainda que robustos, elle o tomou ás mãos, e, separando huma flecha depois de outra, quebrou a cada huma dellas com a ponta dos dedos. Eis, disse-lhes, os effeitos da união! unidos, como as flechas, em hum feixe, sereis invenciveis; separados, sereis rôtos, como cada huma dellas.

Os deveres reciprocos dos amos e criados consistem na prática de serem respectivamente uteis: dahi começam as relações da sociedade; porque a regra e a medida destas acções respectivas he o equilibrio ou a igualdade entre o serviço e a recompensa, entre o que hum presta, e o que o outro paga: esta he a base fundamental de toda a sociedade.

Assim todas as virtudes individuaes e domesticas, tem, mais ou menos immediatamente, porém sempre com certeza, relação ao objecto physico da *conservação e melhora do homem*; e, em consequencia vem a ser preceitos resultantes da Lei, fundamental da natureza na sua formação.

Das Virtudes Sociaes.

Sociedade he toda a reunião de homens vivendo em companhia, conforme as clausulas de algum contracto, expresso ou tacito, que tem por fim a sua conservação commum.

As *Virtudes Sociaes* são numerosas; e se podem contar tantas especies destas vir-

tudes, quantas são as *acções uteis á Sociedade* (32): mas todas se reduzem á hum só principio fundamental — a *justiça*.

A *justiça* comprehende todas as virtudes da sociedade, e vem a ser a sua virtude fundamental, e quasi unica; visto que ella, por si só, abraça todas as *acções* que são uteis á mesma sociedade; e todas as mais virtudes, debaixo do nome de caridade, humanidade, probidade, amor da patria, sinceridade, generosidade, simplicidade de costumes e modestia, não são mais que fórmulas variadas, e applicações diversas, deste axioma = *Não faças á outro o que tu não queres que se te faça* =; aqui está a definição da *justiça*.

A Lei Natural ordena a *justiça* por tres attributos physicos, inherentes á organização do homem, e vem a ser — *igualdade* — *liberdade* — *propriedade*.

A *igualdade* he attributo physico do homem; porque, tendo todos os homens igualmente olhos, mãos, bocca, orelhas, e a necessidade de se servirem deste orgãos para viverem, por este mesmo facto vem a ter hum direito igual á vida, e ao uso dos elementos que a conservão; elles *todos são iguaes diante de Deos*.

Dahi não se conclue, que todos os homens entendão igualmente, vejam igualmente, sintão igualmente, e que tenham precisões iguaes, e paixões iguaes; pois he de evidencia, e de experiencia de cada dia, que huma pessoa tenha vista curta, e outra larga; huma coma muito, e outra pouco; huma tenha paixões doces, e outra violentas, huma seja de corpo e espirito fraco, e outra o tenha forte.

São pois os homens *realmente desiguaes* no desenvolvimento dos meios, mas não em a natureza e essencia destes meios: assemelhão-se ao estôfo, cujas dimensões não são iguaes, e nem o seu pezo e valor os mesmos. A nossa lingua não tem palavra propria para designar ao mesmo tempo a *identidade da natureza*, e a *diversidade da fórma*, e do emprego. A igualdade de que se trata he só huma *igualdade proporcional*: eis ahi porque disse, que os homens erão iguaes diante de Deos, e na ordem da Natureza. (33)

A *Liberdade* he attributo physico do homem; porque, tendo todos os homens sentidos sufficientes para a sua conservação, nenhum por isso tendo necessidade do olho de outro para ver, de sua orelha para ouvir, de sua bocca para comer, de seu pé para marchar, por este mesmo facto são constituídos naturalmente independentes, e livres; e, em consequencia, nenhum he necessariamente submettido á outro, nem tem direito de o dominar.

Ainda que hum homem nasça mais forte que o outro, não tem por isso direito natural de senharear-se do homem nascido fraco; pois que nem tem necessidade disso, nem ha convenção entre ambos; se o faz, só he por abusiva extensão da sua força: a Lei Natural não dá direito para abuso da força; pois a palavra *direito* só significa *justiça*, ou *faculdade reciproca*. (34)

A *Propriedade* he attributo physico do homem; porque todo o homem, sendo, pela sua constituição, *igual* ou *semelhante* á outro, e por consequencia independente e livre,

cada pessoa vem a ser o senhor absoluto, e proprietario perfeito de seu corpo, e dos productos do seu trabalho. (35)

Como os homens são iguaes e livres, nada devendo hum á outro, tambem não tem direito de exigir cousa alguma huns dos outros, senão prestando-se valores iguaes; isto he, que esteja em equilibrio a balança do prestado ao recebido; a esta *igualdade* e a este equilibrio he que se chama justiça, e equidade; assim a *igualdade* e *justiça* vem a ser a mesma palavra dictadas pela Lei Natural: todas as virtudes sociaes della se derivão.

A *caridade*, ou o *amor do proximo*, he preceito e applicação da mesma Lei, em razão da igualdade e reciprocidade; pois, quando fazemos mal á outro, damos-lhe o direito de tãobem elle nos fazer mal. (36) Assim atacando a existencia de outro, vimos a atacar a nossa propria existencia, *por effeito da reciprocidade*: ao contrario, fazendo bem á outro, temos motivo e direito de esperar d'elle, o troco de equivalente. O caracter de todas as virtudes sociaes consiste em serem uteis ao homem que as pratica, pelo *direito de reciprocidade*, que ellas lhe dão sobre as pessoas a quem taes virtudes tem dado proveito.

A *Caridade* he *justiça*, com a differença que a rigorosa justiça se limita a dizer = *Não faças á outro o mal que não quererias que elle te fizesse* =; a *caridade*, ou o amor do proximo, se estende a dizer = *Fazei a outro o bem que quererias receber d'elle* =. Assim o Evangelho, dizendo, que este preceito encerra toda a Lei, e os prophetas, não fez mais que enunciar o preceito da Lei Natural.

Esta Lei ordena o perdão das injurias, em quanto este perdão se accorda com a conservação de nós mesmos. Assim ella não ordena dar a outra face, quando se soffre o bofetão; porque: 1.º isso seria hum preceito contrario ao de amar o proximo *como a si* mesmo; pois, nesse caso, amar-se-hia mais aos outros que a nós, o que seria contrario á nossa conservação: 2.º tal preceito, tomado á letra, animaria o máo para a oppressão e injustiça. A Lei Natural he sabia a esse respeito, ordenando huma medida calculada de coragem e moderação, que faz esquecer huma primeira injuria, que procede de vivacidade, mas pune todo o acto que tende á oppressão. (37)

Á Lei Natural não ordena fazer bem á outro sem conta, e sem medida; pois isso seria hum meio certo de o conduzir á ingratição. Tal he a *força do sentimento da justiça plantado no coração dos homens*, que elles mesmos não prezão os beneficios dados sem discrição. A *unica medida* que se deve com elles guardar, he o *ser justo*.

A *Esmola* he acção virtuosa, quando he feita conforme á esta regra, sem o que vem a ser imprudencia, e vicio, em quanto fomenta a ociosidade, que he nociva ao mendigante, e á sociedade: pois nenhuma pessoa tem direito de gozar dos bens de outro, sem prestar o equivalente do seu proprio trabalho.

A *Esperança* e a *Fé* não são virtudes que a Lei Natural considere; porque são *ideas sem realidade*: e se dellas resultão alguns effeitos, são mais para a vantagem daquelles que não tem essas idéas, do que para a dos

que as tem: de sorte que se pódem considerar como *virtudes dos nescios á proveito dos velhacos.* (38)

A *Probidade* he ordenada pela Lei da Natureza; pois a probidade não he outra cousa mais que o respeito dos nossos proprios direitos no dos outros: este respeito se funda sobre hum *calculo prudente, e bem combinado, dos nossos interesses,* comparados aos dos outros. (39)

Mas este calculo, que abraça interesses e direitos complicados no estado social, exige luzes e conhecimentos, que o constituem huma *sciencia difficil,* e huma sciencia tanto mais delicada, que o homem probo vem a ser juiz na propria causa.

A probidade pois he hum signal de extensão e justeza de espirito; por que quasi sempre o homem probo despreza hum interesse presente, a fim de não destruir hum interesse futuro: o velhaco faz o contrario, pois perde hum grande interesse futuro por hum pequeno interesse presente.

A *Improbidade* consequentemente he signal de falsidade no juizo, e de estreiteza de espirito. Podem-se definir os velhacos — *calculadores ignorantes,* ou *tolos;* porque não entendem os seus verdadeiros interesses, e com tudo tem presumpção de serem finos; mas as suas subtilezas não findão em outra cousa mais, que em serem conhecidos por taes quaes são; perderem a confiança, estima, e todos os bons serviços, que resultão destas qualidades para a existencia physica e social. Elles *não vivem em paz,* nem com os outros, *nem consigo mesmos;* e são sem cessar ameaçados por sua *consciencia* (40), e pelos seus

inimigos; elles não gozão de outra felicidade real mais do que o não serem enforcados.

A Lei Natural prohibe o furto; porque a pessoa que furta á outra, lhe dá o direito de tambem a roubar (41); neste estado não ha mais segurança, nem na sua propriedade, nem nos meios de sua conservação: assim, fazendo mal á outro, tambem, por contra-golpe, faz mal á si mesmo.

Tambem a Lei Natural prohibe o desejo do furto; porque o desejo naturalmente impelle o homem á acção: e essa he a razão por que se caracteriza de peccado a *inveja*.

A Lei Natural prohibe o homicidio, pelos motivos os mais poderosos, da conservação de si mesmo; porque 1.º o homem que áttaca a vida de outros, se expõe ao risco de ser morto, pelo direito da defeza; 2.º Se elle mata, dá aos parentes e aos amigos do morto, e á toda a sociedade, hum direito igual (42) de tirar a vida ao matador; e por isso não vive mais com segurança.

Pela Lei natural só se pôde reparar o mal feito, compensando-o com hum bem proporcional áquelle a quem se fez o damno. Ella não permite reparar o mal por orações, votos, oblações á Deos, jejuns, mortificações (43); porque todas estas cousas são estrangeiras á acção que se quer reparar; pois taes actos não restituem o boi que se furtou áquelle de quem foi roubado; nem a honra a quem foi della privado pelo injurioso; nem a vida áquelle a quem foi tirada; e por consequencia taes actos faltão ao fim da justiça, e se constituem hum contracto perverso, pelo qual hum homem vende hum bem que lhe não pertence: elles vem a ser hu-

na verdadeira depravação moral; visto que dão ouzadia aos máos a consummarem todos os crimes, pela esperança de os expiar: elles são a verdadeira causa de todos os males, que tem sempre atormentado os povos em cujos paizes se usão taes praticas expiatorias. (44)

A *Sinceridade* he ordenada pela Lei Natural; porque a mentira, a perfidia, o perjurio, suscitão entre os homens desconfianças, contendas, odios, vinganças, que tendem á sua destroição commum; ao contrario, a sinceridade e a fidelidade estabelecem a confiança, a concordia, a paz, e os bens infinitos que resultão destas boas qualidades para a sociedade.

A *Brandura* e *Modestia* são ordenadas pela Lei Natural; porque a grossaria e dureza affastão de nós os corações dos outros homens, e lhes dão disposições para nos fazer mal; a presumpção e vaidade, ferindo o seu amor proprio, e o seu ciume, nos impedem conseguir o fim de huma verdadeira utilidade.

A *Humildade* não he virtude ordenada pela Lei Natural; por que está no sentimento do coração humano o desprezar secretamente tudo o que lhe apresenta a idéa de fraqueza; e o aviltamento de si proprio anima nos outros o orgulho, e os instiga á oppressão: he necessario ter a balança justa. (45)

A *simplicidade de costumes* he virtude dictada pela Lei Natural: ella consiste na limitação de nossas necessidades e desejos ao que he verdadeiramente util á existencia do cidadão, e de sua familia. A pessoa de *costumes simples* tem poucas necessidades, e vive contente do pouco. A Lei Natural ordena

esta virtude, pelas numerosas vantagens que a sua prática assegura ao individuo e á sociedade: a pessoa que só tem necessidade do pouco, se liberta ao mesmo tempo de huma multidão de cuidados, embaraços, e trabalhos; evita numerosas contendas e contestações, que nascem da *cubiça*, e do desejo de adquirir (46); poupa-se as ancias da ambição, as inquietações da posse, e a dôr da perda: achando por toda a parte o superfluo, he verdadeiramente rico; porque sempre está contente do que tem, e he feliz com poucas despesas; e os outros homens, não temendo a sua rivalidade, o deixão tranquillo, e são dispostos, quando se offerece occasião, de lhe prestarem serviço.

Se a virtude da simplicidade se estende á todo o povo, ella lhe assegura a abundancia: sendo abastado de tudo que poupa, adquire meios immensos para o troco e Commercio: então trabalha, fábrica, vende mais barato que os outros povos, e se eleva á todos generos de prosperidade dentro e fóra da Nação.

A *Cubiça*, e o *Luxo*, são os vicios contrarios á esta virtude.

O *Luxo* he vicio para o individuo, e para a sociedade; e o he á tal ponto, que se póde dizer, que com elle se encerrão todos os outros vicios: pois que o homem, que dá á si necessidade de muitas cousas, por isso mesmo se impõe todos os cuidados, e se submete á todos os meios justos e injustos de sua aquisição. Tendo hum gozo, deseja outro; e ainda estando no seio do superfluo de tudo, não he jámais rico. Se tem huma casa commoda, esta não lhe basta, e

pertende hum palacio grandioso: não se contenta com huma meza abundante, e requer guizados raros e custosos; quer moveis suntuosos, vestidos dispendiosos, apparatus de criados, cavalgadas, carruagens, mulheres, Operas, jogos. Para supprir á tantas despezas, precisa de muito dinheiro, e para o ter, todo o meio lhe parece bom, e até necessario: ao principio endivida-se, e depois, frauda, pilha, rouba, faz banca-rôta, põe-se em guerra com todos, arruina a si, e aos outros.

O *Luxo applicado á alguma Nação*, produz em grande as mesmas devastações; porque ella então consome todos os seus productos, e se acha pobre pela abundancia; ella nada tem que vender aos estrangeiros: fabrica com grandes despezas; vende caro, e se reduz a ser tributaria ás mais Nações nos productos que lhes compra: assim nos paizes estrangeiros perde a sua consideração, potencia, força, e os seus meios de conservação e defeza; e no interior do Estado se mina, e cahê na dissolução dos seus membros: sendo nesse estado todos os cidadãos avidos de gozos, se põe em lutta violenta para os adquirirem: todos se fazem reciprocamente mal, ou estão promptos a fazer; e dahi procedem as acções e os habitos, que causão a guerra intestina de cidadão á cidadão, e compõe o que se chama *Corrupção Moral*.

Do luxo nasce a avidez, da avidez a invasão por força ou fraude; do luxo nasce a iniquidade do juiz, a venalidade da testemunha, a improbidade do marido, a prostituição da mulher, a dureza dos pais, a in-

gratidão dos filhos, a avareza do amo, a pilhagem do criado, a ladroeira do Ministro, a perversidade do Legislador, a mentira, a perfidia, o perjuro, o assassinato, e *todas as desordens do estado social.*

Os Moralistas por isso, com profundo convencimento desta verdade, tem posto por base das virtudes sociaes a *simplicidade dos costumes*, (47) e o *contentamento do pouco*. Póde-se tomar por medida certa das virtudes ou dos vícios de hum homem, a medida de suas *despezas proporcionadas ao seu redito*, e calcular pelas suas necessidades de dinheiro a sua probidade e a sua integridade em executar os seus empenhos, a sua *dedicação á causa publica*, e o seu sincero, ou falso, *amor da patria.*

Patria se entende a *Communidade dos Cidadãos*, que, reunidos por sentimentos fraternaes, e necessidades reciprocas, fazem de suas forças respectivas huma *força commum*, cuja reacção sobre cada hum delles tomã o character conseruador e bemfazêjo de cidadãos, que formão hum *Banco de interesse*: na patria formão huma familia de doces affeições; o *patriotismo* vem a ser a caridade ou amor do proximo, com extensão á toda a Nação. Ora, como a caridade não se póde separar da justiça, nenhum membro da familia póde pertender o gozo de suas vantagens, se não em proporção de seus trabalhos; se elle consome mais do que produz, necessariamente attaca a existencia de outro: elle só póde adquirir meios de fazer sacrificios, e exercer generosidade á bem da patria, em proporção que consome menos do que produz.

Do exposto conclue-se que:

1.º Todas as *virtudes sociaes* não são mais que o *habito das acções uteis á sociedade, e ao individuo.* (48)

2.º Todas se reduzem á conservação do homem.

3.º A Natureza, tendo plantado em nós a necessidade desta conservação, á ella nós obriga como lei, constituindo-nos responsavel de todas as suas consequencias, e nos faz hum crime de tudo que della se aparta. (49)

4.º Temos em nós semente de toda a virtude, e de toda a perfeição, á que se deve dar desenvolvimento.

5.º Não podemos ser felizes senão em quanto observarmos as regras estabelecidas pela Natureza, cujo fim he a nossa conservação. (50)

6.º Toda a sabedoria, toda a perfeição, toda a lei, toda a philosophia, consiste na prática deste axioma, fundado, sobre a nossa propria organização :

Conserva-te;

Instrue-te :

Modera-te.

Vive para teus semelhantes, a fim de que elles vivão para ti. (51)

CAPITULO XX.

Refutação do Cathecismo Moral de Volney.

*Por amor da virtude os bons Lei guardão :
Só por temor de pena os máos não peccão. **

Esta Regra, que nos povos mais civilizados da antiguidade caracterizava os homens moraes ou immorales, tem sido desattendida pelos presumidos Mestres da Humanidade no seculo passado, que substituirão o *egoismo* ao *patriotismo*, e recommendarão a *Virtude*, não pela sua intrinseca excellencia, e como ordenada por Deos com a esperança de condigna retribuição na futura vida immortal, mas só pelos experimentados effeitos de conciliar o virtuoso a estima, e attrahir a beneficencia dos nossos semelhantes; e reprovarão o *Vicio*, pelos oppostos resultados de se expor o vicioso a mal fazer á si proprio, e excitar o desprezo e odio da sociedade; serão estas as recompensas e penas naturaes, e unicas, das boas ou más acções. Tal he a substancia do *Cathecismo de Volney*.

O Editor na preliminar *Advertencia* diz, que em todos os livros de Moral se acha hum chaos de maximas sem nexo, preceitos sem causa, acções sem motivos; e que os pedantes do Genero humano o havião tra-

* Oderunt peccare boni virtutis amore :
Oderunt peccare mali formidine poenæ — Hor.

tado como a hum menino, prescrevendo-lhe a boa ordem só por medo de espiritos e espectros, mas que já era tempo de *fallar-lhe razão*. Para esse effeito offerecia hum systema, em que punha as *bases de Moralidade*, fundadas sobre a *natureza das cousas*, e tão fixa e immutavel como ella mesma; e que portanto esperava, que tal Cathecismo viesse a ser hum livro classico popular, commum á toda a Europa; ficando o Author satisfeito de, ao menos, ter o merito de indicar os meios de *fazer os homens melhores*.

Mas, como he possivel fazer os homens melhores doutrinando-lhes Moral Egoistica, e Anti-Christãa, prescindindo dos dogmas da Divina Providencia, da immortalidade d'alma, e do culto externo á Deos? Isto bastava para Refutação de Symbolo apocrypho de *Volney*. Porém addirei as seguintes *Notas*.

Talvez se me estranhe a inteira transcripção de tal Cathecismo, quando reconheço a sua infidelidade. Espero que aos Candidos Leitores pareça sufficiente apologia (alem da razão já dada no cap. XVIII) a consideração, de que se costuma arguir aos contradictores de obras de Escriptores de nome, que fazem *mutilação* dellas, só attacando os lugares fracos, e supprimindo os sãos. Quanto mais que convem dissipar as illusões da Mocidade no que tanto interessa o Bem Publico, não havendo perigo do veneno, indo á par o antidoto.

NOTAS.

(1) á pag. 75.

Deos mostra a Lei Natural, não só pelos *Sentidos*, e pela *Razão*, mas também por *communis sentimentos* do Genero Humano, que se podem considerar como *principios auxiliares*, para o exercicio dos *deveres*, e *bons costumes*: taes são o *péjo*, o *remorso*, a *consciencia*, a *sympathia*, que *Volney* reconhece no theor de seu Cathecismo.

(2) á pag. 77.

Volney confundio a Lei Moral com a Lei physica. Supposto ambas se entrelacem na *Ordem Cosmologica*, ou *Systema* do Universo, e, em consequencia, haja huma *harmonia pres-tabilita* entre as boas e más acções, e a sua natural recompensa e pena, ainda na vida presente, e nisso se funde todo o Plano de Educação (até no vulgo agoirando-se aos meninos feliz ou infeliz sorte, conforme são bem ou mal criados); com tudo nem sempre *visivelmente* se mostra essa exacta correspondencia, não só no moral, mas também no physico. Por exemplo: quantas vezes o experto Lavrador e Negociante, bem calculando estações e interesses, emprehende suas lavouras, e negociações, e depois sobrem transtornos que os arruinão? Bem disse Salomon: " Nem sempre a victoria he dos fortes, nem a carreira dos velozes, nem o pão dos homens intelligentes. „

O mesmo se observa ainda aos mais ri-

gidos observadores da Lei Natural. He queixume já da antiguidade, que, *louva-se a virtude*, mas o virtuoso jáz na escuridade*, entre tanto que muitas vezes a malfeitoria he impunida, e até premiada. A *chave mestra* do sanctuario destes arcanos he a Religião Christãa, que nos ensina ser este mundo hum *valle de peregrinação*, e *estado de prova*, onde, como diz o Apostolo das Gentes, só vemos como em *espelho* e *enigma*, e que a *recta Ordem* da Providencia só se hade manifestar na vida futura.

Quanto mais que nem toda a *acção racional* he *acção moral*: esta só por tal se qualifica, quando os homens obrão com intenção e livre agencia, sobre objectos de deveres moraes. Tambem os animaes evitão o fogo, para não se queimarem; a agoa, para não se afogarem; o despenhadeiro, para não se precipitarem, os nocivos alimentos, para não morrerem, &c. Seria absurdo, e abuso censuravel de termos, o dizer-se que os homens, obrando desta maneira, exercem deveres moraes, evitando as penas naturaes da transgressão das Leis physicas à esse respeito: isso seria ridicula moralidade do cão e gato. Em fim he Lei Natural, que o homem plante e coma; mas he Lei Moral que não seja em terreno de outro, nem á custa do suor alheio.

(3) á pag. 78.

Os Estoicos não crião nos Oraculos do

* *Virtus laudatur et alget.* — Horat.

Paganismo, persuadidos de que Deos tinha inspirado á todo o homem, logo á *nascença*, quanto lhe era necessario saber dos seus deveres. * Sem dúvida a Lei Natural foi gravada no Coração do homem, com toda a luz necessaria, em quanto foi pura a sua original constituição; mas, depois da degeneração, a *imagem do Creator* ficou nella com eclipse; e por isso era indispensavel Revelação para a sua Regeneração. Se se rejeitasse todo o testemunho humano á esse respeito, pela vaga contradicta de *Volney*, que os homens podem ser *enganados* ou *enganadores*, desapareceria toda a fé Historica, que he huma das fontes principaes da nossa sciencia. Alias todo o individuo mal teria a sua tenue experiencia. A existencia da Lei Revelada se mostra pela maior possivel prova de Testemunhos e Monumentos literarios, que tem satisfeito aos mais pios e sabios homens de mais de deoito seculos.

(4) á pag. 78.

He *Invariavel* a Lei Natural nos seus preceitos capitaes, de evidente e geral utilidade á Especie humana, indicados no Cap. XVII: mas em outros objectos não se póde dizer que seja uniforme. Por exemplo: a Lei Natural não prohibia o casamento dos Irmãos e parentes na origem dos seculos, antes dictou a sua necessidade: tambem não condemnava a polygamia. Mas, depois de se fazerem as Nações populosas, a mesma Lei prohibe

* ——— *Dixit que semel nascentibus Auctor*
Quid quid scire licet. — Phars. Lucan.

e condemna taes uniões conjugaes, pelas suas pessimas consequencias á honestidade e paz das familias. Tambem não prohibia a communitade dos bens, em quanto havião vastas terras desertas e ferteis, com fructos superabundantes: mas, depois de crescidas as familias, e apparecendo variedade de máos caracteres de homens, huns industriosos e probos, e outros inertes e violentos, que só querião desfructar sem custo, e á força, o fructo do trabalho alheio, a mesma Lei Natural dictou a divisão das terras, e o direito da propriedade; logo mostrando a experiencia, que assim se alargava indefinidamente a esphéra da geral industria, segurava-se a ordem civil, e se produzião incomparavelmente mais riquezas para todos os individuos, do que no primévo estado da Natureza.

(5) á pag. 79,

Se a Lei Natural he *evidente*, porque o Genero humano não percebeo a sua evidencia por tantos seculos, como diz *Volney*, affirmando na pag. 81, e 82, que tal Lei forma huma sciencia tão exacta como a Geometria e as Mathematicas, mas que nem os Legisladores e sabios até hoje a havião conhecido senão *superficialmente*? Isto sem dúvida prova, que alguma calamidade sobreveio á Especie humana, que a impossibilitou de ter a *intuitiva evidencia* de tal Lei, como alias a tem da luz do Sol. No estado actual he impossivel que o principal corpo do povo possa fazer estudos sobre a Lei Natural com a profundidade correspondente áquellas difficéis sciencias.

(6) á mesma pag.

He *Racionavel* a Lei Natural; mas no sentido de ser conforme á *Razão de Deos*, e não por ser, em todos os seus effeitos, conforme á *razão do homem*. Porventura se podem explicar, só pela razão do homem, tantos espantosos phenomenos physicos, como tufões, terremotos, diluvios, incendios, pestes, sêccas, esterilidades nos chamados no vulgo *mãos annos*; que ás vezes destroem n'hum instante a milhares de homens (culpados e innocentes) e a incalculaveis fructos de seus honestos e penosos trabalhos? Como se póde dar razão de haverem tantos monstros, e mortiferos animaes, inimigos do homem, tantos paizes asperrimos, inhabitaveis, outros habitados, desde tempo immemorial, por salvagens, barbaros, e semibarbaros, que recusão toda a luz, e até a communição das Nações mais civilizadas! Tem sido bem notado por Moralistas e Naturalistas, que na Ordem Physica ha tantos ou maiores mysterios do que se encontrão na Ordem Moral. Mas he estulta soberba, e impia vaidade dos presumçosos, que se arrogão o titulo de *philosophos*, o dogmatizarem, não ser racionavel, ou ser contra a razão, tudo que a sua fraca razão não comprehende na imprescrutavel, mas sempre adoravel, economia da Providencia.

(7) á mesma pag.

He *Justa* a Lei Natural; mas no sentido de ser conforme á *Justiça de Deos*, que, vendo todas as relações do Grande Todo crea-

do, visível, e invisível, tem regras incomparavelmente superiores á *Justiça do homem*, que muitas vezes se regula por estreitas vistas de interesses locais. A julgar-se pelas ditas regras, como se póde explicar a origem, e, ainda mais, a continuação, de tanto e tão enorme mal moral, que affêa, e afflige a sociedade? Como se concilia com as idéas da justiça o serem punidos os filhos pelos peccados dos pais nas doenças hereditarias de gôta, lepra, escrophula, elephantisis, &c? Nas sagradas Escripturas bem se repete = *as vias de Deos, não são as vias do homem*: ellas são investigaveis.

(8) á mesma pag.

He falso que todas as Leis preguem a dissensão, a discordia, a guerra. A Lei Evangelica não cessa de clamar aos homens *paz, caridade, perdão*. O nosso Salvador, quando os discipulos lhe pedirão que fizesse vir o fogo do Ceo contra os incredulos, reprehendo a sua intolerancia, dizendo = *não sabeis de que espirito sois*.

(9) á mesma pag.

He calumnia á Christandade o dizer *Volney*, que os homens são ainda tão ignorantes e infelizes como o erão ha cinco mil annos. Onde se tem estabelecido a Religião Christãa, tem desaparecido a idolatria, polygamia, infanticidio, sacrificio de homens, queima de mulheres por morte dos maridos, e outras enormidades dos povos gentios. Na Europa tem, quasi de todo, desaparecido o

captiveiro domestico. Já as maiores Potencias da Christandade tem feito convenções para a extirpação do Trafico de Escravos d'Africa, e da Pirataria dos Barbarescos na Europa. Já a Typographia está fóra da esphera da Tyrannia, e se acha estabelecida até na Austrolasia, Quinta Parte da Terra. Em todas as Nações em que ha Luz da Revelação, se tem multiplicado Fundações Pias e Literarios. Não fallo no progresso das Sciencias e Artes, que ora já tanto allumião e confortão a Humanidade, com lustre não conhecido, nem sonhado pelos povos antigos.

(10) á pag. 80.

Se fosse *sufficiente a Lei Natural*, não sendo os homens impeccaveis, ella lhes dictaria com certeza os meios de obterem graça do Ente Supremo, arrependendo-se das culpas, em que até o justo cahê muitas vezes no dia: mas ella sobre isso nada dicta; e o mesmo *Volney* na pag. 111 diz, que tal Lei não permite reparar o mal por orações e mortificações. Logo era necessaria a Lei Revelada, para nos ensinar os expedientes de propiciar a Divindade offendida; do contrario, quasi todos os homens vivirão em miseria, cheios de remorsos da consciencia, e abandonados á desesperação; o que repugna á natureza, e ás idéas que a Humanidade tem da Divina Misericordia, que (segundo se diz na Escriptura) *está sobre todas as suas obras.*

(11) á mesma pag.

A França só deo espectáculo de horro-

res, quando a Faccão Revolucionaria, ainda dos que se intitularão *moderados*, e *gentes de bem*, affectarão seguir tão sómente a Lei Natural. Depois de se restabelecer alli a Religião Christãa he que a Nação Franceza re-assumio o character de Nação Moral, e se congregou com a Humanidade.

(12) á mesma pag.

Volney diz, que a existencia de Deos he ensinada pela Lei Natural; mas não affirma, que ella tambem ensine a sua Omnipresença, Providencia, Bondade, Justiça; e até não indica estes dogmas no seu cathecismo. Ora, sem terem os homens idéas claras de taes attributos divinos, a crença na existencia de Deos, por si só, não tem influxo na execução dos deveres moraes.

(13) á pag. 81.

Sem *culto externo* á Deos, e em Templos publicos, a experiencia tem mostrado ser impossivel manter-se qualquer Religião, e Estado, e nem ainda a Moral Publica. Até os mais constantes adoradores de Deos em espirito e verdade, e puros amantes da virtude, afrouxão da piedade, não tendo os sentidos a animação que resulta da communitade dos fieis e solemnidades religiosas, que fortificão o Espirito Nacional. A magnificencia do Culto e Templo dos Israelitas foi huma das mais poderosas causas do exemplar affêrro ás suas Instituições. Tambem a Christandade á isso deve a sua permanencia, não obstante os combates da *tyrannia* por

tantos seculos. Por isso *Voltaire*, o Patriarcha dos infieis, desenganou aos seus discipulos, de que era impossivel destruir a Igreja Catholica, em quanto se perpetuasse o *Ritual Romano*.

Vê-se pois que *Volney* nem mostra senso commum, quando em tom de Oraculo affirma, que o culto a Deos dos Sectarios da Lei Natural todo inteiro *consiste em acção*; isto he, na pratica e observancia de todas as regras, que a *sabedoria suprema* tem imposto ao movimento de cada ente.

(14) *á mesma pag.*

He certo, que, para o conhecimento da Lei Natural em seus mais complicados dogmas, se exige *o conhecimento de muitos factos, e toda a sagacidade do raciocinio*. Consequentemente he escusado *fullar razão* ao povo, inculcando-lhe a observancia da mesma Lei em muitas difficeis questões da Moral Publica, sobre que ainda existem contradictorias opiniões dos Moralistas, e Estadistas, taes como a legitimidade do cativoiro, do trafico de escravatura, da tolerancia de seitas, &c. Podia-se aqui muito alongar a Lista.

(15) *á mesma pag.*

Hum instincto, por si só, não indica a Lei Natural; mas instinctos reunidos a mostram: taes são os instinctos da sociedade, da paternidade, da religião, da sympathia, da consciencia, que conspirão a dar character moral ás acções humanas, demonstrando-se por elles a Vontade, e Ordem do Creator.

(16) á pag. 82.

Volney nega que a Lei Natural seja escripta nos corações dos homens; mas nas paginas 109, 112, 116, diz, que os sentimentos da justiça, da altivez, e a Lei da conservação, *estão plantadas no coração humano*. Eis *Volney* refutado por si mesmo.

Demais: na pag. 81 reconhece, que ha *actos e sentimentos communs* da Humanidade: na pag. 106 chama *axioma* o preceito = Não faças á outro o que tu não queres que se te faça =; o que he a *definição da justiça*: e na pag. 108 diz, que o outro preceito da *caridade*, ou *amor do proximo* = Fazer á outro o bem que quererias receber d'elle =, ainda que recommendado no Evangelho, he preceito da Lei Natural. Não explicando porém o como e quando taes sentimentos, axiomas, e preceitos, entrarão no espirito, a obvia e pia consequencia he, que não são idéas adventicias, mas effeitos de faculdades *innatas*.

(17) á mesma pag.

Volney diz: “ A conservação de si mesmo he pela Lei Natural o preceito fundamental, e *unico*. „ — Tal dogma não he exacto, e só serve de base á *Moral Egoistica*, já impugnada nos Capitulos 13 e 14.

Na pag. 88 disse, que o *egoismo* não he contrario ao estado social, porque “ não se deve ter por *egoismo* a inclinação de fazer mal á outro, pois então o amor proprio não vem a ser *amor de si*, mas *odio aos outros*. „

O *egoista* póde não ser convencido de odio ao Genero humano, e nem ainda á al-

hum homem: porém, quanto aos seus habituaes sentimentos e dezejos, visto concentrar em si todos os affectos, vem a ser, pelo menos, hum cidadão inutil no *designio*, posto que de *facto* nem faça mal directo, mas até *preste serviço* á seus semelhantes contra a intenção, pela benigna economia do Author da vida, conforme a qual na sociedade civil *ninguem vive para si só*.

Volney reconhece na pag. 85, que o salvagem não pôde ter segura a vida; e que por isso todos os esforços da Especie humana, desde a sua origem, tem sido o sahir desse estado violento, pela *necessidade urgente de sua conservação*. Reconhece na pag. 104 os effeitos da *União Fraternal*, e a impotencia da força de cada individuo sendo attacado por inimigos; e na pag. 105 attribue a segurança pessoal á *Comunidade dos Cidadãos*, que fazem de suas forças respectivas huma *Força Unica*, que toma o *character conservador*. Na pag. 105 adopta a opinião dos Moralistas, que tinham por = base e medida certa das virtudes sociaes, a sua *dedicação á causa publica* =; o que presuppões, que a Lei Natural dicta á cada pessoa, que, em conflicto da sua existencia e o Bem commum da Patria, cada individuo tem o dever moral de sacrificar a propria conservação á conservação de seus semelhantes: Tal he, e convém ser, hum dos principaes objectos da Moral Publica.

(18) á pag. 82

A *felicidade* dos homens, ainda temporal, foi tambem directo objecto do Creador, e

não só, como diz *Volney*, a sua mera *Conservação*; pois *felicidade* suppõe *prazer racional*, e vida sem prazer he desgraça, e quasi morte, trazendo enôjo, tédio, suicidio. Ora, não obstante a decadencia da Constituição do homem, nos paizes de governo regular, ainda a vida dos pobres industriosos e morigerados, tendo saude (que he o estado mais ordinario) se mostra cheia de prazer no trabalho, no descanso, no passeio, no divertimento, no colloquio, no comer, no somno &c. Isto he huma das provas da *Bondade Divina*.

O prazer pois não he, como o diz *Volney*, *objecto de luxo*, mas *necessario á vida*. A ingratição ao celeste Bemfeitor desapprecia os ditos prazeres, por serem communs á todas as classes de homens. Até onde predomina a miseravel lei do cativo, o escravo de bom senhor, póde dizer com o sabio da Escriptura *a luz he doce, o Sol agrada*. = (*Ecclesiast. cap. XI.*)

(19) á pag. 84

Diz *Volney*, que o *verdadeiro peccado original he a ignorancia*. Esta decisão he contra a declaração da Escriptura, que o attribue á desobediencia do primeiro pai dos homens á ordem de seu Creador, pela *soberba* de pertender igualar-se-lhe em sciencia.

A historia e experiencia mostrão, que da soberba, annexa á infatuação dos presumidos de sabios, tem provindo os horridos males da Sociedade. A crassa ignorancia tem causado mil calamidades; mas a *falsa sciencia* tem causado cem mil. As maiores catastro-

phes do Mundo civilisado forão as que sobrevierão ao destruido Imperio Grego e Latino, e que tiverão origem na corrupção da Moral Publica, pelas doutrinas impias dos Escriptores, que perverterão os espiritos dos Alexandres e Cesares, os quaes forão homens de extraordinarios talentos e conhecimentos. A devastação da França, e a desorganisação da Sociedade que a sua Revolução começou a fazer, emanarão principalmente de igual causa.

Além de que ainda a recta sciencia não disciplina assás, e menos subjuga, as paixões humanas, que só podem ser domadas pela sincera crença, e constante pratica dos dogmas e preceitos da Religião Christãa, unicos meios de haverem os bons homens auxilio divino, para a firmeza da virtude.

(20) á pag. 88

Volney diz que a *intenção he idéu sem realidade*: — Mas he incontestavel, que só a *intenção* he que dá moralidade ás acções; porque suppõe deliberação de agente livre para fazer ou contrariar o seu dever: ella he á que lhe dá o merito e demerito. Sim a intenção boa nem sempre justifica o acto, quando se obra com erronea consciencia; mas a intenção má sempre he culposa, ainda que não se siga o destinado effeito maligno; o que he obra da Providencia, que muitas vezes visivelmente confunde o perverso, e protege contra a malfetoria a innocencia.

(21) á pag. 89

A *instrucção e sciencia* são recommendaveis nas classes superiores e médias, visto que o seu directorio e exemplo muito influem na boa ordem da sociedade. Porém a *Arvore do conhecimento* não póde ser cultivada pelo corpo do povo, que em todos os paizes he destinado aos mechanicos trabalhos necessarios, sem que, todos morrerião, e ninguem teria tempo e descanso para os estudos literarios. O cathecismo da verdadeira Religião, e o ensino das artes uteis, são os que assegurão no povo a geral subordinação, moralidade, e subsistencia.

(22) á pag. 92.

A *abstinencia*, e *jejum*, (diz Volney) he só conveniente depois de demazia no comer; mas he delirio, quando se tem fome. —

A Natureza provêo á abstinencia e jejum, quando se come sobreposse: então logo vem o fastio, e a febre da indigestão, que fórça á diéta, sob pena de morte, ou molestia dolorosa. A Igreja ordena o abstinencia e o jejum com moderação, e não em fome real: esta prática habitua os homens á frugalidade, e á compaixão dos miseraveis, que soffrem privações do necessario á vida. O Governo, Inglez, ainda que não Catholico, quando sobrevem imminente perigo ao Estado, decreta *Jejum Nacional*.

(23) á pag. 92.

Volney aqui faz tacitamente cumprimen-

to á *Mahomet*, que no Alcorão prohibio o vinho. — Diz que a Lei Natural não prohibe o uso, mas só o abuso do vinho; porém, como “do uso ao abuso a passagem he facil e prompta, talvez os Legisladores que tem proscripto o uso do vinho, *tem feito serviço á Humanidade.* „

Não ha nos paizes de taes Legisladores a polygamia, com vicios de não menos desordens que á embriaguez? E porque *Volney* não faz igual suggestão contra o ferro, o pai das artes, tendo-se delle feito tanto abuso para guerras e mortandades? De que cousa em si boa não tem os homens feito máo uso? Porque não se recordou *Volney* da regra de senso commum, qual deo na pag. 84, que seria absurdo cortar-se a lingua pelo abuso da falla?

No *Deuteronomio* se prometteo, que se os Israelitas guardassem a lei, Deos lhe mandaria as primeiras e ultimas chuvas para boa colheita do vinho, trigo, azeite. Os povos a quem o Ceo não concedeo tão precioso e variado fructo da terra, tem procurado substitutos do vinho em semelhantes liquores fermentados. He experimentado, que nos paizes de vinhas, não he extenso o vicio da embriaguez. O nosso Salvador celebrou a Eucharistia com vinho, e ordenou que assim se fizesse em sua memoria.

O abuso do vinho tem produzido graves males; mas tem sido tambem occasião de grandes bens, pela saudavel medecina, alegria convival, abertura de coração, espontanea descoberta de cousas uteis á segurança dos Governos: o que já fez proverbial o dito = no vinho ha verdade. (*In vino veritas*),

He notado pelos Economistas, que a cultura das vinhas promove a dos cereaes; até fazendo aproveitar areias, penhas, e charnéas, que não podem ser *terras do pão*. O commercio de vinho sustenta muitos ramos do Circulo Maximo do trabalho e trafico do Mundo.

(24) á pag. 94.

As *Instituições Monasticas* tem prestado incalculaveis serviços á Humanidade, em nos transmittirem os Monumentos da antiga Leitura, e darem bons exemplos de vida regular, e *castidade absoluta*, que he *virtude angelica*, a qual tambem se adquire por boa educação, e fortificados habitos de *senhorio de si*, com que a *Razão* rege os appetites sensuaes. O progresso das sciencias he muito devido á illustres celibatarios, como *Newton*, (que até se fez no seu paiz famoso por aquella virtude), e que honrarão a Especie humana com os seus immortaes *partos de espirito*.

(25) á pag. 95.

Crescei, e multiplicai-vos, e enchei a terra, he Lei do Creador; mas admitte modificações do tempo e lugar, quando se verifica o *cheio*. Nos paizes vastos, fertes, desertos, ou pouco povoados, aquella Lei tem plena execução; de sorte, que bem se póde dizer, *onde hum homem e huma mulher podem bem subsistir, faz-se hum casamento*. Mas, onde a população chegou ao seu natural complemento, só a virtude da castidade absoluta em grande numero de pessoas, he a que póde salvar a Nação de miseria, fome, peste,

é guerra, como demonstrou *Malthus* celebrado Economista Inglez no seu *Ensaio sobre o Principio da População*.

(26) á mesma pag. 94.

A *Castidade das mulheres* he, sem dúvida, virtude de maior consideração que nos homens; não só pelas razões de interesse que *Volney* enumera, mas tambem porque, sendo á ellas mais facil essa virtude, pelo pudor do sexo, recato da educação, e serenidade do temperamento (que *Buffon* nota ser quasi geral) a que salta essas barreiras, he capaz de todos os vícios, como bem ponderou *Tacito* *. Isto porém em nada diminue a malfetoria dos homens no crime da seducção da candura feminil, antes lhes agrava a culpa, por fazella victima de ardil, com desgraça maior, sendo a offensa reciproca da lei da Natureza, cujo fim se defrauda. Em vão se requer a virtude da resistencia na mulher, quando se considera venial a aggressão do homem, que tem os meios fortes de triumpho, até na promessa do consorcio.

(27) á pag. 97.

Qualidades *moraes* impropriamente *Volney* attribue aos animaes, porque ellas só pertencem á agentes livres. A inda que se attribua fidelidade ao cão, ingratição ao gato, vingança ao macaco &c., taes factos não tem o character de virtude, e vicio.

* *Femina, amissá pulcicitá, alia non abnuerit.* — *Le Mor. Germ.*

Volney aqui condemna o *máo uso* da riqueza, e não falla no *vicio da má adqvisição*, que he incomparavelmente mais pernicioso, e commum: elle na pag. 113 condemna a *cubiça*, e o *desejo de adquirir*, que alias, não sendo com excesso, e exercendo-se por industria honesta, e sem meios injustos, não causa mal, antes bem, á sociedade. Tem-se visto a muitas, pessoas, que adquirirão riqueza com avidez e injustiça, depois fazerem recto, e até generoso, uso da mesma. No geral, onde ha Governo que proteja as pessoas, e propriedades, são, comparativamente, raros os que dissipão a sua riqueza com applicações más: nestas circumstancias, quasi todos empregão seus cabedaes em *trabalhos productivos*, para augmento dos proprios redditos, e patrimonios; e nisso ganha o povo salarios de industria util.

(29) á pag. 102.

A *Prodigalidade* he vicio, mas a *Avareza* o he tambem, e muito mais odioso e prejudicial. *Volney* he rigorista contra a prodigalidade, e não he censor da avareza, em que não falla. Mas o Juizo Publico sempre foi indulgente ao prodigo, e severo ao avaro; e com razão: pois aquelle dá comer á muita gente, e sente em fim a pobreza, como a natural pena da dissipação; e este até nega ao mendigo esfaimado as migalhas da meza, rindo-se da plebe que lhe nota a sordidez, e das scenas theatraes que o ridiculizão.

O nosso Salvador deo a *Lição Moral* nas parabolás do *rico avarento*, e do *filho prodigo*, condemnando áquelle, e perdoando á

este. Talvez a Providencia permitta a prodigalidade, para se corrigir a extrema desigualdade das fortunas, e girar na circulação o dinheiro estagnado nos cofres dos egoistas, que só tem o coração no thesouro, sendo inuteis á si, e ao Genero humano.

(30) á pag. 104.

O *Adulterio* he crime pouco inferior ao homicidio, e tem dado occasião á crueldades. No Imperio Romano até se deo impunidade ao marido, que matava aos adulteros, dando os Legisladores por escusa a *justa dor* do offendido.

A fidelidade conjugal he a maior garantia da fidelidade domestica, e huma das principaes columnas da Moral Publica, e da Honra das Nações. *Tacito* na sua obra dos *Costumes dos Germanos* bem diz, que nesse povo heroico a parte mais louvavel de suas maneiras era a *pudicicia das mulheres*, e a *pureza dos matrimonios*. * Onde se tem indulgencia, ou indifferença, aos seductores das mulheres casadas, pôde-se affirmar que ahi existe grande Corrupção Nacional.

Volney invectiva contra o adulterio só pelas desordens que sobrem ás famílias.

Mas a razão capital de sua enormidade na Igreja Catholica he, porque se offende o *Grande Sacramento* (como o intitidou o Apostulo das Gentes) em que á face do Altar os conjuges fazem a promessa de perpetua lealdade, e o nosso Salvador o honrou com a sua

* *Septâ pudicitia agunt — severa illic matrimonia: neque ullam morum partem magis laudaveris.* — Mor. Germ.

Presença, dando, pela ordem da indissolubilidade, a mais efficaz protecção ao bello sexo contra a inconstancia dos homens, e segurança de estado aos filhos legitimos, para a filial piedade, e paz das familias. Depois da Revolução da França se *dessagrou o casamento* (como diz *Burke*) porque o seu codigo civil o reduzio á contrato ordinario. Felizmente o Legitimo Monarcha já derogou essa disposição.

(31) á pag. 104.

Volney diz na pag. 102 que o amor paterno não he virtude *commum*. Ha sem dúvida pais desnaturados, e tem havido parricidas: mas são olhados com horror, como se fossem *monstros*. Ha mais razão de temer os effeitos da nimia indulgencia, que de escandalosa severidade dos Pais. Onde ha frequentes abusos de authoridade paterna, conte-se de certo que a Nação está desmoralizada.

A *obediencia filial* he a base da subordinação civil: ella porém não exclue o recurso dos filhos aos Magistrados, se os pais lhes negão alimentos, e lhes fazem máos tratamentos. Contra a *Satyra* de *Volney* oppo-nho a admoestação de *Hume* em hum dos seus *Ensaioes Moraes*: “ Vai, e vêde o triumpho da Natureza no amor paterno! Que paixão egoistica, que delicia sensual, se lhe emparêlha! O pai exulta na prosperidade, e virtude de seus filhos, e corre á seu socorro nos perigos os mais iminentes, e tremendos. ”

(32) á pag. 106.

Volney não definio oom exacção as Virtudes Sociaes. Diz que todas as *Accções uteis á*

Sociedade são Virtudes Sociaes. Isto só se verifica, quando tem por objecto algum dever moral.

Os que empregão capital e industria na Agricultura, Commercio, e outros ramos de trabalho util, sem duvida fazem acções uteis á Sociedade; mas ninguem, só porisso, os considera virtuosos.

Os Inventores de Machinas, que abrevião os trabalhos, e multiplicão seus productos, e igualmente os que tem feito descobertas nas Artes, e melhorado os seus processos, sem duvida fazem acções uteis á Sociedade, e ainda á posteridade; e alguns (segundo diz o Economista *Say*) mettem n'hum instante na circulação *immensa quantidade de sua mercadoria*, só com a revelação do methodo melhorado das operações, e dos instrumentos da mechanica. Que transcendente beneficio social tem feito, por exemplo, os inventores e aperfeiçoadores do sabão, das velas &c.? Com tudo ninguem ainda os canouisou por santos.

Os inventores da Machina Filatoria, e da Bomba de Fogo, são admirados como engenhosos, mas não venerados como virtuosos, tendo requerido premio de seus inventos. Quantos inventores de curativos fizeram grandes bens á Humanidade, mas morrerão sem revelarem o segredo de suas receitas? Taes Monopolistas e Egoistas receberão a sua paga, mas não deixarão immaculada a sua memoria.

Que acção mais util á sociedade que a de *Colombo* na descoberta d'America? mas a Humanidade só julgou quasi digno de altar ao Bispo *Las-Casas*, porque advogou na Corte de Hespanha a causa liberal dos Indios contra a tyrannia dos Castelhanos. *Franklin*,

porque descobriu a lei da Electricidade, fez incalculavel bem ao Gene.o humano, ensinando os meios de salvar dos raios os Edificios, e Navios, e pôr isso he louvado como o Promethêo do Novo Mundo; mas só se constituiu *veneravel*, e entrou no Templo da Memoria, porque muito contribuiu para a liberdade da Patria contra a despotica Supremazia da Metropole: alli predominou a curiosidade scientifica; aqui o amor do Bem Publico.

O criterio da Virtude he a execução que alguém faz de seu *dever moral*, como de ordem de Deos, e de bem intencional e desinteressado aos homens,

(33) d pag. 107.

Diz *Volney*, que os homens são *iguaes na ordem da Natureza*. Sem dúvida a Especie humana he homogenea, como nascida de hum só Pai: esta homogeneidade bem demonstra *Buffon* contra as objecções da variedade das côres, physionomias, e estaturas; mas todos os individuos não são iguaes ainda na ordem da Natureza, e muito menos na ordem da Sociedade, pela natural desigualdade de talentos, pela civil desigualdade de circumstancias pessoas e locaes, e pelas enormes differenças de merito, habilidade, e valor politico, derivadas da indefinida *divisão do trabalho*, pela qual os Cidadãos, conforme as respectivas variadas carreiras, e profissões, tem mais ou menos idoneidade para certos Empregos do Serviço Publico, que se não podem confundir sem decadencia e ruina do Estados. Mas, por *sentimentos communs da Humanidade*, he dever religioso tratar a toz

dos com justiça e benevolencia, quaesquer que sejam as suas condições, e fortunas; e nisto consiste a verdadeira *igualdade moral* do Genero Humano.

Na Revolução da França, em que, para engano dos povos, se inculcou o falso direito do Homem da *Igualdade* na ordem da Natureza, se desmoralizou a Nação, até o excesso de serem Magistrados os carneiros. Por isso o celebrado *Edmund Burke* disse, — que tal Revolução só estabeleceu a *igualdade dos vicios, dando esplendor á obscuridade, e distincção aos meritos os mais indistinctos.*

(34) á mesma pag.

Volney aqui inculca as vagas ideas da *Liberdade* no estado civil, e da *Auctoridade*, que a restringe, dizendo, que nenhum homem he necessariamente submettido á outro, nem tem direito de o dominar. — Mas donde se deriva o poder do Pai sobre o filho, e do Governo sobre toda a Communidade, que ou acquiesceo ao seu ascendente, ou reconheceo as vantagens da sua protecção? *Volney* não devia implicar a doutrina moral com abstractas questões de Politica. A Moral Publica exige a obediencia do povo ao Governo legitimo; e a prudencia dicta seguir a opinião de *Hume*, que (excepto o caso de tyrannia insupportavel) nenhum bom cidadão deve concorrer á forçadas innovações no Estado; pois, não obstante os defeitos das leis, e da Administração, *todo o Governo estabelecido tem infinita vantagem sobre qualquer outro, só por ser estabelecido.*

(35) *á pag. 108.*

Depois de reconhecido o Direito da propriedade territorial e mobiliár, não se pôde dizer com *Volney*, que *cada homem he senhor absoluto, e proprietario perfeito de seu corpo, e dos productos do seu trabalho*. Ninguem no actual estado da sociedade tem direito de plantar e colher em terra alheia contra a vontade do seu dono; nem, sendo-lhe adiantado por capitalista o salario e material de obra, se pôde arrogar todo o producto do seu trabalho; mas he necessario que o reparta com o mesmo capitalista: as justas proporções da partilha se regulão por Leis Naturaes, que os Economistas politicos demonstrão. O corpo principal dos trabalhadores em todas as Nações cultas, onde a população he exuberante, he o que necessariamente recebe o menos possivel do producto do respectivo trabalho; porque deve pagar a maior parte desse producto aos Proprietarios, aos Capitalistas, ao Governo. Tal he a organisação social, que em vão os Anarchistas tem pertendido desconcertar com os seus revolucionarios Pregões da Igualdade, Liberdade, e Propriedade de todos os homens.

(36) *á mesma pag.*

He falsa a doutrina, que, *quando fazemos mal á outro, damos-lhe o direito de tambem elle nos fazer mal*. Isso só pôde haver no estado salvagem. A tal direito (que he effeito do resentimento natural da injuria) renuncia-se no estado civil, só tendo o offen-

dido o recurso de pedir desagravo á Auctoridade Publica.

(37) á pag. 109

O *Perdão* das injurias, ainda no paganismo, sempre foi acto das almas grandes, e piadosas. O nosso Salvador deo o *Mandado Novo*, não só de perdoar, mas até de bem-fazer e amar aos inimigos, ordenando que jámais se retribuísse *mal por mal*. Elle declarou, que Deos reservara para si o *juízo e o castigo*.

Os Governos legitimos, como os Ministros da Justiça Divina, entram no lugar da Providencia, para punirem os máos incorrigiveis, até com pena de morte: e ainda assim, he da Prerogativa do Supremo Poder o conceder perdão em circumstancias que á Equidade o reclama, sem perigo do Estado. O espirito vingativo nos particulares seria de pessimas consequencias, se o Christianismo não tivesse com o preceito do perdão mitigado o resentimento dos offendidos, ainda nos mais graves casos. A doutrina de *Volney* só serviria de perpetuar o *barbarismo dos duélllos*, o *furor das querélas*, o *odio de familias*, a antipathia das Nações, e as guerras de terminio dos povos salvagens e barbaros.

(38) á pag. 110

Morrer sem esperanza de immortalidade, viver sem fé na Divina Revelação, são as maiores desgraças do homem, que assim se iguala á luz que se apaga, e ás bestas que perecem. Tal he a honra que *Volney* dá á

Humanidade! Pela sua Lei Natural, depois das acções boas ou más da vida, o resultado he NADA. Que animação para os Virtuosos! Que lição para os malfeitosres, que calculão com a impunidade, ou que mal olhão o ultimo supplicio como hum máo quarto d'hora! A Lei Natural dietou ainda aos salvagens o honrar a seus mortos: todos os povos sempre tiverão monumentos funeraes, que suppõe a crença de outro estado depois da vida: todos guardão tradições antigas, de que dos Ceos vierão emmissarios a lhes revelar cousas uteis ao Bem Commum. *Volney* espoliou ao corpo dos povos, que só vivem de trabalho duro, e tanto soffrem da malicia dos improbos, a sua unica propriedade he — *olhar ao Ceo* — esperando a condigna retribuição no futuro estado.

(39) *é mesma pag.*

A *Probidade* não he *sciencia difficil e delicada*, nem abraça conhecimentos complicados do estado social, nem calculo de interesses bem entendidos, com sacrificios de tennes gozos presentes por futuros e grandes proveitos. Os soberbos e cabalistas são os que fazem a *Probidade* tão intrincada como a *Geometria*. Ella só requer entendimento ordinario, e coração candido. Mal iria á Humanidade, se, para o povo ser probro, fosse necessario ser sabio.

Para ser huma Nação morigerada, basta, que, no corpo principal do povo, estejam fixos em todos os espiritos os preceitos da Moral Universal, de criarem e doutrina-rem bem os Pais aos filhos; e guardarem os

Mandamentos da Lei de Deos; mostrando-se-lhes a necessidade de serem obedientes e fieis ao Governo, e ás Authoridades por elle estabelecidas; não fazerem mal á ninguem, e fazerem á todos o bem que lhes he possível. O verdadeiro homem probo tem *simplicidade de espirito*; pratica os seus *reconhecidos deveres*, e deixa as consequencias á Providencia.

(40) *á mesma pag.*

Consciencia! que traz, dia, noite, e sempre, a condemnação contra o culpado! *Volney* só huma vez falla nella em seu *Cathecismo*. Mas os grandes malvados, que bebem o crime como a agoa, tem a consciencia *cauterizada*, como dizem os *Moralistas*: ainda que às vezes lhes occorra na memoria a *força*, affrontão os terrores, na esperanza da unica felicidade, que *Volney* indica na pag. 111 de *não serem enforcados*.

(41) *á pag. 111.*

He falso que a Lei Natural dê ao roubado o *direito de roubar*; isto he *Pregão da Anarchia*.

(42) *á mesma pag.*

He ainda mais falso, que o que commette homicidio, dê aos parentes e amigos do morto, hum direito igual de tirar a vida ao matador. Esse falso direito só se exercê *de facto* em Governo irregular, que não dá á competente protecção aos individuos.

(43) *á mesma pag.*

Volney diz, que a Lei Natural não permite reparar o mal com *orações, jejuns, mortificações &c.* Mas a Natureza, (que nada faz de balde) deo aos homens as lagrimas do arrependimento, e do pezar pelo mal feito; elles não são impeccaveis, antes fracos, irasciveis, e de paixões animaes: quando o remorso condemna, que recurso natural pódem ter senão o da *oração* ao Pai Celeste para o perdão! Toda a antiguidade consagrou esse expediente, como se vê nos mais celebrados Poemas. Quanto ao *jejum* já assás se disse na pag. 132: a *mortificação dos sentidos* he dictada até pela *Sciencia dietetica*, que Volney approva na pag. 93 o justo meio nas cousas foi sempre boa *lição moral.*

(44) *á pag. 112.*

Volney aqui attaca todas as *praticas expiatorias*, attribuindo-lhes a *Depravação Moral*, e considerando o seu uso como a *verdadeira causa de todos os males* da sociedade: todavia na pag. 100 reconhece, que algumas praticas semelhantes, que erão typicas da virtude da *pureza*, e de prevenção de *impuridade*, na origem, forão bem fundadas, ainda que depois degenerarão em abusos e prejuizos. A censura só deve recahir sobre os ritos barbaros dos *sacrificios humanos*, e *traficos sacrilegos*, que a ignorancia e malicia tem causado, introduzindo a abominação até em lugares santos.

(45) á mesma pag.

A *Humildade Christã* não traz idéa de fraqueza, e só consiste no reconhecimento da tenuidade da nossa intelligencia, e virtude, e na devota resignação e confiança na tutela do Poder Divino, que só nos pôde livrar da violencia dos máos: do contrario, se sempre se opposesse *força á força*, nem haveria paz na terra, e a *balança não seria justa*, porque a vantagem estaria da parte do *mais forte e iniquo*. Esta humildade com tudo não obsta aos recursos da lei, para obter o offendido a reparação competente: porém jámais devemos esquecer-nos, que *espírito vingativo* he o *terri-vel monstro* da sociedade.

(46) á pag. 113.

O *desejo de adquirir* não se deve confundir com a *cubiça* desordenada. Sem aquelle desejo, os homens permanecerião no estado selvagem; e com elle a sociedade civil tem subido já muito, e he capaz de subir á hum auge indefinido de riqueza e magnificencia, que emule (ainda que sempre em miniatura) a belleza e munificencia do Ente Supremo nas Obras da Creação. Quem não se extasía à vista de campos bem cultivados com variedade de plantações e bemfeitorias; de Portos cheios de Navios; de Cidades brilhantes; de Fabricas de trabalho, occupando innumera-veis industriosos, que vivem das *obras de suas mãos*? Tudo isso vem do *desejo de adquirir*, e consequentemente do instincio de *melhorar de condição*: sendo tal desejo regulado pela Moral, he justo e virtuoso, e simples ef-

feito da *prudencia*, *previdencia*, *actividade*, que o mesmo *Volney* na pag. 90 e 98 justamente recommenda e estima entre as *virtudes individuaes*.

(47) á pag. 115.

Simplicidade de costumes! Contentamento do pouco! Eis o *Receituário Moral* de *Volney!* Já na antiguidade se disse, que a capa de *Diogenes* encobria mais orgulho, do que a *purpura* de *Alexandre?* Porque não usou da receita, quando *Bonaparte* o nomeou *Senador* com ordenado de secenta mil libras?

Luxo! Que horrído quadro faz *Volney*, em servil copia de *Mably*, que tentou reduzir a *Humanidade* quasi á *sópa negra* dos *Lacedemonios*. Isto produziu o *Sans-culotismo* dos *Revolucionarios* da *França* (antes tão distincta pela *industria Franceza*) que porisso *comprou pobreza com malfeitoria*. He, e será sempre, verdade o que disse *Montesquieu*: — *Se os ricos não despendem muito, os pobres morrerão de fome.*

Luxo he hum termo indefinido, e indefinivel: elle não tem por objecto cousa fixa, mas relativa ao paiz, tempo, e civilisação das Nações. O que he *luxo* para Estado pobre, he *miseria* para Estado rico.

Que he *luxo*, em ultima analyse, mais do que alguma obra da *Natureza luxuriante* (como dizem os *Naturalistas*) ou das *Artes da paz*, colhida, ou feita pelo engenho e braço dos homens, em consequencia da *Cooperação Social?* He o rico, ou o pobre, que faz esse trabalho? O *jornaleiro*, que hoje só tem grosseiro vestido, goza do serviço de in-

numeraveis co-irmãos habitantes em mui diversas, e remotas partes do Mundo.

Quem o ereria? Até o misero apanhador de trapos ganha o seu pão cooperando prodigiosamente para a Literatura, e Riqueza da Sociedade! Em as Nações mais industriosas, e consequentemente mais abundantes em *artigos de luxo*, he onde se vê mais geral emprego e contentamento do povo, e onde se faz a mais extensa economia, aproveitando-se para as manufacturas a milhares de objectos, cujo bom uso seria desconhecido, com enorme desperdicio de cousas proveitosas, e gratas á vida. Ahi até o vicio perde a metade da sua deformidade, perdendo a sua grosseria.

Não he aqui o lugar de tratar a *questão do luxo*, que pertence á Economia politica. Não se deve porém confundir o *luxo da ladroeira* e extravagancia dos conquistadores, tyrannos, e velhacos, com o *luxo da razão*, que provém do espirito de invenção, divisão do trabalho, e estimulo da energia industria, que tendem a dar a todas as cousas melhora, elegancia, e perfeição. Como se hade fazer parar o andamento da sociedade em todos os processos da Tarefa Social, á que a intelligencia dos homens de dia em dia dá prodigiosa expansão, e que facilita, á todas as classes muitos commodos e gozos da vida? Se alguns cobiçosos saltarem de sua esphera, a Justiça os fará entrar nella.

(48) á pag. 116.

Já acima na pag. 138 se mostrou a im-

propriedade da definição, que *Volney* dá ás *Virtudes Sociaes*.

(49) á mesma pag.

He falso que a *Natureza* nos faz hum crime de tudo que se aparta da *Lei* da nossa conservação: ao contrario, por senso commum da Humanidade, ainda no Paganismo, sempre se considerarão como *Thaumaturgos de Virtude* os *Heróes de todas as Ordens e idades*, que, em grande numero, tem sacrificado a propria conservação á salvação da *Patria*; e isto o celebre *Moralista Valerio Máximo* diz ser dictado pelas **SANTISSIMAS LEIS da NATUREZA.** *

A doutrina de *Volney* abate o valor Nacional, e só póde fazer cobardes, e não bons soldados: ella assemelha-se á de hum fidalgo egoista, que, expedindo para a guerra a hum filho, disse-lhe, que os que expunhão a sua vida pela Nação, se enterravão no intitulado *Campo da honra*; mas os que zelavão a propria conservação recebião *Vivas e Commendas*.

(50) á mesma pag.

A *Natureza* não tem por fim primario a conservação de cada individuo, mas sim a conservação da *Especie*. Não he objecto de ensino scientifico o inculcar-se, com tan-

* Patet ergo quàm benignæ, quàm que profundæ pietatis erga patriam omnium ordinum, omnis cetatis homines extiterint, " sanctissimis que naturæ legibus, " mirificorum etiam exemplum clara mundo subscripserit ubertas. — Lit. V. Cap. VI.

ta emphase, o dever da conservação, que exuberantemente está seguro pelo fortíssimo instincto do *amor proprio*: o empenho do Moralista deve ser o dar, contra o ferrenho egoismo, o impulso contrario para o *amor do proximo* e do *Estado*. O Magisterio deve consistir em saber e inspirar os motivos constantes de exercer cada cidadão *espirito publico* e *philanthropico*, para o bem commum da Patria, e da Humanidade.

(51) *á mesma pag.*
Vive para teus semelhantes, a fim de que elles vivão para ti: — Exhortação superflua!
 O Author da vida á isto providenciou com tanta sabedoria e bondade, que cada homem, queira ou não queira, *vive para seus semelhantes*, em virtude do instincto de sociedade, e da divisão do trabalho: dahi resulta, que ainda o infimo obreiro não vive do immediato producto de sua industria, mas do reunido trabalho de milhares de seus semelhantes, que, por via do troco, o supprem com muitas cousas necessarias, e commodas á vida. O rico avarento, se quizer ter ganhos pelos seus thesouros, he obrigado a pôllos em circulação: o que faz a casa para si, esquecido da sepultura *, tambem edifica para a posteridade. Havendo Governo Protector, pôde-se estar certo, que todo o subdito se esforçará em viver para a Communidade, e bem desempenhará o que diz o Apostolo das Gentes (Ad. Rom. XIII.) NINGUEM VIVE, NEM MORRE, PARA SI SO'.

* Struit domos sepulchri immemor. — Senec.

CAPITULO XXI.

Observações sobre o Cathecismo da Natureza do Barão d' Holbach.

NO Cap. XVIII mencionei a Obra de grande voga na França, que se diz escripta antes da sua Revolução com o titulo de *Moral Universal*, sendo depois publicada em compendio com o titulo de *Cathecismo da Natureza*, attribuido ao Barão d' Holbach, que era o primeiro Cathedratico em Paris da Escola de *Voltaire*. He desnecessaria a sua refutação explicita; porque fica antecipada na que offereci contra *Volney*, que o teve por modelo, e de que fez plagiato, occultando-lhe o nome. Para os leitores formarem conceito de tal Obra, e se prevenirem contra as suas doutrinas sophisticas, bastará expor alguns dos seus sentimentos, e fazer-lhes breves observações.

Este Escriptor começa a sua exposição, notando a falta de progresso da *Sciencia Moral*, sendo aliás a mais interessante á todos os Povos. Elle a generaliza dizendo, que a *Politica* não he mais que a *Moral applicada á conservação dos Estados*; a *Jurisprudencia* a *Moral consagrada pelas Leis*; o *Direito das Gentes* a *Moral applicada á conducta das Nações entre si*. Nisto diz bem; porém devia igualmente ennumerar a *Economia Politica*, como a *Moral applicada á sociedade civil*, para dar estimulo á Geral Industria e correspondencia da Especie humana, a fim de produzir-se a abundancia do necessario e commo á vida, que são os mais efficazes re-

medios sedativos das paixões animaes para a subordinação e paz dos povos, sem que he impossivel Moralidade e Virtude; porque (segundo o vulgar proverbio) — *a necessidade não tem lei.* —

Não he da emprehendida taréfa, e minha esphéra, abranger aqui esses ramos da *Sciencia Moral*, que envolvem os complicados casos dos Interesses das Nações, e que porisso tem difficuldades na decisão do *justo* e *injusto*. Bastará aqui prenotar, que nos Estados cultos ha tão geral convicção que existe huma *Ordem Moral*, estabelecida pelo Ente Supremo para o Bem Commum da Especie humana, que todos os Governos no *Preambulo de suas Leis*, e *Manifesto de suas Guerras*, expoem as razões de justiça em que se fundão, como em apologia e reverencia á Divindade, e Humanidade.

A censura capital do dito Cathecismo he que o Escriptor, supposto reconheça a existencia de Deos, com tudo destroio os dois mais solidos fundamentos da Moral universal, isto he, a *Consciencia do Genero Humano*, e a *Immortalidade d'alma*.

Sim reconhece, que ha *virtude*, e *vicio como ha saude e doença*: porém contradiz aos Moralistas modernos, que, (diz) arrasados pela authoridade dos antigos, tem crido, que os homens recebem da Natureza idéas que chamavão *innatas*, com ajuda das quaes elles julgavão rectamente do *bem* e *mal*; e consideravão a razão, virtude, justiça, benevolencia, piedade, como qualidades essencialmente inherentes á constituição humana; e que a Natureza havia gravado em todos os corações as verdades primitivas,

o amor do bem, o odio do mal moral; e que por isso todos julgavão sãamente sobre as acções como boas ou más com auxilio de hum *Senso Moral*, o qual vinha a ser o critério infallivel para decidir-se com certeza sobre o mérito e demérito de taes acções. Elle reprova tal doutrina, igualando-a á crença das *qualidades occultas*.

Diz que a Moral que elle appresenta, he o conhecimento natural dos *deveres do homem* na vida deste mundo; que, seja qual for a opinião que se adopte sobre a sua alma, e sorte futura, quer a alma seja immortal, quer não, (o que deixa ás discussões da *Metaphysica* e *Theologia*) os deveres da vida social serão sempre os mesmos; e que, para os conhecer, bastará saber, que todos os homens são susceptiveis de experimentarem o prazer e a dor; e que cada pessoa vive com entes que sentem como elle, e que he obrigado a merecer a sua benevolência, para alcançar o que deseja, e para remover de si o que póde desagradar.

O Pseudo-Cathechista he Sectario do *Sistema Egoistico*, que degrada a Constituição humana. Tratando na Parte I. Cap. VI. do *Interesse* ou do *Amor de si*, diz: "Alguns *phylosophos* tem fundado a Moral sobre a *benevolencia innata*; mas essa benevolencia não póde ser senão o effeito da experiencia, e da reflexão, as quaes nos mostram, que os outros homens são uteis á nós mesmos, e que se achão em estado de contribuirem á nossa propria felicidade. Huma *benevolencia desinteressada*, de que não nos resultasse, da parte daquelles que a inspirão, nem ternura, nem retribuição, seria hum sentimento des-

tituido de motivos, ou hum *effeito sem causa*.

Todo o homem mostra benevolencia aos outros por consideração á si proprio. Elle quer fazer amigos, isto he, entes, que se interessassem para si mesmo; ou alias experimenta este sentimento para com as pessoas de quem já tem experimentado disposições amigaveis; ou finalmente porque quer attrahir a estima de si mesmo, e da Sociedade.

Cita a auctoridade do Latino Moralista *Seneca*: — *quem bem ama a si mesmo, he amigo de todos os outros.* *

Mas este *Dogma oracular* he o *Egoismo idolatrado*, que deve ser o empenho da verdadeira Moral, exterminar dos Estados de Bons Costumes, e que aspirão a ver predominar o Espirito Publico.

Diz mais, que o "*instincto moral* he a faculdade de julgar com promptidão, sem hesitação, e sem que a reflexão pareça ter parte em o nosso juizo. Este instincto, e essa promptidão de julgar, são os effeitos do habito adquirido pelo exercicio frequente. No *physico*, por instincto nos levamos para os objectos proprios a causar prazer aos nossos sentidos; no *moral*, experimentamos hum sentimento prompto de estima, admiração, e amor das acções virtuosas, e horror ás acções criminosas, conhecendo logo, ao primeiro golpe de vista, a sua tendencia e fim. A promptidão com que esse instincto, ou este *facto moral*, he exercido pelas pessoas esclarecidas e virtuosas, tem feito erer a muitos Moralistas, que esta faculdade he inherente

* Qui sibi amicus est, scito hunc amicum omnibus esse. — *Seneca Epist. VI. in fine.*

ao homem, e que a trouxera da nascença, sendo alias sómente o fructo da reflexão, do habito, e da cultura do espirito, que se aproveita das nossas propensões naturaes, ou que nos inspira os sentimentos que devemos ter. „

No Capitulo da *Morte* diz que “supposto nada devesse parecer mais efficaz para excitar os homens á virtude, e os remover do mal, do que a persuasão de huma felicidade eterna, espiritual, ineffavel, e o temor dos castigos rigorosos, e sem fim; comtudo a experiencia nos faz ver, que estes motivos, appresentados cada dia pelos ministros da Religião, nada pôdem, ou, pelo menos, só influem fracamente no maior numero do povo. Os homens, na maior parte dominados pelo presente, nada pensão sobre o futuro, que lhes parece sempre muito afastado. O mundo está cheio de viciosos que professão submeter-se á Religião, e crerem em premio e castigo que ella annuncia, sem que taes idéas produzão algum bem real na vida presente. Porisso tem-se visto soberanos muito religiosos, e todavia muito injustos e tyrannos. „ Dahi conclue, que a cousa mais propria para consolar o homem sobre a necessidade de morrer, he a idéa de subsistir na memoria dos outros Tendo-se bem merecido do Genero humano por seus serviços, em falta de huma immortalidade sobrenatural (*que só o homem religioso tem direito de se prometter*) elle se lisongeará de alcançar huma *immortalidade natural*, produzindo longo tempo sentimentos de ternura nos corações de todos que deixou nesta vida.

Estes discursos bem mostram a incoheren-

cia dos Deistas. O Escriptor do *espírito das leis* bem convenceo a futilidade de taes argumentos. “ Dizer que a Religião nada póde, nem reprime os máos, por que não reprime sempre, e a todos, he dizer que as Leis civis tambem de nada servem, porque muitos malvados afrontão os medos dos castigos rigorosos. Os homens na maior parte morrem sem deixar memoria, ou mui pouco tempo extensa e duravel. Que consolação para os infelizes he a que dá á Humanidade o Moralista da Natureza !”

Em fim, depois de tres Volumes da intitulada *Moral Universal*, o Pseudo-cathechista diz, que, se algum Ecclesiastico fizesse hum *Cathecismo claro* da Moral, mereceria o reconhecimento do Genero humano. A isto qualquer pessoa do povo, que não tiver o coração corrupto, póde dizer, que elle se encerra na seguinte profissão de fé da Religião Natural:

Com suor de meu rosto o pão grangeio,
Alegre trabalhando em lida honesta:
Da consciencia a voz me manifesta
Quanto a Virtude he bella, o Vicio he feio.
A ninguem faço mal; o bem que posso
(Fé, e esperanza em Deos) á todos faço.
Da Patria ao Comum Voto satisfaço.
Da Lei da Natureza eis breve esboço!

FIM DA PARTE I.

INDICE

DA PARTE I.

	pag.	III
<i>Introdução.</i>		
<i>Cap. I. Da Constituição da Especie Humana</i>	1	1
<i>Cap. II. Da Decadencia da Constituição Moral do Homem</i>	5	5
<i>Cap. III. Dos Classicos Moralistas da Grecia</i>	6	6
<i>Cap. IV. Dos antigos Fundadores de Escolas da Moralidade, e de seus Commentadores.</i>	12	12
<i>Cap. V. Da Seita Estoica</i>	16	16
<i>Cap. VI. Dos Classicos Moralistas Latinos</i>	17	17
<i>Cap. VII. Da Lei Natural, e sua influencia, e vasta observancia, em todos os Estados, ainda incultos</i>	21	21
<i>Cap. VIII. Das Opiniões dos Moralistas modernos sobre o fundamento da Obrigação Moral</i>	25	25
<i>Cap. IX. Da Insufficiencia da Luz da Razão para bem se conhecer a Lei Natural, e Pura Moral</i>	30	30
<i>Cap. X. Refutação de Payne</i>	35	35
<i>Cap. XI. Confirmação do exposto</i>	39	39
<i>Cap. XII. Confirmação das Doutrinas antecedentes</i>	42	42
<i>Cap. XIII. Da Moral Egoistica</i>	50	50
<i>Cap. XIV. Systema Anti-egoistico</i>	54	54
<i>Cap. XV. Do Systema Sympathico, ou da Sensibilidade Moral</i>	60	60
<i>Cap. XVI. Da Educação Moral</i>	66	66
<i>Cap. XVII. Das Classes dos Deveres Moraes</i>	70	70
<i>Cap. XVIII. Theoria de Volney, sobre a Lei Natural, e Moral Universal</i>	73	73

	Cap. XIX. Cathecismo de Volney: ex- posição da Lei Natural	75
	Dos Caracteres da Lei Natural	77
	Principios da Lei Natural, em relação ao Homem	82
III	Bases da Moral; do Bem e Mal; do Peccado, do Crime, do Vi- cio, e da Virtude	87
I	Das Virtudes Individuaes.	89
5	Das Virtudes Domesticas.	101
8	Das Virtudes Sociaes.	105
	Cap. XX. Refutação do Cathecismo Moral de Volney	117
	Cap. XXI. Observações sobre o Ca- thecismo da Natureza do Barão d' Holbach.	152
17		
21		
25		
30	N. B. No fim da Tenceira Part. desta Obra, se publicaráo as Erratas.	
39		
42		
50		
54		
60		
66		
70		
73		

